

## S. Vicente de Lisboa e seus milagres medievais

### Nota Prévia

A descoberta de uma nova colecção de milagres do mártir S. Vicente na Biblioteca Nacional de Lisboa está na origem do trabalho que seguidamente damos a público.

Havia não apenas que fixar um texto que nos aparecia em testemunho único e isolado, mas também situá-lo tanto por relação com o arquétipo perdido, e do qual dista pelo menos um século, como relativamente à outra colectânea de milagres que, sob o nome de Mestre Estêvão, chantre da catedral de Lisboa, havia sido integrada num dos volumes do Legendário Alcobacense em inícios do séc. XIII e D. Rodrigo da Cunha e D. António Brandão haviam ainda conhecido num outro testemunho da Sé de Lisboa.

Associar os dois textos implicava, antes de mais, ter de descobrir a sua inter-relação e, a partir dela, a sua funcionalidade, que o mesmo é dizer a intencionalidade originária e a recepção subsequente.

Nem todas as questões ficarão aqui indubitavelmente resolvidas nem sequer explicitamente enunciadas, a começar pelo significado global de uma qualquer colectânea de milagres, já que apenas se apontará para o seu carácter de livro / registo aberto e o facto de, no caso em apreço, estarmos perante redacções unitárias independentes com transferência do texto da introdução de uma para outra e a associação à segunda de um texto hagiográfico tradicional com adaptações que obrigam a questionar, uma vez mais, a intencionalidade primitiva.

Também não nos preocupou o alargamento do horizonte para articularmos os nossos textos com o panorama concreto e mais ou menos largo das «Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média», já que tal percurso está feito, com conhecimento de causa e mestria de estilista, por Mário Martins, S. J., a quem aqui pretendemos prestar a nossa homenagem.

Fixar-nos-emos nos textos, onde a polaridade principal é dada pela introdução que fixa o mártir S. Vicente como o santo que Lisboa, saída da Reconquista, elege para patrono.

Independentemente de uma invocação anterior poder explicar a escolha feita em relação ao mosteiro levantado na colina oriental, em frente da cidade, tal gesto manifesta uma adesão colectiva. Inovadora e sem dúvida necessária.

As nossas colectâneas, através de uma introdução comum, registam-na por igual; se não de imediato, pelo menos de perto, ficando apenas de permcio a distância necessária para a memória se tornar celebração.

Acompanham também a difusão de um culto que se expande e extravasa para fora do santuário veiculado por símbolos falantes que prolongam o sentido do gesto inicial e recuperam harmonicamente motivos da tradição legendária e de cultos localizados em pontos geograficamente distantes, mas simbolicamente influentes.

Registam elas igualmente, em movimento inverso, e através de gestos repetidos de peregrinação e de acolhimento ao patrocínio do santo, a reintegração na vida colectiva de pessoas em dificuldade, privadas de saúde por qualquer doença ou atingidas por qualquer adversidade. A exteriorização da festa que daí deriva não merece aqui a censura que, mais tarde, figurará no cap. 32 das Constituições de D. João Esteves de Azambuja (1402-1414), onde se estabelece «que non cantassem nem dançassem nem balhassem nem trebelhassem nos mosteiros e egrejas cantos, danças e trebelhos desonestos nem em a festa de sam Vicente». Com os nossos textos estamos efectivamente nos primórdios e apenas por excepção vislumbramos traços de transgressão que precisem de regulamentação proibitiva.

É na recuperação deste sentido originário que propomos a sua leitura em edição que retoma em revisão o texto publicado nos PMH ou interpreta, pela primeira vez em forma impressa, o testemunho inédito e lhes acrescenta a respectiva tradução, com os comentários anexos na introdução e nas notas complementares.

Preparada no âmbito do Seminário de Filologia Latina Medieval, de que o primeiro signatário é responsável na Faculdade de Letras de Lisboa, esta edição quer ser também uma afirmação do que, cremos, é possível oferecer como serviço para uma descoberta mais alargada das várias expressões da memória colectiva em que nos inserimos. Desnecessário explicitar o que pertence mais a um ou a outro porque, se ela pressupõe uma orientação, resulta finalmente de um esforço comum e de uma colaboração que sobretudo queremos sublinhar.

## INTRODUÇÃO

### A cidade e os seus santos

Lisboa depois de 1147. Uma realidade nova: a vitória dos cristãos do Norte sobre o Islão. Distante fica a apagada presença greco-romana, transformada, no tempo, pela permanência visigodo-cristã e, logo após, pela intervenção muçulmana.

Será desnecessário desenvolver aqui todo esse passado para nos fixarmos especificamente na cidade undecentista que unicamente nos interessa<sup>1</sup>. Espaço de circulação comercial e de riqueza, dominando uma poderosa via fluvial, receptáculo de produtos de luxo trazidos dos confins mediterrânicos, ela é também um local de tolerância entre dominados e vencedores. Ainda que à sua volta se estenda um espaço rural dominante, ela concentra em si, no seu perímetro urbano, uma realidade social assente na memória histórico-cultural dos seus grupos, particularmente marcante nas suas expressões religiosas<sup>2</sup>.

É sobretudo o grupo dos cristãos moçárabes aquele que melhor traduz a sua identidade cultural de tipo religioso que se exprime em rituais litúrgicos específicos e mantém viva uma memória de largos referenciais, formados por costumes e instituições ou personagens, santos e mártires, que dão sentido ao próprio quotidiano cidadão.

É neste clima que a cidade festeja a recuperação de uma entidade simbólica como o eram as relíquias de S. Vicente, santo ao qual sempre os moçárabes haviam atribuído especial atenção<sup>3</sup>. O acontecimento

---

<sup>1</sup> Baste-nos remeter para GÉRARD PRADALIÉ, *Lisboa, da reconquista ao fim do século XIII*, Lisboa, 1975.

<sup>2</sup> O panorama não difere do traçado por JACQUES LE GOFF na introdução a *Histoire de la France urbaine — La ville médiévale*, (dir. Georges Duby), Paris, 1980 pp. 11-25; cf. igualmente do mesmo autor *Os intelectuais na Idade Média*, Lisboa, 1983, pp. 11-13.

<sup>3</sup> Sobre o caso específico de S. Vicente e Lisboa, cf. CARMEN GARCIA RODRIGUEZ, *El culto de los santos en la España romana e visigoda* Madrid, 1966, pp. 257-278; MÁRIO MARTINS, *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, Lisboa, 1957, cap. II, «Peregrinações a S. Vicente do Cabo» pp. 41-52; IRISALVA MOITA in *Catálogo da Exposição iconográfica e bibliográfica comemorativa do VIII centenário da chegada das relíquias de São Vicente a Lisboa*, Lisboa, 1973, pp. 15-109; Con. JOSÉ FALCÃO, *O mártir S. Vicente e a sua liturgia*, Lisboa, 1974, pp. 5-18; L. KRUS, «A representação do mundo», in *Catálogo da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura — Madre de Deus*, Lisboa, 1983, pp. 275-278.

concretiza-se na busca dos restos do seu corpo realizada, ao que encontramos referido, por 1173, e o seu impacto é de tal maneira efectivo que corre o risco de dividir os devotos e degenerar em violências quando se põe em causa a escolha da igreja à qual deveriam esses restos recolher <sup>4</sup>.

No entanto, Lisboa era uma cidade copiosa em relíquias de santos e centros de devoção. Veneravam-se na cidade, nesse séc. XII, santos aí fixados de há muito: Sta. Justa, S. Gens, Sto. Anastásio, S. Plácido, S. Manços (na Sé e noutros templos), S. Veríssimo, Sta. Máxima e Sta. Júlia (no mosteiro de Santos), S. Félix, Sto. Adrião e Sta. Natália (no mosteiro de Chelas), entre outros. Une-os a todos o facto de serem mártires da tradição hispânica, remontando em boa parte ao séc. IV, e alguns deles ligados à cidade pelo martírio e pela sepultura <sup>5</sup>. Apesar disso, Lisboa vai eleger para padroeiro um santo do Sul hispânico. Que razões poderão explicar essa atitude? Factores exógenos?

S. Vicente era um santo não só tradicional, mas que juntava a essa particularidade a de revivescência do seu culto junto das elites do poder, das cortes cristãs, particularmente da francesa <sup>6</sup> e passará a sê-lo também das hispânicas, mormente da portuguesa. Nisso poderá servir de testemunho o venerável Missal de Mateus, trazido de Moissac para Braga em inícios do séc. XII, o qual o inclui no seu santoral, onde lhe é dispensado relevo particular <sup>7</sup>. Esse facto não poderá dissociar-se também da emigração franca para o ocidente peninsular <sup>8</sup>, a qual incide sobretudo nos quadros culturais. Por outras palavras, a preferência por

<sup>4</sup> Cf. textos que adiante se publicam.

<sup>5</sup> D. RODRIGO DA CUNHA, *História eclesiástica da Igreja de Lisboa. Vida e acções de seus prelados e varões eminentes em santidade, que nella florecerão. Oferecida ao duque de Aveiro Dom Raymundo de Lencastro*, Lisboa, 1642, I parte, I vol., caps. XII-XIV, XVIII-XIX; II parte cap. XXXVII. Reconheça-se que nem todas as informações de D. Rodrigo da Cunha estão isentas de contestação crítica; cf. P. MIGUEL DE OLIVEIRA, *Lenda e História — Estudos Hagiográficos*, Lisboa, 1964, pp. 107 ss. (S. Manços); p. 116 (S. Gens); p. 136 (S.ta Zita); pp. 149 ss. (S.tos Veríssimo, Máxima e Júlia); p. 169 (S. Narciso); pp. 170 ss. (S. Félix); pp. 174 ss. (S.to Adrião e S.ta Natália). Cf. Igualmente CARMEN GARCIA RODRIGUEZ, *Op. cit.* pp. 199-201 e 304-312 (S. Félix, S.to Adrião e S.ta Natália); pp. 279-281 (S. Manços, S.tos Veríssimo, Máxima e Júlia S.ta Iria).

<sup>6</sup> É conhecida a viagem empreendida por Usuardo em 858 para obter as relíquias do santo, sem que o tenha conseguido. Pouco tempo depois da reconquista de Saragoça, em 1118, o bispo Bartolomeu de Laon propõe-se, de novo, tal objectivo; mas os dois monges de Valência que encontra naquela cidade apenas se permitem confiar-lhe que o seu mosteiro acaba de ser totalmente saqueado e destruído, sem lhe darem qualquer indicação do paradeiro das relíquias. Cf. BAUDOUIN DE GAFFIER «Relations religieuses de l'Espagne avec le Nord de la France — Transferts de reliques (VIII.e-XII.e siècles)», in *Recherches d'Hagiographie latine*, Bruxelas, 1971, pp. 7-29 (particularmente, pp. 13-16).

<sup>7</sup> JOAQUIM O. BRAGANÇA (ed.), *Missal de Mateus*, Lisboa, pp. 102 ss..

<sup>8</sup> Cf. JOSÉ MATTOSO, «A cultura monástica em Portugal (875-1200)», in *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Lisboa, 1982, pp. 355-393.

S. Vicente, ainda que fora da tradição local, poderá derivar da alteração do meio dirigente, a partir da corte e da hierarquia eclesiástica logo após a conquista da cidade. De resto, tal conquista é de imediato posta em relação com o mártir através da edificação do mosteiro de S. Vicente<sup>9</sup>, a qual tem de ser entendida na sua dimensão simbólica dentro do imaginário da época.

A explicação tem certamente de levar em conta o incremento da devoção pelo santo numa parte significativa da Península reconquistada no último terço do séc. XII<sup>9a</sup>. O interesse de D. Afonso Henriques pelas relíquias do santo, em 1173, pode eventualmente estar relacionado com tal facto e obedecer a um projecto de enobrecimento de Lisboa como nova capital.

Não podemos, todavia, deixar de atender ao testemunho contemporâneo, representado pela descrição de Mestre Estêvão, chantre da Sé de Lisboa, quando refere que é sob intervenção dos cônegos regulares de S. Vicente de Fora junto do rei que este se decide a mandar procurar em S. Vicente do Cabo os restos do corpo do santo esquecidos por descuido numa primeira viagem de prospecção<sup>10</sup>.

Quaisquer que sejam os propósitos da narrativa, há a reter que são necessárias duas expedições para recolha das relíquias do mártir. Poremor pouco claro, porquanto ou o rei pôs pouco cuidado na preparação da primeira viagem, não escolhendo para ela as pessoas mais indicadas, como fará na segunda<sup>11</sup>, ou ela tinha fins diferentes daqueles que acabou por produzir. De qualquer forma, é o rei com os religiosos de S. Vicente quem, cerca de 1173, aparece como o principal dinamizador do empreendimento. O povo, por seu lado, não deixa de se associar e de tomar partido, embora sem pôr em causa as decisões cimeiras da hierarquia civil e eclesiástica.

Apesar da brevidade da narrativa hagiográfica (e sem esquecer um antagonismo mais que latente entre o cabido da Sé e os cônegos de

<sup>9</sup> Cf. *Indiculum fundationis monasterii S. Vincentii*, in *PMH-Ss*, pp. 91-93; D. RODRIGO DA CUNHA, *Op. cit.*, II parte, cap. III; A. DORNELAS «Crónicas da fundação do mosteiro de S. Vicente de Fora», *Anais da Academia Portuguesa de História*, Lisboa, 1940, vol. II, pp. 147-196.

<sup>9a</sup> Em 1167, regista-se uma doação feita por Afonso VIII de Castela ao túmulo do santo, em Valência; em 1172, o rei mouro de Valência cede o local do túmulo ao rei Afonso II de Aragão; em 1179, é a vez deste rei transferir a propriedade do túmulo para o mosteiro beneditino de S. Juan de la Peña. Cf. ANTONIO LINAGE CONDE, «Algunas particularidades de la implantación mendicante en la Peninsula Ibérica», *Archivo Histórico Dominicano Portugués*, III, 2, Porto, 1986, p. 14 da separata (= Actas do II Encontro sobre História Dominicana).

<sup>10</sup> Cf. o prefácio do texto que adiante se publica.

<sup>11</sup> Veja-se esse mesmo texto.

S. Vicente), parece ser possível e legítimo entender que o novo culto convém e responde aos interesses de convívio da nova realidade citadina saída da reconquista e exprime melhor que os outros já anteriormente implantados a identidade da nova comunidade. A trasladação das relíquias transforma-se num acto da maior relevância política com a intervenção das diferentes esferas do poder, desde o cabido da Sé, os regrantes, o fronteiro da Estremadura, até ao próprio rei. Finalmente a decisão régia tudo decide em favor da Sé, o centro religioso da cidade.

Repete-se em tudo isto o esquema bem conhecido da entronização correspondente ao clássico rito de passagem com as suas diversas fases de separação, marginalidade e integração, com o momento de passagem situado durante a noite e a culminância num cortejo que parte de um ponto não muito distante para o lugar central e definitivo. Transferência espacial, sem dúvida, do Cabo até à igreja de Santa Justa e desta até à Catedral. Transferência hierárquica, igualmente. Do esquecimento, do perigo, para um lugar honorífico e de devoção. Transferência de periferia para o centro de importância social como patrono de uma comunidade<sup>12</sup>.

As motivações reais nem sempre serão as confessadas directamente. Todavia, algo parece claro: Vicente não é um santo de cruzada, como eventualmente poderia sê-lo Pelágio, vítima dos muçulmanos. Era, antes, a recuperação como consagração final das lutas empreendidas e dos esforços levados a cabo pelo rei. Era igualmente a segurança de um patrocínio celestial requerido pela cidade<sup>13</sup>. A localização do seu culto teria de ser bem no centro, independentemente de interesses particulares, como os dos cónegos regrantes de S. Vicente.

## A afirmação oficial de S. Vicente

Entre a simbólica associada a S. Vicente há a destacar dois elementos basilares: o primeiro constituído pelo corvo, ou ave negra, mais habitualmente em número par, e o segundo formado pela barca. São ícones que começam a surgir, no caso da sigilografia olissiponense, já em 1190, num selo do mosteiro de S. Vicente, embora apenas com

<sup>12</sup> Reportamo-nos aqui à síntese paradigmática oferecida por PATRICK J. GEARY, *Furta sacra — Thefts of Relics in the central Middle Ages*, Princeton, 1978, pp. 154-156.

<sup>13</sup> Nessa mesma procura se inscrevia o saque dos venezianos a Constantinopla em 1240. Cf. P. J. GEARY, *Op. cit.*, p. 106.

um corvo no campo do selo<sup>14</sup>. Mais tarde, neste mesmo mosteiro, ser-lhe-á acrescentado um barco e a figuração do corpo do mártir<sup>15</sup>.

Em selo de 1233, agora para o concelho de Lisboa, aparecem dois corvos numa barca, mas sem o corpo do santo representado<sup>16</sup>.

Por seu turno, o cabido da Sé usará um selo onde inclui a figuração de Sta. Maria e, por baixo, um barco<sup>17</sup>.

A todos eles se associa o símbolo das águas; a dois deles o dos corvos.

Ora, se não recusarmos aos selos destas instituições uma dimensão simbólica com uma afirmação pública de mensagem relacionada com um patrono (no mínimo, uma relação religiosa entre a Cidade e o Além), teremos de admitir que o culto do santo ganha desde o último quartel do séc. XII, ou começos do século imediato, um carácter de representatividade e identificação. Tal identificação consubstancia-se num símbolo falante que remete para a afirmação de um poder comercial (as águas do oceano como meio de comunicação com o exterior) e do reconhecimento do patrocínio divino (representado nas relíquias do santo).

As relíquias de Vicente são garantia não só de superação das tensões urbanas, mas também de uma prosperidade colectiva. Tal dimensão não escapa à percepção de Mestre Estêvão e a sua narrativa tradu-la exemplarmente na interferência dos cónegos regulares junto do rei.

O motivo dos corvos é menos específico, por mais generalizado. A sua figuração é frequente nos escudos das vilas portuguesas medievais, sobretudo estremenhas<sup>18</sup>. Nelas o corvo será a ave de apoio que surge a explorar o espaço inimigo e a ajudar o cristão a conquistá-lo, como aliado e mensageiro de bom augúrio<sup>19</sup>. Sintoma-

<sup>14</sup> Cf. *Catálogo da exposição iconográfica e bibliográfica (...) de S. Vicente*, n.º 153.

<sup>15</sup> *Ib.*, n.º 155.

<sup>16</sup> *Ib.*, n.º 158.

<sup>17</sup> *Ib.*, n.º 147.

<sup>18</sup> Por ex., Leiria e Porto de Mós, se bem que esteja também em Torre de Moncorvo.

<sup>19</sup> Em princípio, pela sua cor negra, ou por se alimentar de animais mortos, o corvo é uma ave de mau agouro. Todavia, o corvo é também conhecido como símbolo de perspicácia nas situações adversas; assim é representado no Génesis, 8,7: «ao fim de quarenta dias de dilúvio Noé abriu a janela que havia feito na arca e largou o corvo, o qual foi e veio até as águas terem secado sobre a terra». A esta tradição bíblica comum com outras culturas haverá que acrescentar um outro traço: o isolamento, bem em consonância com o retiro claustral. A realçar ainda que no contexto árabe, e naturalmente moçárabe, o corvo não é necessariamente de mau presságio. Cf. J. CHEVALIER-A. GHEERBRANT, *Dictionnaire des symboles*, Paris, 1973, s. u., «corbeau». Refira-se também um passo da *Historia Albigensium* de PIERRE DES VAUX DE CERNAY ed. Bouquet, t. XIX, p. 43, n. 47, relativo ao conde de Toulouse, do ano de 1212: «Viderat enim

ticamente, o texto dos milagres deixado por Mestre Estêvão dá-nos conta da negatividade original do símbolo e da recuperação possível para uma funcionalidade positiva. Se nos é lícito proceder a uma interpretação, o chantre da catedral sente necessidade de recuperar para si e para outros um signo negativo, pondo-o em conexão com uma intervenção celestial<sup>20</sup>. A sua insistência na estranheza talvez denuncie alguém menos acostumado a explorar justamente a carga positiva de um motivo ligado a ambientes mediterrânicos.

No conjunto, talvez também a junção de símbolos iconográficos diferentes deva ser entendida como interpenetração de grupos culturais diversos. Lisboa é agora o lugar de reconciliação; a própria emblemática o assume como realidade já transferida para a iconografia, ou ao menos como desejo e proposta de transformação.

Não pode assim deixar de ser tomado como significativo que no conjunto da iconografia vicentina o motivo da barca e dos corvos seja quase exclusiva das representações portuguesas<sup>21</sup>.

Não é de estranhar igualmente que no sínodo de Lisboa de 1240 os bispos disponham que os párocos orientem os seus fiéis para ao menos uma vez por ano visitarem a cidade de Lisboa em honra do mártir S. Vicente<sup>22</sup>.

quandam avem quam indigenae vocant avem sancti Martini, ad sinistram volantem et perterritus est valde. Ipse enim, more Sarracenorum, in volatu et cantu avium et ceteris auguriis spem habebat»; cit. ap. H. DELEHAYE, *Les légendes hagiographiques*, Bruxelas, 1973, p. 150. Para os testemunhos árabes dos corvos associados ao culto de S. Vicente e sua recepção na tradição literária portuguesa, cf. MÁRIO MARTINS, *Loc. cit.*

<sup>20</sup> Cf. milagre 1.8: «At ego quidem illud estimo multo fuisse incredibilius, sane incredibilius quia mirabilius, et tamen uerissimum est quod inexplete auis edacitatis et gule dedita nature oblita uoracis potuit carnem sanctissimi martiris...». A marca de intervenção celestial era dada pelo Passionário Hispânico de forma diferente. Contrastava igualmente quanto aos predicados do corvo que guardara o corpo do mártir. Lê-se efectivamente no Passionário Hispânico: «Corvus haud procul residens, avis lenta et pigerrima, cute tetra, specie decolor, puto ut funebrem habitum vel lamento quasi lugentis ostenderet, quum abigeret aliquas aves magnificas pinnisque pernicies, adveniente subito lupum in curribus suis, terrens, cregit e corpore, quum ille, reflexa cervice, non quod corvi illius impetu tereretur, sed in aspectu corporis stupefactus hereret, credo, aliquam custodiam mirabatur angelicam. Reddita est antiquitatis stória, per avem similem, ut, que ante ad Elie plenos messorum portaverat cibos, nunc sancto Vincentio martyri iussa obsequia ministraret». *Pasionario Hispânico*, ed. A. Fábrega Grau, Madrid-Barcelona, II, 1955, p. 154.

É este elemento do Passionário que a iconografia aproveitará, sobretudo em Portugal; cf. MARIA DE LOS DOLORES MATEU IBARS, *Iconografía de San Vicente Mártir — I*, Pintura, Valência, 1980, p. 21. Todavia, a oposição homem-carrasco impiedoso de Vicente / animal selvagem-agente de defesa do corpo martirizado não é explorada por Mestre Estêvão, ficando apenas o sinal de uma intervenção divina permanente, ainda que não previsível (o vôo rápido) e ainda que expressa em formas menos próximas da sensibilidade humana.

<sup>21</sup> Cf. MARIA DE LOS DOLORES MATEU IBARS, *Op. cit.*, onde se encontrará documentação abundante, ainda que posterior ao período que nos ocupa.

<sup>22</sup> Diz o texto do sínodo: «Item moneant presbiteri parrochianos suos tam in confessionibus suis quam in praedicationibus sive (...) ut saltem semel in anno peregre uisitent

## O culto do santo

Partindo das colecções de milagres que aqui recolhemos serão pertinentes algumas considerações respeitantes à difusão do culto do santo e suas expressões.

Numa perspectiva social, podemos reconhecer dois grupos principais. O primeiro compreende a nobreza, com o rei à frente, e figuras como as de Gualdim Pais e de Gonçalo Egas de Lanhoso<sup>23</sup>. O segundo, bastante mais vasto, integra as camadas populares urbanas e peregrinas, algumas destas vindas de longe.

Os motivos da invocação do santo são os mais diversos: por doença (paralisias, casos neurológicos, traumatismos...), para recuperar bens perdidos ou roubados. Sempre com êxito, naturalmente.

As curas são celebradas com estrépito, por aclamação jubilosa: os sinos dobram, transpondo para o exterior, com a aprovação das autoridades competentes, o alvoroço das primeiras testemunhas; em resposta, toda uma multidão acorre à Sé. De resto, os suplicantes nunca surgem isolados, ainda que possam ser anónimos; à sua volta há sempre gente em movimento, de olhar prescrutador e atento ao evoluir da situação. Interessada, muitas vezes, participante sempre.

Rapidamente a fama taumatúrgica do santo atinge lugares distantes, particularmente para o Norte. É o caso de Guimarães, na recolha de Mestre Estêvão, e de Lugo na compilação posterior. No conjunto, no entanto, dizem respeito à cidade. Vicente é, efectivamente, um santo da urbe. Socorre pescadores e marinheiros em perigo, cura doenças que médicos e cirurgiões não conseguiram debelar, protege pessoas e haveres. Funciona como padroeiro eficaz de Lisboa, onde confluem gentes das mais diversas procedências.

Nem é de admirar que os peregrinos acorram do Norte. Vêm ao encontro da novidade. Mas nem por isso o Sul e o Levante estão ausentes. O milagre do monge Sancho é elucidativo sob múltiplos aspectos: vindo de Valência, por Sevilha, o cisterciense de Palma chega a Lisboa e daqui regressa à sua pátria sem procurar outros contactos entre os próprios confrades; vindo de Valência assegura um contacto com a origem do mártir e prestigia a igreja que se proclama detentora

---

ecclesiam Vlixbonensem in honorem gloriosissimi martiris beati Vincentii». Cf. ANTONIO GARCIA Y GARCIA (ed.), *Synodicon Hispanicum*, II — *Portugal*, Madrid, B.A.C., 1982, p. 293.

<sup>23</sup> Cf. milagre 1.20; para outros dados, cf. JOSÉ MATTOSO, *Ricos-homens, infanções e cavaleiros. A nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*, Lisboa, 1982, pp. 230, 232-235.

do corpo do santo; a ritualização do milagre abre a possibilidade de entregar a sua divulgação aos novos pregadores do momento, os Frades Menores.

### Os milagres vicentinos

Reduzidos a quadro, os milagres de Vicente podem apresentar-se da seguinte maneira:

Relato de Mestre Estêvão

Origem do miraculado	Idade	Sexo	Doença
Lisboa	puella	F	paralísia
»	puerulus	M	»
»	puella	F	»
»	adolescens	F	»
»	iuuenis	M	»
»	puellula	F	neurológica
»	puellula	F	»
»	uir	M	»
»	iuuenis	M	»
»	uir	M	febres infecciosas
Guimarães	iuuenis	M	»
Torres (Vedras)	uir	M	»
Lisboa	uir	M	cegueira
»	uir	M	»
»	mulier	F	hemorragia
»	uir	M	feridas
»	uir	M	
Totais	17		
Lisboa	15	Outras localidades	2
Jovens	9	Adultos	8
M	13	F	4

Relato anónimo

Origem do miraculado	Idade	Sexo	Doença
Lisboa	puer	M	paralísia
»	puer	M	»
»	homo	M	»
»	homo	M	cegueira
Lafões	mulier	F	»
Vila Franca de Valcarcer	mulier	F	surdez
S. Pedro de Frendeiros	homo	M	múltiplas
Totais	7		
Lisboa	4	Outras localidades	3
Jovens	2	Adultos	5

Do texto de Mestre Estêvão ressalta uma origem de devotos maioritariamente localizada em Lisboa. Atingem maior número de ocorrências as paralisias em jovens e as doenças neurológicas. Questão pertinente seria de saber se estes casos traduzem preferência de narrador ou tendência generalizada. A verdade é que o panorama não muda substancialmente com o segundo quadro nem para o ponto de origem nem para o tipo de cura; só haverá que sublinhar o alargamento do culto do santo a regiões mais distantes (Galiza, Leão, Catalunha). Contudo, Lisboa continua a ser o lugar privilegiado.

### **Rituais e comportamentos junto do túmulo**

Raras são as narrativas em que o redactor se limita a enunciar um facto. O milagre é um pretexto de celebração cuja finalidade aponta para o louvor do santo e para o culto a Deus. O beneficiário integra-se nesse movimento de acção de graças e de louvor, salvo quando na origem do seu comportamento está um acto reprovado que ele deve refazer, como é, especificamente, o furto de relíquias do santo em seu próprio interesse<sup>24</sup>. Tal movimento é essencialmente comunitário, é anterior à chegada do suplicante, e este, na quase totalidade dos casos, associa-se ao ritual organizado na catedral, particularmente através da participação nas vigílias nocturnas<sup>25</sup>.

Estamos assim longe de uma prática de incubação num santuário<sup>26</sup>. Mas a entrada do doente na comunidade orante faz-se habitualmente através de uma certa encenação teatral e movimentação dramática que envolve a participação do próprio interessado. Mesmo em casos de paralisias infantis profundas, anota-se que a criança se expressa 'gestu perditu corporis et gutturis impedito murmure grauis' (cf. 1.4), a reclamar que a coloquem junto das relíquias do santo, enquanto os familiares se ocupam em explicar ao povo, que imediatamente ocorre, as circunstâncias da doença. Gesto necessário este para garantir a oração comunitária (a populo circumstante piis lacrimis et communibus uotis oratur), ele prepara também o anúncio da cura e o extravasamento jubiloso para a cidade inteira.

Passado este tempo de júbilo, o beneficiado voltará às actividades do quotidiano, reintegrando-se na vida normal, restando-lhe recordar

<sup>24</sup> Cf. milagre 1.1 e 2.2.

<sup>25</sup> Cf. milagres 1.5, 8, 10, 14, 15, 18, 20, 22; 2.1, 3, 9.

<sup>26</sup> Cf. HIPPOLYTE DELEHAYE, *Les légendes hagiographiques*, Bruxelas, 1973, pp. 143 ss..

o benefício recebido ou, hipoteticamente, vincular-se a uma promessa ou voto emitido, como o da situação de oblato. Uma vez mais é a relação entre o patrono e a comunidade que conta, não obstante a identificação das personagens bem marcada na segunda colectânea de milagres. Tal identificação não parece assim ter outra finalidade senão a de certificar um acontecimento. Mais especificamente, circunscrever a intervenção sobrenatural nas mais diversas circunstâncias calamitosas da vida e afirmar a garantia de tal patrocínio, sobretudo aos mais desfavorecidos.

Há, no entanto, por parte do narrador, e certamente enquanto componente de um ritual conhecido e requerido, uma particular atenção aos gestos e movimentos do suplicante como forma de comunicação com o sobrenatural e mediação necessária na obtenção da graça pretendida. Um dos gestos requeridos é por vezes o do toque com as mãos no sarcófago do santo, como acontece no caso presenciado por D. Gualdim Pais. Também a palavra de súplica se torna habitualmente indispensável. O santo, por seu lado, exerce a sua acção ora imperceptivelmente ora por intervenção marcada por aparição e fenómenos secundários de ordens a cumprir e de contacto directo com o enfermo (1.4,9; 2.8).

Em contrapartida, a prática de oferendas e de ex-votos, ou mesmo de entrega de velas, quase não é referida. Pressupõe-se antes a alteração de comportamentos ao ser castigada a inobservância das recomendações feitas pela autoridade eclesiástica (1.12) ou ao admitir-se o voto de oblato para a vida inteira (1.6). E o agradecimento exprime-se ritualmente pela participação no culto estabelecido, nos sermões laudatórios organizados para a proclamação solene do milagre (2.6), pela divulgação festiva do favor recebido.

Fácil é reconhecer nestas expressões uma forma elaborada por parte da autoridade que assume a condução do culto<sup>27</sup> e pouco deixa à espontaneidade do momento ou do indivíduo. O povo, esse está em toda aquela multidão de devotos que cerca o santo e acompanha interessada a procissão dos necessitados que acodem a pedir auxílio ou vêm testemunhar a assistência recebida em situações aflitivas, quer em terra quer no mar. Também aqui, tal como noutros contextos, «o milagre é a flor inevitável da necessidade»<sup>28</sup> sem deixar de ser

<sup>27</sup> Ela estará, de resto, também presente, noutro contexto, quando se der a adaptação dos textos legendários à liturgia; cf. Con. JOSÉ FALCÃO, *Op. cit.*, p. 46.

<sup>28</sup> N. KAZANTZÁKIS, in *Le Courrier — Unesco*, Dez., 1985, p. 11.

igualmente o sinal visível da presença do divino, na sua dupla dimensão: inibitória, sem dúvida (1.1,12), mas sobretudo benéfica e transformadora na maior parte dos casos.

## O corpus de milagres

### 1. A tradição textual

O corpus medieval dos milagres de S. Vicente chegado ao nosso conhecimento reduz-se a duas colectâneas, uma inserta num Legendário alcobacense (Lisboa, B. N., Alc. 420) e publicada por Fr. António Brandão<sup>29</sup> e pelo editor dos *Portugaliae Monumenta Historica*<sup>30</sup>, na esteira daquele, outra descoberta recentemente<sup>31</sup>, em caderno isolado, na Biblioteca Nacional de Lisboa (Cx 21/X-3-14, n.º 21), e até agora inédita. De outro testemunho da tradição textual relativa à primeira colectânea dá-nos informações Fr. António Brandão e a *História eclesiástica da arquidiocese de Lisboa* de D. Rodrigo da Cunha<sup>32</sup>, onde aparece em tradução; tratava-se de um manuscrito guardado ao tempo na Sé de Lisboa e desaparecido presumivelmente no terramoto de 1755.

1. O conteúdo do Alc. 420 foi recentemente objecto de estudo minucioso e pertinente por parte de François Dolbeau<sup>33</sup> e tudo quanto possamos aqui acrescentar terá apenas a ver com uma análise codicológica resultante da observação directa do códice em que se encontra a primeira colectânea de milagres de que nos ocupamos<sup>34</sup>.

O códice não é totalmente homogéneo, embora se deva considerar unitário desde a sua origem e qualquer que tenha sido a proveniência dos materiais.

<sup>29</sup> FR. ANTÓNIO BRANDÃO, *Monarquia Lusitana*, 3.ª parte, Lisboa, 1632, fls. 296-300.

<sup>30</sup> Nem sempre a leitura dos PMH é mais conforme com o manuscrito.

<sup>31</sup> Foi-nos comunicado pelo Dr. Francisco José Correia, quando procedia ao levantamento e descrição de espécies manuscritas na Biblioteca Nacional de Lisboa. Encontra-se numa caixa com diversos materiais avulsos.

<sup>32</sup> D. RODRIGO DA CUNHA, *Op. cit.*, fls 79v-86v.

<sup>33</sup> FRANÇOIS DOLBEAU «Le Légendier d'Alcobaça» *Analecta Bollandiana*, 102, 1984, 263-296.

<sup>34</sup> A má qualidade do microfilme transmitido àquele investigador e sobretudo as manipulações da microfilmagem (com atribuição de foliação errónea ao códice) estão na origem de pequenas incorrecções que felizmente não afectam o valor fundamental do estudo realizado.

Não é totalmente homogéneo, pois é fácil reconhecer a diversidade de mãos e a diferença de cores e estilo de ornamentação (nem sempre de desenho, sublinhe-se) entre o corpo principal (fls. 1-164) e o apêndice final que lhe foi acrescentado<sup>35</sup>. Dever-se-á, todavia, considerar unitário, ou seja, integrado num mesmo projecto codicológico inicial, se tivermos em atenção as referências constituídas tanto no interior deste códice como em outro do conjunto em que ele se integra como parte que é de um Legendário per circulum anni.

Efectivamente, no final da tábua inicial, uma mão diferente da primeira, mas contemporânea, escreveu, a negro carregado (em contraposição ao negro esbatido) o registo de «Passio Sancte Catherine uirginis et martiris», que remete para o primeiro texto do apêndice. Mão diferente também, mas ainda contemporânea, pelo lado interno da coluna da tábua, entre «Vita Sti. Alexii» e «Passio S. Margarite uirginis», inseriu igualmente, a vermelho, «Item Passio Sancte Marine uirginis et martiris». Ora esta Passio encontra-se justamente após os *Miracula Sancti Vincentii Martiris* que apenas são pressupostos por um aditamento tardio feito na margem superior direita da tábua, em letra provavelmente do séc. XIV, que dá conta precisamente do elenco do apêndice: *Incipiunt miracula Sancti Vincentii martiris | Item Passio Sancte Marine uirginis et martiris | Item hystoria Titi et Vespasiany de uindicatione Domini nostri Ihesu Christi | Item Vita Sancti Antonii Ulixbonensis et eius miracula.*

Este apêndice tem como característica codicológica o facto de cada uma das *Passiones* formar uma unidade materialmente distinta. O corpo principal do códice terminara em terno incompleto, de onde haviam sido eliminados os dois fólhos iniciais<sup>36</sup>. O texto com a *Passio SS. Abdon et Sennes* termina a dez linhas da altura da segunda coluna do recto do fl. 164. A *Passio Ste. Catherine uirginis et martiris* inicia-se em novo caderno (um quaterno) e prolonga-se por mais um terno incompleto (falta o fólho final). Seguem-se os *Miracula Sancti Vincentii* que ocupam 1 quaterno completo + 1 quaterno truncado dos fólhos da segunda parte. A *Passio Ste. Marine* com a *Hystoria Titi et Vespasiany* preenchem o quaterno seguinte. Finalmente, a *Vita Sti. Antonii* com os *Miracula* ocupam dois quaternos completos.

<sup>35</sup> A sua ornamentação é abrangida também pelo estudo de MARIA ADELAIDE MIRANDA. *A inicial iluminada românica nos manuscritos alcobacenses*, Lisboa, 1984 (diss. de Mestrado na F.C.S.H.).

<sup>36</sup> Realmente, na sua forma actual, o que se observa é um bifólho seguido de dois fólhos cosidos àquele pelas pestanas respectivas; consideramos que esta solução pertencerá ao trabalho da reencadernação, que é tardia.

São notórias não apenas as diferenças de mão mas também de decoração. Mesmo no C de inicial de *Catherine*, embora se mantenha o estilo de decoração com a folha de acanto, salta à vista a mudança de colorido: o azul turquesa substitui o anilado; o vermelho vivo passa a vermelho barro; o ocre acastanhado toma a vez das tonalidades de amarelo; o verde desbotado está pelo verde vivo. Multiplicam-se também pequenas capitulares com um desenho e um colorido que nos remetem para a decoração de outros códices alcobacenses, como, por ex., o Alc. 149.

A inicial dos *Miracula S. Vincentii* sai fora dos moldes comuns do códice e dos próprios preceitos cistercienses, pelo emprego do ouro. A sucessão das cores vai do fundo a vermelho e a ouro (no interior da letra) ao azul e ao negro dos contornos. É notória igualmente a alteração da qualidade do pergaminho que aqui apresenta maior aspereza e grossura.

Os formatos, no entanto, correspondem-se bem com a distribuição em duas colunas, muito embora haja diferença no número de linhas (25 linhas nos fols. 1-164 e fols. 1-13 do suplemento; 31/32 linhas, no resto).

Nestas condições, estamos em crer que a elaboração do Alc. 420, feita a partir de um modelo fornecido certamente por Claraval<sup>37</sup> foi acompanhada pela execução de um suplemento. Em primeiro lugar, houve que acrescentar a *Passio S. Catherine*, talvez para ocorrer ao facto de a festa desta santa ter sido entretanto, em 1207, admitida no calendário cisterciense<sup>38</sup>. Logo de seguida, introduzem-se outros materiais correspondentes a festividades locais.

Isso acontece certamente com a *Passio S. Marine*<sup>39</sup> incluída, a vermelho, na tábua inicial (por mão diferente, mas contemporânea) entre a *Vita Sti. Alexii conf.* e a *Passio S. Margarite uirginis*. Com ela entrou também a *Hystoria Titi et Vespasiany* que faz parte da mesma unidade codicológica e cuja presença é pressuposta por uma remissão feita no Alc. 419, fl. 188 (*Historiam Titi et Vespasiani quere in tertia parte*

<sup>37</sup> Vejam-se os elementos aduzidos por FRANÇOIS DOLBEAU, *loc. cit.*. O empréstimo a longo prazo tornava-se possível a partir de 1170 data em que um novo Leccionário entrava em Claraval. A data mais provável para a utilização em Alcobaça parece, no entanto, ser a de começos do séc. XIII em que justamente se verifica um surto de produção no seu scriptorium (e admitindo como real a quase extinção da comunidade por fins do séc. XII com a investida muçulmana).

<sup>38</sup> Assim se explicaria a sua inclusão a negro na linha final da tábua do início.

<sup>39</sup> Reconheça-se que o culto desta santa é tradicional na região. Cf. C. GARCIA RODRIGUEZ, *Op. cit.*, p. 198; P. MIGUEL DE OLIVEIRA, *Lenda e História — Estudos hagiográficos*, Lisboa, 1964, pp. 133 e 137.

*Passionum ante finem libri*). A integração dos *Miracula S. Vincentii* tem de ser atribuída a essa fase primitiva e dentro da ordem que ainda conservam, se quisermos salvaguardar a antiguidade da anotação acrescentada na tábuca inicial. Tratar-se-ia de materiais avulsos, eventualmente encomendados ou recolhidos a seu tempo, de outros scriptoria, nomeadamente o da Sé catedral de Lisboa, para estes dois casos. Que não procedia de cópia eventualmente executada por um indivíduo isolado percebe-se facilmente pela mudança de mão e alternâncias entre elas, ainda que sem regularidade, justamente no texto dos *Miracula Vincentii*.

Infelizmente, não se conserva a encadernação primitiva, mas ela não deveria ser diferente da que ainda conservam dois dos códices do grupo que formam o Legendário, os Alc. 418 e 421, cuja articulação dos nervos com a tábuca se integra no sistema que, em análise realizada sobre materiais do Fundo Alcobacense<sup>40</sup> denominámos por «sigmático B» e que reflecte bem as contaminações ocorridas num scriptorium como o de Alcobaça nos séculos XII e XIII<sup>41</sup>.

Parece-nos assim poder concluir que a integração dos *Miracula Sancti Vincentii* no códice é primitiva e corresponde a exigências de carácter local. Tal dado não é de somenos importância quando se pretende ajuizar da difusão e da natureza do culto de S. Vicente, pois a anexação dos *Miracula* a um Legendário monástico já constituído terá de ser entendida como acto significativo.

Para a história do texto interessará sublinhar que isso implicava obviamente ter ele sido já aceite e introduzido em actos colectivos, o que remete a sua redacção para o último quartel do séc. XII, provavelmente não muito longe da data em que no texto se aponta a transladação das relíquias do santo mártir: 1173<sup>42</sup>.

Porém, teria a primitiva colectânea escrita pelo chantre Estêvão correspondência exacta com aquela que nos dá o Alc. 420? Traços como a disjunção de membros de frase ou a existência de uma planificação explicitamente declarada da narrativa repetem-se ao longo do texto e apontam para uma unidade de autor. Todavia, terá de ser

<sup>40</sup> Remetemos para AIRES A. NASCIMENTO & A. DIAS DIOGO, *Encadernação Portuguesa Medieval — Alcobaça*, Lisboa 1984, onde desenvolvemos esta matéria.

<sup>41</sup> A encadernação actual é tardia e apresenta os planos de cartão recobertos a pele tanada de negro. Aquando da reencadernação foi utilizado para guarda inicial um bifólio saído de um códice com as *Collationes* de Cassiano (bifólio exterior do c. III, como se reconhece imediatamente pela assinatura e pelo título corrente); anote-se, de resto, que tal bifólio foi colocado invertido no sentido da altura.

<sup>42</sup> A isso voltaremos um pouco mais abaixo.

suposta uma outra ordem na primitiva sequência da milagres. Efectivamente, a cura do filho do mestre de obras da catedral (1.6) aparece antes do milagre ocorrido em favor deste (1.10) e a remissão interna pressupõe outra ordem. A alteração, contudo, terá ocorrido bastante cedo, pois a tradução de D. Rodrigo da Cunha feita sobre o exemplar da Sé de Lisboa apresenta a mesma ordem que o alcobacense.

2. O segundo conjunto de milagres, transmitido pelo caderno avulso da Biblioteca Nacional de Lisboa, tem de comum com a compilação do chancre Estêvão uma introdução. Não se conserva, porém, neste testemunho, mais que a parte final de tal introdução, e mesmo essa ainda amputada de um parágrafo e com alteração de outro em que se suprime a cronologia da transladação das relíquias.

O carácter fragmentário da introdução não nos impede de conjecturar a estrutura codicológica primitiva deste caderno e de pressupor a difusão de tal caderno como colectânea avulsa de milagres.

Actualmente estamos perante um terno preenchido com texto até ao fim da primeira coluna do recto do último fólio. A introdução completa obrigava a mais um fólio no início. Teríamos, pois, na origem, um quaterno. Divulgado talvez em forma avulsa, ou, noutra hipótese, desmembrado de algum conjunto onde eventualmente teria sido amputado o fólio final que ficara em branco<sup>43</sup>, o desmembramento terá ocasionado o desaparecimento do bifólio exterior.

A supressão de um parágrafo mais não traduz certamente que a reacção do segundo compilador e redactor, menos dado que Mestre Estêvão a empolamentos retóricos.

Menos razões encontramos para a alteração do parágrafo de datação, a não ser porque as próprias formas gramaticais do modelo, correspondendo a um propósito celebrativo não se adequava aos seus propósitos narrativos<sup>44</sup>. Em contrapartida, acrescenta-se uma pequena doxologia, a primeira de três que escandem o texto no final de cada uma das suas partes<sup>45</sup>.

A apropriação de uma introdução terá aqui a ver com o entendimento de um livro de milagres como unidade aberta em que vão sendo lançadas novas ocorrências à medida que elas são

<sup>43</sup> O mesmo há que reconhecer relativamente aos fólhos da segunda parte do 2.º caderno dos *Miracula Sancti Vincentii* do Alc. 420.

<sup>44</sup> As hesitações nos tempos verbais e respectivas correcções poderão não ser próprias do nosso apógrafo.

<sup>45</sup> Veja-se o final do milagre 2.9 e o final da *Passio Vincentii, Sabine ac Cristete*.

conhecidas, se vão fixando na memória colectiva ou alguém se dispõe a deixá-las por escrito.

Quanto à data de redacção esta segunda colectânea é sem dúvida posterior em cerca de meio século à de mestre Estêvão. O testemunho anónimo, anepígrafo e fragmentário, que chegou até nós distancia-se do autor do texto provavelmente um século, escrito como está em gótica librária. O arquétipo, contudo, remontava certamente à primeira metade do séc. XIII, como está pressuposto pelo conteúdo dos milagres, nomeadamente do milagre sexto, para o qual temos de admitir como limites cronológicos, de um lado, o ano de 1236, data da fundação cisterciense de La Real, em Palma de Maiorca, mosteiro a que pertencia o protagonista do milagre, e, do outro lado, a conquista de Sevilha por S. Fernando em 1248, já que se depreende do texto que ao tempo do milagre, e da sua redacção, essa cidade se encontrava ainda em poder dos muçulmanos<sup>46</sup>.

Apesar das deficiências de transmissão, há que reconhecer uma acribia particular do autor em registar nomes de terras mesmo distantes, as quais, na sua maior parte, podem ser identificadas, bem como uma preocupação para também fixar os nomes dos beneficiários dos milagres. Cuidado pessoal ou aproveitamento de registos guardados por outros? Embora não o dê a entender, e o seu relato seja em terceira pessoa, estaremos em crer que o redactor é testemunha mais ou menos directa dos factos.

No que tem de comum com o Alcobacense, este testemunho anónimo apresenta pelo menos duas lições que havemos de considerar melhores que as daquele: «Munionem rectorem» e «gloriosi»; a primeira, por corrigir um erro evidente, a segunda por corresponder ao epíteto bastas vezes repetido ao longo do texto para o mártir S. Vicente. Outras vezes, no entanto, não resolve já as dúvidas e dificuldades que o Alcobacense nos apresenta. No mínimo, quer isto certamente significar que, por um lado, não podemos supor uma dependência directa do manuscrito anónimo relativamente ao Alcobacense, por outro lado, temos de reconhecer que a introdução circulava isolada, e, por outro lado ainda, haverá que admitir a difusão, em escala que não podemos circunscrever, das colectâneas de milagres vicentinos.

---

<sup>46</sup> Anote-se que o termo *carraca* para embarcação de comércio e transporte que aí aparece empregado não é elemento útil para datação. Efectivamente, mesmo que o termo tenha entrado nas línguas da Península por influência árabe, e muito embora ele esteja registado tardiamente, era conhecido dos genoveses que justamente são intervinientes mencionados na narrativa do milagre e as suas fontes registam-no desde 1157. Cf. Corominas, *s. u.*.

Esta última perspectiva está implícita, de resto, na vinda de romeiros dos diversos pontos hispânicos até ao túmulo de S. Vicente em Lisboa.

3. Associada a esta segunda colectânea de milagres vicentinos realizados na Sé de Lisboa, encontra-se no manuscrito da Biblioteca Nacional uma versão abreviada da *Passio Vincentii, Sabine et Cristete*, construída sobre o texto do Passionário Hispânico, e dentro da tradição do manuscrito de San Millán<sup>47</sup>.

Não será fácil perceber que razões terão presidido a esta adição. Se é um facto que uma parte do relato, no que diz respeito ao martírio e protecção miraculosa dos corpos por uma serpente, depende estreitamente da *Passio* de S. Vicente<sup>48</sup>, não é verosímil que o redactor se desse conta disso e não parece natural a confusão do todo pela parte em quem explicitamente reconhece no milagre sexto da colectânea anterior que o local de martírio de Vicente é em Valência e aqui transcreve que os três irmãos são executados em «Abula... Hispanie ciuitas». Também a figura do judeu<sup>49</sup> não parece constituir polaridade suficiente para uma explicação adequada, já que nada a fazia prever nas narrativas anteriores nem se vislumbra uma intencionalidade para ela<sup>50</sup>.

Por exclusão de partes, talvez tenhamos de entender a presença deste texto aqui integrada numa perspectiva de esclarecimento sobre a identidade dos dois mártires homónimos. Quando o redactor insere no texto tradicional o parágrafo introdutório em que esquematiza o desenvolvimento que vai fazer está, ainda que o não diga, a criar uma distinção pertinente e talvez necessária para o seu meio e para os seus destinatários.

## 2. Autores

1. O autor da primeira colectânea apresenta-se como testemunha dos factos e como membro do cabido da Sé de Lisboa, a quem interessa defender a posse das relíquias contra as pretensões dos cônegos regulares de S. Vicente.

<sup>47</sup> *Pasionario Hispânico*, ed. laud., pp. 358-363.

<sup>48</sup> CARMEN GARCIA RODRIGUEZ, *Op. cit.*, p. 282.

<sup>49</sup> De resto, também ela tomada da *Passio* de Santa Eulália de Mérida. Cf. C. GARCIA RODRIGUEZ, *Ib.*

<sup>50</sup> Não vemos assim articulação com qualquer actuação da hierarquia eclesiástica ou sinal algum de movimentação contra a comunidade judaica, ainda que, para o período em causa, se possam apontar tensões como as que estão subentendidas nas diligências feitas em 1231 por D. Soeiro Viegas junto do Papa Gregório IX. Cf. D. RODRIGO DA CUNHA, *Op. cit.*, parte II, ff. 121; MARIA JOSÉ FERRO, *Os judeus em Portugal no séc. XIV*, Lisboa, 1979, pp. 59-60 e 74-77.

Se veio a ser investido na dignidade de chantre (como declara o incipit e como é plausível pelas qualidades que o próprio texto revela) à data da redacção provavelmente quem ocupava essa dignidade era ainda Mestre Bento, referido como tal no texto e documentado nessa qualidade desde o ano de 1168<sup>51</sup>. A sua actividade dever-se-á talvez situar entre a transladação das relíquias em 1173 e uma data anterior a 1195, ano em que já nos aparece um outro nas funções de chantre, Mestre D. Gonçalo<sup>52</sup>. D. Rodrigo da Cunha identifica-o com o mestre-escola Estêvão que aparece como testemunha num documento de 1168<sup>53</sup>. Como tal, é contemporâneo de Roberto, deão da Sé de Lisboa precisamente nessa data<sup>54</sup>.

Se tomarmos também como elemento útil as referências ao rei D. Afonso Henriques e a seu filho D. Sancho I, associado ao trono nos últimos anos do reinado de seu pai, teremos de admitir que o texto foi redigido também antes de 1185.

É bastante aleatório fixarmo-nos nas referências a **figuras** da nobreza como Gonçalo Egas Lanhoso<sup>55</sup> e Gualdim Pais<sup>56</sup>, já que os tempos gramaticais não delimitam datas precisas nem o carácter elogioso de tais referências tem que supor o falecimento de tais personagens, ocorrido em 1195.

A ligação de Mestre Estêvão com o meio cortesão, com o rei e com o exercício do poder, em geral, explicará, sem dúvida, o prólogo que escreve para a sua colectânea de milagres e que, a julgar pela segunda colectânea, foi considerado como introdução fixa para recolhas posteriores.

Registe-se o fundo agostiniano desse prólogo, como se depreende, logo de entrada, pela utilização da *Cidade de Deus*, e por uma interpretação providencialista da história que lhe permite enaltecer a gesta grandiosa do primeiro rei e recuperar nesse sentido a chegada das relíquias de S. Vicente à cidade de Lisboa.

O grau da sua cultura há-de deduzir-se não apenas daqui, mas igualmente do seu manejo de língua latina bem patente na riqueza de vocabulário, no agenciamento da ordem das palavras na frase, no alargamento e domínio do período, no planeamento estruturado da narrativa.

<sup>51</sup> D. RODRIGO DA CUNHA, *Op. cit.*, p. 78.

<sup>52</sup> *Id.*, *Ib.*, pp. 78 e 101.

<sup>53</sup> *Id.*, *Ib.*, p. 78.

<sup>54</sup> *Id.*, *Ib.*,

<sup>55</sup> Cf. JOSÉ MATTOSO, *Ricos-homens...*, pp. 232-235.

<sup>56</sup> Cf. *Id.*, *Ib.*,

Não será certamente menos significativa neste plano a identificação feita explicitamente entre o antigo território da Lusitânia com parte das terras conquistadas pelo rei português. Significativa, sem dúvida, não tanto pelo isolamento que se pudesse supor, mas bem mais pelo que constitui de integração num ambiente cultural também representado, quanto aos dados referidos, em textos mais ou menos contemporâneos, como acontece com a *Vita Sti. Theotonii*, de Santa Cruz de Coimbra<sup>57</sup>.

2. Impossível, perante a escassez de dados, saber a autoria da segunda colectânea de milagres ou situá-la com alguma credibilidade num grupo determinado.

Uma nota aparentemente negativa: o autor não se apresenta como testemunha dos factos. Todavia, também não exclui essa qualidade. Parece até preocupado em averiguar a veracidade da situação de doença anterior ao milagre: «sicut a quibusdam pluribus uiris et mulieribus fide dignis audiimus qui super hoc testimonium peribebant» (2.5).

Os factos que recolhe terão, por outro lado, de ser situados entre cerca de 1203 (trinta anos após o depósito das relíquias na igreja de Santa Justa) e 1248, data em que a cidade de Sevilha foi definitivamente conquistada aos mouros e tal acontecimento parece não se ter ainda verificado (cf. 2.6).

Os seus testemunhos do culto de S. Vicente na cidade de Lisboa são pois de uma geração posterior aos do chanfre Estêvão.

A sua narrativa é também mais denotativa que a daquele, sem as suas amplificações retóricas e apenas com um ou outro rasgo de emotividade. Isso explicará talvez a omissão de um parágrafo de amplificação que encontrava no texto de Mestre Estêvão.

<sup>57</sup> Cf. *Vita Sancti Theotonii*, in PMH, Ss.. Para o nome de Lusitânia, 11: «Infans A. (...) qui tunc infans dux Portugalis erat, sed processu temporis et diuini muneris largitate, post tocius pene Lusitanie et ex parte Gallecie rex est effectus illustris». Para a concepção do poder régio, 26: «Et ideo (...) amonebat ut eum per quem reges regnant et in cuius potestate sunt omnia iura regnorum ceterarumue potestatem timeret et mandata eius obseruaret quia propter hoc est omnis homo».

Retenha-se que os *Annales D. Alphonsi Portugallensium regis* apresentam também o termo «Lusitania» para designar a região a sul do Douro: «Era 1222, anno regni sui regis Portugallis D. Alphonsi, Jucef Abojacob Emir Elmunino 2. imperator Sarracenorum (...) cogitauit venire in Hispaniam et comprehe(nde)re civitates et castella quae aliquando fuerant a sarracenis possessa, videlicet Ulixbonam, Sintriam, Sanctarem, Elboram, Alcacer et omnia alia castella, vel venire Colimbriam et sic denique subiugata sibi tota Lusitania usque Dorium (...); cf. MONICA BLOECKER-WALTER, *Alfons I von Portugal*, Zurique, 1966, p. 159. Para uma interpretação da ocorrência do termo como indício de uma cultura tradicional mantida entre os moçárabes, veja-se JOSÉ MATTOSO, *Identificação de um país*, I, Lisboa, 1985, pp. 314-316.

Com isso combina também um certo espírito de planificação que o levava a ter referências explícitas para as unidades narrativas com que trabalhava. Assim nos parece poder deduzi-lo dos títulos apostos aos milagres que recolhe, das doxologias, ainda que sucintas, que vemos aparecer nos finais das diferentes partes.

O mesmo sentido de planificação poderemos deduzir da introdução à *Passio Vincentii, Sabine ac Cristete*. E, quando confrontada com a versão do Passionário Hispânico, não deixaremos de notar na sua a mesma tendência já anotada para a redução de elementos acessórios e a concentração da narrativa. A própria doxologia final também se reduz. Poderemos, de resto, perguntar-nos se a ocorrência do adjectivo *almifluus* nesta doxologia e na da introdução será mera coincidência ou não será mais um indício a apontar para a intervenção de um mesmo redactor.

## Manuscritos e edições

### 1. *Manuscritos*

A — Lisboa, B.N., Alc. 420

L — Lisboa, B.N., Cx 21-X-3-14, n.º 21.

### 2. *Edições:*

Brandão: *Monarquia Lusitana* (3.ª parte), Lisboa, 1632, fls. 296-300.

PMH: *Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores*, vol. I, fasc. I, Lisboa, 1856, pp. 96-101.

Nota: A numeração dos milagres nos PMH difere da que apresenta o manuscrito Alcobacense e bem assim a edição de Fr. António Brandão. Dado, porém, que a edição dos PMH se tornou elemento de referência, manteremos a sua numeração de entrada. Não nos pareceu conveniente proceder a numeração mais consentânea com a realidade do conteúdo, pois tal procedimento apenas geraria confusão em utilizadores das anteriores edições. Por outro lado, introduzimos um índice numérico inicial para distinguir os diferentes textos ou colecções.

AIRES AUGUSTO NASCIMENTO  
SAUL ANTÓNIO GOMES

## MIRACULA S. VINCENTII

### 1. Incipiunt miracula sancti Vincentii martiris, edita Vlixbone a magistro Stephano sedis Vlixbonensis precentore

1.0. Scripture declarant reges esse felices qui iuste imperant  
nichilque locuntur rebus humanis esse commodius quam si deo  
miserante habeant potestatem qui scientiam regendi populos consecuti  
sunt. Illorum uero potentia qui deum timent, diligunt, colunt, qui  
5 plus amant illud regnum ubi non timent habere consortes, qui suam  
potestatem ad dei cultum maxime dilatandum diuine maiestati  
famulari faciunt, non tam sibi paratur quam subditis.

In his equidem laudum preconiis regis Alfonsi strenuitas  
admodum insignis effulsit qui suam potenciam ad ecclesie dilatationem  
10 adeo frequentibus bellis exercuit ut et nunc cum sit etate maturus et  
sensu non solum uicinis sed et ceteris sedeat regibus formidabilis  
hostesque malint cum eo pacem aut amicitiam experiri quam bellum.  
Lusitania quoque titulis eius ascribit quod potissima pars eius ab  
hostibus fidei libera populisque repleta fidelibus uberes domino  
15 gratias et sacrificia laudis exsoluit. Si loca quis diligens contemplator  
inspexerit que rex illustris aut diuinis cultibus contulit et religioni aut  
que menibus et populis ad regni firmamentum et hostium  
infirmationem seu ampliauit seu de nouo constituit profecto fatebitur,  
quantum humano licebit iudicio, ipsis diuinam gratiam huius uite  
20 statum contulisse felicem.

- 1.0 4 potentiam  
6 maiestate *PMFI*  
7 quam quam *primum subp.*  
11 ceteris: exceteris *cor. eras.*  
13 Lusitanii *cor.*

## MILAGRES DE S. VICENTE

### Milagres de S. Vicente dados a público em Lisboa por Mestre Estêvão, chantre da Sé Ulissiponense

1.0. Está escrito<sup>1</sup> que são felizes os reis que governam com justiça e diz-se que, nos negócios humanos, nada há mais gratificante do que quando, por misericórdia de Deus, o poder está nas mãos daqueles que alcançam a ciência de dirigir os povos. É que o poder daqueles que temem a Deus, O amam e O veneram, daqueles que aspiram sobretudo pelo reino onde não receiam ter concorrentes, daqueles que fazem que as suas decisões sirvam a majestade divina para a dilatação máxima do culto de Deus, esse poder não se serve tanto a si próprio como aos súbditos.

Foi justamente em todas estas qualidades bem manifestas que se salientou o rei Afonso com uma intrepidez sobremaneira eminente. Exerceu ele o seu poder para dilatação da Igreja em lutas tão intensas que sobretudo agora, amadurecido em anos e em ponderação, incute respeito tanto a vizinhos como a outros reis e os inimigos preferem ter com ele relações de paz e amizade a enfrentá-lo na guerra<sup>2</sup>. Também a Lusitânia<sup>3</sup> se inscreve nos seus títulos, pois grandíssima parte dela foi libertada dos inimigos da fé e povoada de

---

<sup>1</sup> A referência em causa não remete para um passo escriturístico, como poderia parecer, mas constitui uma larga citação da *Cidade de Deus* de Sto. Agostinho (5.24, 10-12). O aproveitamento deste passo agostiniano é frequente em obras medievais que desenvolvem a natureza do poder real. Vem, por ex., no *De Regimine Principum* atribuído a Sto. Tomás e na obra homónima de Egidio Romano e encontramos-lo transcrito também no *Speculum Regum* de Fr. Alvaro Pais (começado em 1341), de onde transcrevemos: «Christianos imperatores et reges felices dicimus si iuste imperant (...) si suam potestatem ad Dei cultum maxime adhibent, si Deum timent et diligunt et colunt ubi non timent habere consortes». Cf. *Espelho de Reis*, ed. trad. Miguel Pinto de Meneses, Lisboa, 1955, p. 124.

Não se estranhe, de resto, a forma de referência a um dos autores consagrados da Idade Média. Não é caso único e corresponde ao hábito de constituir a escrita como forma de autoridade.

<sup>2</sup> Supõe-se aqui um tratado de paz com os mouros, a que mais abaixo se fará referência explícita. Cf. *Crónica dos Sete Primeiros reis de Portugal*, ed. Carlos da Silva Tarouca, I, Lisboa 1952, p. 107: «Conta a Croniqua que depois que os cinco anos da tregua que el-Rey D. Afonso fez com el-Rey Alboache».

<sup>3</sup> Não deixa de chamar à atenção que o termo seja aqui aplicado já tão cedo a uma parte do território português; trata-se obviamente de uma referência cultural que importará reter e que não é única. Cf. *Vita S. Theotonii*, onde o alcance do termo é semelhante; cf. igualmente os *Annales D. Alfonsi Portugallensium regis*, tal como se refere na nossa introdução.

Cum ergo me materia superet de beneficiis scribere proponentem, que patria nutu dei, dum iste regnaret, accepit, omissis aliis quibus nostri facultas ingenii minime sufficit, pauca interim que diebus illius ciuitatem Vlixbonam per diuine pietatis intuitum, supra  
 25 quam credi possit, extollunt, relatu simplicis sermonis attingam.

Sicut igitur litteris et narratione maiorum certissime creditum est, beatissimus athleta dei Vincentius apud Valenciam martirio coronatus ibique sepultus fuit. Verum quoniam sub rege Ruderico fere per totam Hispaniam sarracenis irruentibus christianitas interiret, quidam  
 30 uiri religiosi tuciora loca querentes in loco remotissimo uersus occidente, qui latine dicitur ad capud sancti Vincentii de coruo, arabice uero elkenicietal corabh, id est, ecclesia corui, prefati martiris ossa sacratissima condiderunt cellulasque quantas ille locus angustus et mare porrectus excipere posset extruxerunt. In quibus a uiris religiosis per  
 35 aliquod tempus ad honorem dei martiri glorioso seruitum est et eius obsequium non sine diuinis beneficiis cum multa deuocione peractum.

At ubi prefatus rex Alfonsus iam tum a puero admodum comendabilis et famose indolis adolescens sepe uictis hostibus, regibus superatis, urbibus quoque uastatis et captis, mauris esse terrori cepisset,  
 40 ad locum prenominatum, ut inde secum beatissimum corpus afferret, uirtute tam fidei quam gentis armatus accessit. Sed regis pia deuocio, non tam incuria seu minus propenso labore quam ipsius martiris uoluntate cassa est. Libet igitur super re ista regis ipsius rationem attendere, qui dicit iccirco beatum martirem a rege se nolle fuisse  
 45 repertum quia sibi placitum fuerat ab Vlixbonensi populo potius uenerari et econtra regis animus Bracare seu Colimbrie, si repertum referret, condere proponebat presertim cum necdum pietas diuina sibi contulerit Vlixbonam. Regi tamen inutilis pii laboris cura [non] fuit, nam placitam deuotionis obtulit et orationis hostiam domino in  
 50 memoriam beatissimi martiris cuius opere atque suffragiis actum esse credibile est, quod eodem tempore rex prefatus quam plurimos christianos, qui muhsaraues quasi misti arabes nuncupantur, ab infidelium seruitute terre restituit christiane. Inter quos duo fratres uiri religiosi etatis prouecte habitus monachilis, qui in loco prefato et  
 55 seruitio beatissimi martiris suas etates concorditer egerant, aducti sunt. Qui dum honeste et religiose Vlixbone uixissent, quam plures id

30 tuciorum

38 commendabilis: commendabile *PMH*: commendabil' / indole

fiéis e rende ao Senhor graças abundantes e sacrifícios de louvor<sup>4</sup>.

Se alguém observar com atenção os lugares que este rei ilustre ou entregou ao culto divino e à vida religiosa ou amuralhou e fez crescer em número de povoadores ou estabeleceu de raiz para consolidação do reino e enfraquecimento dos inimigos, certamente confessará, tanto quanto é permitido a juízo humano, que a estes lugares a divina graça conferiu a felicidade já neste mundo.

Porque excederia, na verdade, as minhas forças se me propusesse referir os benefícios que esta terra, por mercê de Deus, recebeu durante o seu reinado, deixarei de lado aquilo para o qual a capacidade do meu engenho não é nitidamente adequada e limitar-me-ei a tocar em estilo simples alguns aspectos do que no seu tempo, por beneplácito da piedade divina, contribuiu para erguer a cidade de Lisboa acima do que seria previsível.

Como está indubitavelmente confirmado pelos testemunhos escritos de nossos maiores, foi em Valência que o herói de Deus, o grande bem-aventurado Vicente recebeu a coroa do martírio e aí foi sepultado. Todavia, uma vez que no reinado de Rodrigo, com a invasão dos sarracenos, o cristianismo quase desapareceu por toda a Hispânia, alguns homens de religião procuraram lugares com alguma segurança num sítio muito afastado para ocidente designado em latim por Cabo de S. Vicente do Corvo e em árabe por elkenicietal corabh, ou seja, igreja do corvo, e aí depositaram os ossos sacratíssimos desse mártir, ao mesmo tempo que levantavam algumas construções, tantas quantas a estreiteza desse lugar projectado sobre o mar podia consentir. Aí foi prestado culto ao glorioso mártir, para glória de Deus, por homens de religião durante certo tempo. Não deixou tal veneração de ser acompanhada de mercês divinas e de múltiplas manifestações de piedade.

Porém, logo que o rei Afonso, que já de tenra idade se impusera pelas suas qualidades e na juventude firmara o seu prestígio por repetidas vitórias sobre os inimigos, desbaratando reis, levando cidades de vencida e subjugando-as, passou a ser o terror dos mouros, acabou por chegar ao citado lugar para daí trazer consigo o corpo daquele grande santo, armado tanto de fé como de homens.

Não teve, porém, efeito a piedade e a devoção do rei; não tanto por incúria ou por menor esforço empregado do que por vontade do

---

<sup>4</sup> Ps. 49, 23.

maxime scire curantes noticiam ubi ab antecessoribus beatum Vincentium positum didicerant diligentissime docuerunt.

Vnde, post aliquod tempus, cum iam haberetur certitudo definita  
60 locorum et tandem, uolente deo, pacis federa inter regem sepe dictum  
et mauros, ad locum prefatum securius iter efficerent, quidam, bono  
animo et spiritu acti diuino, nauigia parant, collectisque necessariis,  
maria temptant, pericula superant, et ad locum optatum felici  
nauigatione perueniunt. Vbi uigiliis et orationibus insistentes circa  
65 loca presignata terram aperiunt corpusque preoptatum post multum  
laborem per diuinam reuelationem inueniunt nauique desiderabilem  
sarcinam deponentes, cum quibus gaudiis, quibus dominique  
graciarum accionibus, quam leti, quam hilares redeant, prosequi facile  
dictu non est.

próprio mártir. Importa atender às considerações do próprio rei sobre este facto. Diz ele a esse respeito que o santo mártir não quis que fosse o rei a descobri-lo porque a ele lhe aprouvera ser venerado de preferência pela gente de Lisboa e a intenção do rei era, pelo contrário, depositá-lo em Braga ou em Coimbra, já que a misericórdia divina ainda lhe não entregara Lisboa.

Ao rei, no entanto, não lhe foi vão o empenho por empreendimento tão piedoso, pois ofereceu sacrifício agradável de devoção e oração ao Senhor em memória de mártir tão santo, e é de crer que foi por acção dele e por sua intercessão que nessa ocasião tal rei resgatou da servidão dos infiéis para terra cristã grande número de cristãos a quem se dá o nome de moçárabes, ou seja, misturados com os árabes. Entre eles, vieram dois irmãos, homens de religião, de idade provectora e hábito monástico, os quais haviam passado em comum os anos da sua vida ao serviço do mártir santíssimo. Viviam eles em Lisboa, de forma simples e piedosa. A muitos que ansiosamente procuravam notícias deram eles conhecimento do lugar preciso onde, segundo lhes haviam dito os seus antecessores, fora depositado o bem-aventurado Vicente. Daí que, algum tempo depois, havendo já certeza exacta quanto ao local e havendo finalmente, por vontade de Deus, um tratado de paz entre o rei referido e os mouros, tornava-se mais seguro o caminho para esse local<sup>5</sup>.

Alguns homens corajosos inspirados por Deus preparam uns navios e, levando consigo o necessário, aventuram-se ao mar, arrostam com os perigos e chegam ao lugar desejado sem contratempos. Entregam-se a vigílias de oração, desbravam a terra em torno dos locais previamente assinalados e, depois de muito trabalho, por revelação divina, encontram o corpo tão procurado. Carregam para o navio o desejado depósito e não seria fácil continuar a dizer com que expressões de alegria e com que acções de graças ao Senhor voltam de regresso cheios de contentamento e de regozijo.

---

<sup>5</sup> A procura de verosimilhança na sequência narrativa parece mais relevante que a informação sobre as diligências para levar a bom termo o empreendimento; os dados factuais são por demais genéricos para que possamos comprová-los.

1.1. Primum miraculum. Veruntamen illud silentio dandum non est quod de sociis unus qui aderat sibi ipsi quod accidit euenisse confessus est. Sibi uidelicet de sacris ossibus quiddam, dum multo metu hostium raptim colligerentur, se furto tulisse. Quo facto,  
 5 tandiu permansit uisu priuatus, quoad reliquis partibus partem quam tulerat trepidus admodum et mestus adiungeret, statimque suum oculis officium, impetrata uenia, redditum est.

1.2. Secundum miraculum. Sed certe nec hoc sine beneficio estimandum est accidisse diuino, quod mare circa partes illas uentis semper horret et undis et tunc ita se mite redeuntibus et placabile prebuit acsi nullis unquam solitum fuerit motibus agitari. Veniunt  
 5 igitur Vlixbonam et agente deo portus intrantes optatos leto remigilitus attingunt onusque sacratissimum piis humeris imponentes e nauideponunt. Sed ne uiolentia quorundam ualeat inconsiderata nocere, sub nocte quasi clanculis gressibus, ad memoriam beate Iuste uirginis occulte delatum est. Verum ubi ciuitati mane facto rei tam excellentis  
 10 euentus innotuit, factus est concursus inermium et armatorum. Hii ad monasterium quorundam regularium extra ciuitatem commorantium cum uiolentia litigant et contendunt debere deponi, alii sententia saniore reclamant ad cathedralem ecclesiam sacratissimum corpus oportere deferri. At uero Gunsaluus Egee, quem in illis diebus rex  
 15 antedictus milicie prefecerat Extremature, uir utique strenuus et discretus, mandat e medio uiolentiam et litigium tolli, regisque super re tanta beneplacitum expectari. Tunc denique matris ecclesie decanus, Robertus nomine, uir deo et populo ciuitatis acceptus, collectis sociis canonicis et [...] sapienter ne plebis commotio rem  
 20 aliter uerteret, hinc inde dispositis, Munionem rectorem ipsius ecclesie ubi primum in ciuitate sanctissimum corpus fuerat depositum [adit]. Gratanter honoribus donant ipsumque diuino consulti fauore piis manibus et letis suscipiunt et cum tocius ciuitatis ueneratione, in himnis diuinis et laudibus ad maiorem ecclesiam, dono nimirum celesti

1.1 6 statim que *PMH*

1.2 1 sine: fine *PMH*

6 onusque: honusque

17 tunc denique *incipit mutilus L*

19 *lac. suspicor* / ne: nec *L*

1.1. Todavia, não deve ser passado em silêncio o que um dos companheiros que aí se encontravam confessou ter-lhe acontecido. Tinha ele retirado para si, sem ninguém ter dado por isso, um dos ossos do santo, quando, a toda a pressa, com muito medo dos inimigos, procediam à recolha. Logo de seguida, ficou ele privado de vista até voltar a pôr no resto dos despojos a parte que retirara. Fê-lo cheio de temor e de pena, pediu perdão e imediatamente recuperou o exercício da visão.

1.2. Certamente não se há-de considerar que aconteceu sem intervenção divina o facto de o mar, que na zona sempre se apresenta encapelado, com vagas e ventania, nessa altura se ter mantido calmo e tranquilo para regressarem, como se nunca tivesse estado exposto à agitação habitual.

Regressam, pois, a Lisboa e, sob acção de Deus, entram no porto desejado, remam para terra jubilosos e, pondo aos ombros, com piedade, o corpo sacratíssimo retiram-no do navio. Entretanto, não fosse a violência de alguns, por inconsiderada, causar qualquer dano, durante a noite, quase sem deixarem entender por onde passavam, conduzem-no em segredo à igreja da virgem Santa Justa <sup>6</sup>.

A verdade é que quando, ao romper da manhã, a ocorrência de tal facto tão excelso se tornou conhecida da cidade, acorrem os homens, uns desarmados mas outros armados. Estes sustentam, em modos violentos, que o corpo do santo deve ser levado para o mosteiro de uns religiosos situados fora da cidade e aí deposto <sup>7</sup>, os outros, mais ponderadamente, contrapõem que ele deve ser levado para a catedral.

É então que, por seu lado, Gonçalo Egas <sup>8</sup>, a quem por aquele tempo o rei acima referido pusera à frente do exército da Estremadura, homem indiscutivelmente valoroso e prudente, dá ordem para se pôr termo a ameaças e discussões e se esperar pela decisão do rei sobre assunto de tamanha importância.

Por fim, o deão da igreja matriz, Roberto de seu nome, homem de Deus e benquisto pelo povo da cidade, reúne os cónegos seus

<sup>6</sup> A igreja de Santa Justa deveria situar-se no local em que ainda hoje se encontra a igreja de S. Domingos, não longe da porta da cidade que veio a chamar-se de S. Vicente. Cf. Cón. José FALCÃO, *Op. cit.*, p. 12.

<sup>7</sup> A fundação do mosteiro de S. Vicente é ainda recente; a imprecisão do relato não serve para clarificar se nos encontramos em momento anterior ou posterior à entrada dos cónegos regrantes de Sto. Agostinho. De qualquer modo, parece ficar pressuposto que terá havido uma tentativa por parte dos cónegos regrantes de S. Vicente para desviar para lá o corpo do santo.

<sup>8</sup> Cf. J. MATTOSO, *Ricos-homens, Infanções e Cavaleiros. A nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*, Lisboa, 1982, pp. 232-235.

25 letantes, apportant et ueneratione debita collocatum piis affecti-  
bus, seruiciis incessabilibus, quantum denique uis humana permittit,  
honorant.

Currunt igitur prenominati regulares aliquid de reliquiis gloriosi  
martiris petitori et regias aures rumoribus adeo letis attingunt ut inter  
30 illa que sibi prospera dum uiueret, dei fauore, cedere consueuerant,  
istud precipue sibi felicius diceret accidisse.

Posses utique suas gaudii lacrimas in regio uultu notare, posses in  
uiro catholico pium animum deprehendere et commendare fidelem  
quem adeo letum tantas exoluere grates, tantum diuinam extollere  
35 uideres et laudare clemenciam. Et merito. Credit enim ad suum id  
fieri felicitatis augmentum. Gaudet suam ciuitatem terram scilicet  
benedictionis, dei nutu, sua speciali militia, potestati redditam  
christiane, suis temporibus tanto martire sublimari. Gaudet et insuper  
ecclesiam quam ipse ad honorem dei et memoriam beate Virginis  
40 Marie constituit et ditauit manuque propria sumptuque fundatam  
edificauit et beneficiis amplioribus successu temporis edificatam  
dotabit. Hanc, inquam, gaudet aliis uicinitatis ecclesiis multis diuine  
gratie dotibus et his maxime presentibus martiris gloriosi reliquiis  
excellentissime preferendam.

45 Vera igitur pietate et prudencia summa permotus, [rex] hortatur  
et mandat quatinus uiri commendabiles et strenui ad locum in quo  
fuerat sacrum corpus inuentum motu celeri properarent, et quidquid  
aut pulueris aut tumuli apparatus aut ossium esset ex aliorum incuria

25 collocant L

27 honoranter L

29 rumoribus: humoribus L / adeo letis: adcolectis L

30 dei fauore: de uauore L

39 consueuerant L / dicerent A L

32-44 Posses ... preferendam *om.* L

20 *lac. suspicor*

21 Munionem rectorem L: M. personam A

30 gloriosi L: preciosi A

31 diceret L: dicerent A

38 sublimari A *post. man. em. ex sublinari*

45 prodenciam L

47 celeri: celebri L

48 pulueris: plurimis L / ossium: officium L

confrades e [alguma outra gente de armas]<sup>9</sup>. Prudentemente, para que a movimentação popular não degenerasse em tumulto, tomada uma e outra medida, vão ter com Múnio<sup>10</sup>, reitor da igreja em que inicialmente fora depositado na cidade o corpo daquele grande santo. Comprazidamente, entregam-se a prestar-lhe homenagens, e, por inspiração divina, deliberam transferi-lo de forma piedosa e festiva. Acompanhados por toda a cidade em veneração, com cânticos de louvor a Deus e jubilosos por um dom indubitavelmente vindo do céu, levam-no para a igreja mor. Depõem-no com a devida reverência e prestam-lhe as suas honras, com sentimentos de piedade e actos de culto ininterruptos, tanto quanto, enfim, permite a força humana.

Apressam-se então os referidos regulares<sup>11</sup> em procurar algo das relíquias do glorioso mártir e fazem chegar aos ouvidos do rei notícias de tal modo gratificantes<sup>12</sup> que ele considerasse que de entre tudo quanto por mercê de Deus na vida lhe acontecera de bem nada melhor do que isto lhe poderia ter sobrevindo<sup>13</sup>.

Seria possível perceber na face do rei lágrimas de alegria, seria possível reconhecer no cristão a piedade de coração e admirar a fé em quem se via que o júbilo tanto irrompia em acções de graças como transbordava em louvor à divina misericórdia. E com razão. Está, efectivamente, convencido de que tudo isto acontece para aumentar a sua felicidade. Exulta pela cidade, que é como que a terra de bênção, por ela ter sido, por vontade de Deus, devolvida ao poder dos cristãos através das suas campanhas militares e por nos seus dias ter sido sublimada com um mártir tão excelso. Exulta também pela igreja que ele levantou e enriqueceu, em honra de Deus e em memória da B. Virgem Maria, pois não se limitou a construí-la por sua iniciativa e a

<sup>9</sup> Assim se lê na tradução de D. Rodrigo da Cunha. Não obstante a liberdade literária do tradutor não constituir base operativa para reconstituição de texto, a confirmar eventual lição do manuscrito por ele utilizado, este inciso há-de entender-se como necessário para entender o texto dado mais adiante: «hinc inde dispositis». Efectivamente, a expressão *hinc inde* ocorre um pouco mais abaixo na lição fornecida pelo manuscrito alcobacense e poderá ser tomada como fórmula de estilo de um autor; sem esse membro de frase, haveria que propor uma correcção como a de *his inde dispositis*, para dar o necessário apoio ao participio verbal.

<sup>10</sup> O ms. alcobacense apenas regista «M. personam». D. Rodrigo da Cunha omite este passo na sua tradução. Preferimos obviamente a lição do ms. anónimo, por ser aquela que faz sentido.

<sup>11</sup> A tradução de D. Rodrigo da Cunha interpreta directamente: «cónegos de S. Vicente [...] para o seu mosteiro».

<sup>12</sup> No caso de se pretender admitir a lição *adcolectis* do ms haverá que entender «notícias recolhidas»; caso se opte pela lição *adeo lectis* entenda-se «até então recolhidas». A continuação da frase leva-nos a propor a correcção de *lectis* para *letis/laetis*.

<sup>13</sup> Note-se que o alcobacense apresenta um desenvolvimento que o anónimo de Lisboa omite.

derelictum isti uigili cura et omni diligentia reportarent. Quod totum  
50 ea festinatione et felicitate peractum est qua constat hunc qui hec  
iubebat hec exoptasse.

Reddunt etenim qui missi fuerant et sacros cineres et ligna  
sepulcri et partem teste capitalis et cum reliquis partibus Vlixbone  
ingenti ciuium ueneratione componunt.

55 III.m miraculum. Sed quanta dulcedo miri odoris lignorum  
existat adhuc in presenti die uolentibus experiri, si propius  
admittantur, mira fragrantia et suauissimus odor occurrit.

1.3. Quartum miraculum. Set et hoc preterendum non est quod  
magister Benedictus precentor noster, uir uita grauis et moribus, nuper  
expertus est. Qui dum more solito ad altare iuxta quod ossa sacerrima  
posita sunt, orandi animo, propius accecisset, tanta se sensit odoris et  
5 fragrantie suauitate perfusum quod quasi stupore mentis et extasi  
tactus orationi tandiu se dedit quoad odor ille quasi claritas fumi  
cuiusdam abscederet.

Scribitur itaque dies et grata memoria feliciter celebratur in qua  
beatissimi corpus Vincentii ad Vlixbonensem ecclesiam constat esse  
10 translatum. Que translatio iocunda celebrisque statuitur XVII  
Kalendas octobris anno domini M-o C-o LXX-o III-o, regni autem

50 peractum: peratrum L

50 qua: quia L / hunc: huc L / qui hec iubebat: quibus uidebat L

52 reddunt: redeunt *ex* reneunt A: redent L

56 experiri: expenere L

57 mira: mita L

1.3 1-7 Quartum ... abscederet *om.* L

3 sacerrima *post. man. glos.* sacratissima

8 scribitur A: scribatur L / celebratur A: celebretur L

suas expensas, mas também a dotará realmente, depois de concluída, com benefícios abundantes no decorrer do tempo<sup>14</sup>. Exulta, digo, por esta ter sido a igreja preferida de entre outras das proximidades para receber múltiplas dádivas da graça divina e sobretudo agora por esta tão excelsa das relíquias do glorioso mártir<sup>15</sup>.

Levado, pois, por piedade sincera e extrema prudência, o rei exorta e manda<sup>16</sup> que homens respeitáveis e intrépidos se dirigissem sem demora ao local em que fora encontrado o corpo do santo e que tudo o que houvesse sido deixado por menor cuidado de outros, restos funerários, do túmulo ou das ossadas, eles o trouxessem com cuidado atento e com toda a diligência. Tudo isso foi executado com a rapidez e a perfeição com que, como sabemos, também desejava aquele que isto mandava.

Os que haviam sido enviados trazem, pois, não só as cinzas do santo, mas também tábuas do túmulo e parte do crâneo que juntam às demais relíquias no meio de grande veneração dos habitantes de Lisboa.

De notar é que persiste ainda no dia de hoje um suave e invulgar perfume saído das tábuas e quem o desejar pode experimentá-lo; caso lhe seja permitido aproximar-se, sobrevir-lhe-á fragância invulgar e perfume mais agradável que nenhum outro<sup>17</sup>.

1.3. Quanto a isto, não há que passar por alto o que experimentou Mestre Bento, nosso chantre, pessoa grave de vida e de costumes. Como costumava, abeirou-se ele bastante perto do altar junto do qual haviam sido depositadas as ossadas sacratíssimas, com o propósito de orar. Sentiu-se inundado de uma fragância tão suave que quase sem tino de si e arrebatado em êxtase se ficou em oração todo o tempo que demorou a desaparecer aquele odor que procedia de uma nuvem luminosa.

<sup>14</sup> A fundação de Santa Maria dos Mártires em honra dos cristãos caídos na conquista da cidade de Lisboa está referida pelo *Indiculum Foundationis Monasterii Sancti Vincentii*.

<sup>15</sup> Note-se a gradação nitidamente intencional por parte do autor do texto quanto ao enaltecimento da Sé de Lisboa onde fica depositado o corpo de S. Vicente.

<sup>16</sup> Não é fácil perceber a realidade subjacente a toda esta sequência nem tão pouco o valor desta hendíade verbal. Haverá uma articulação real entre a iniciativa tomada pelos cônegos regulares e a decisão do rei em mandar proceder a novas buscas para a transladação completa dos restos do mártir e do seu culto? A nível da frase, os elementos não são explícitos.

<sup>17</sup> Seguidamente, o texto do manuscrito anónimo omite um milagre desenvolvido pelo alcobacense. Segundo este, ele ocorre em favor do chantre da catedral; D. Rodrigo da Cunha coincide com o alcobacense e bem assim Fr. António Brandão. Qual o significado da omissão, se é que de omissão se trata, é questão que não parece líquida, a não ser que a atribuamos a maior rigor de planificação narrativa por parte do anónimo, como transparece noutras circunstâncias.

regis Alfonsi XL-o V-o, uite uero eiusdem anno LX-o VII-o filioque regis eiusdem Sancio conregnante XVIII annorum, adolescente mirabilis indolis, ab urbis uero prefate captione anno XX-o VI-o.

15 Cum igitur ad tocius regni felicitatem attineat martiris adeo gloriosi presentia maxime populus ulixbonensis iugo tenetur debito, diuinam clemenciam super tam excellenti beneficio laudibus incensabilibus benedicere, multis accionibus graciaram extollere et per omnia [secula] sermone magnifico predicare. Licet enim terram  
 20 habeant uirtute diuina incomparabiliter bonam, terram, inquam, omnium generum fructibus comendabilem, oleo, uino, frugibus habundantem, aere saluberrimam, undarum beneficio copiosam, presenti tamen celestis gratie dono ceteris potest, nostro iudicio, suc uicinitatis ciuitatibus anteponi. Propter presens siquidem donum is qui  
 25 est maiestate mirabilis et in sanctis suis gloriosus, mirifice magna et magnifice mirabilia per assuete bonitatis gratiam diebus singulis operatur. Demoniam siquidem ab obsessis corporibus effugari, mutos loqui, claudis gressum restitui, in mari periclitantibus subueniri, cecos illuminari, sublatas furto pecunias mirabiliter reddi, mulieres a diutino  
 30 sanguinis fluxu sanari, tortos membra rectos efici, ab humanis corporibus uarios languores expelli, qui diuine gratie aut beatissimi martiris Vincentii meritis non ascribunt non solum dei beneficiorum ingrati uerum etiam a fidelium numero alienissimi sunt [h]abendi.

De prelibatis igitur miraculis ex ordine tracturus, ne diuina  
 35 beneficia posterorum noticiam lateant, licet impediatur copia proponentis, tamen sicut hec et alia quam plura gesta noscuntur, prout breuius possim, expediam.

10-14 Que... VI.<sup>o</sup> om. L *add.* ad laudem almi flui Redentoris cui est honor et gloria per secula finita. Amen. *Hic fuit testimonium L*

14 mirabile *PMH*: mirabil'

16 iugo: iugi

25 mirabile *PMH*: mirabil'

35 Proponentem: proponente *PMH*

Regista-se, pois, e celebra-se<sup>18</sup> em alegria e grata memória o dia em que, segundo consta, o corpo do grande S. Vicente foi trasladado para a igreja de Lisboa. Essa transladação festiva e solene está marcada no dia 15 de Setembro do ano do Senhor de 1173, no ano 45 do reinado do rei Afonso, aos 77 anos de sua vida, aos 19 anos da associação ao poder de Sancho filho desse rei, um jovem de carácter admirável, aos 26 anos da tomada da cidade<sup>19</sup>.

Conquanto a presença de tão glorioso mártir tenha a ver com o bem de todo o reino, é sobretudo sobre a população de Lisboa que impende a obrigação de louvar incessantemente a misericórdia divina por dom tão excelso, enaltecê-la em múltiplas acções de graças e engrandecê-la ao longo dos séculos por palavra eloquente. Com efeito, embora, por dispensação divina, tenham um território incomparavelmente produtivo, um território, diria, fértil em produções de todo o género, abundante em azeite, vinho, legumes, de clima dos melhores para a saúde, águas abundantes e excelentes, a verdade é que por este dom da graça celestial pode, a nosso ver, ser considerada acima das cidades da sua vizinhança. Realmente, em razão deste dom, Aquele que é admirável em majestade e glorioso nos seus santos realiza obras admiravelmente magnificentes e magnificamente admiráveis, dia a dia, por graça da sua costumada bondade. Expulsar, efectivamente, os demónios da obsessão corporal, pôr os mudos a falar, restituir o andar aos coxos, socorrer os naufragos no mar, dar vista aos cegos, recuperar milagrosamente quantias de dinheiro furtadas, curar mulheres de contínuo fluxo de sangue, endireitar membros tolhidos, eliminar do corpo humano doenças de toda a ordem, quem o não atribuir à graça divina e aos méritos do bem-aventurado mártir Vicente terá não apenas de ser considerado ingrato dos benefícios divinos, mas também muito afastado do número dos fiéis.

Disponho-me, pois, a tratar um por um os milagres referidos, não vão os benefícios divinos ficar escondidos ao conhecimento dos

<sup>18</sup> O anónimo dá no conjuntivo o que o alcobacense apresenta no indicativo: «scribitur (...) celebratur»; D. Rodrigo traduz «Decretou-se que esta tresladaçam se celebrasse». O conjuntivo do anónimo, no entanto, é resultante de correcção. Por outro lado, este testemunho abrevia e omite a referência de calendário e de datação. Os dados parecem demasiado evidentes para ter de supor-se dependência do estado mais longo do texto e não o contrário. De resto, há unidade entre o prólogo e o texto atribuído a Mestre Estêvão para não termos de supor um texto anterior de que ambos dependessem.

<sup>19</sup> De novo o mesmo anónimo abrevia todo este passo e usa uma fórmula menos habitual para conclusão da doxologia. Esperar-se-ia *per secula infinita*. Note-se sobretudo que a doxologia é própria desse ms. e não existe no alcobacense nem é pressuposta pela tradução de D. Rodrigo. Não é de excluir que se possa tratar de um elemento diegético estruturante do conjunto, repetido no final dos milagres desse mesmo testemunho.

Cum ergo tantis audita miraculis hinc inde populos fama contraheret, et hos ad uidendum res mirabiles illos ad glorificandum  
40 nomen domini conuocaret plerosque tamen spes amplius properat, ut pietate diuina et Vincentii martiris [intercessione] ad egra corpora seu mentis spiritu uexatas maligno sanitas reducatur.

1.4. Quintum miraculum. Vidi ipse et que presens erat multitudo quam maxima puellam iam nubilem ab Vlixbone parentibus ortam ad ecclesiam in qua prefatus martyr Vincentius honoratur aliorum officio deportatam. Que dum gestu perdit  
5 corporis et gutturis impedito murmure grauis inueret quod uellet ad altare deponi, a parentibus circumstans turba quesiiuit cuiusnam morbi puellam tanta miseria fatigaret. Quibus referentibus illam per aliquot dies egritudinis magna molestia fuisse grauata, demum insania tactam amisisse loquelam, et imo se uellet, cum iam ab ope humana  
10 deficeret, misericordiam implorare diuinam. His, inquam, ita dicentibus, puella sacris reliquiis in oratione supponitur. Pro qua dum a populo circumstante piis lacrimis et communibus uotis oratur, quies insolita et quedam suporis dulcedo membra puelle demulcet ita tamen ut miciori motu uideretur ab assistentibus hinc inde moueri. Vnde  
15 mox se ipsa forcior excitatur restitoeque membrorum officio, cunctis premirabili euentu stupentibus, surgit et os quod culpa fuerat exigente ligatum fit illico soluente domino liberum et ad laudem ipsius et gloriosissimi martiris expeditum. Exlamat itaque et sibi dum semisopita iaceret uirum in albis apparuisse testatur. Querentique  
20 quisnam esset qui tam speciosus accederet, ego sum, inquit, Vincentius qui te saluti reddidi. Manuque puelle, ut sibi uisum fuerat, apprehensa, cleuauit eam precipiens ut surgens eloqueretur quod sibi senserat ex dono diuine bonitatis impensum. Quas igitur laudes, quas uoces

vindouros. Ainda que a abundância da matéria constitua impedimento, todavia, dentro da brevidade possível, desenvolverei quer estes quer vários outros factos que chegaram ao nosso conhecimento.

Embora se saiba que a divulgação de tantos milagres arrasta gentes de um e outro lado, trazendo uns para verem coisas extraordinárias e outros para glorificarem o nome do Senhor, é, todavia, sobretudo a esperança que impele a maior parte a fim de por misericórdia divina e intercessão do mártir S. Vicente a saúde voltar aos corpos enfermos ou aos espíritos atormentados pelo espírito maligno.

1.4. Vi eu próprio e uma multidão enorme que ali se encontrava uma rapariga já núbil, nascida de pais residentes em Lisboa, ser trazida por mãos de outros à igreja em que o dito mártir é venerado. Enquanto ela, por gestos de um corpo perdido e por um murmúrio imperceptível de voz enrouquecida, acenava que queria que a pusessem junto do altar, a multidão que a rodeava perguntava aos pais que doença era aquela que atormentava a rapariga. Referiram eles que ela tinha sido vítima há alguns dias de uma grave enfermidade e que por fim, atingida de loucura, tinha perdido a fala e, por último, falhando todos os recursos humanos, haviam decidido implorar a misericórdia divina. Dizendo isto, insisto, a rapariga é deixada em atitude de oração perante as relíquias do santo. Enquanto as pessoas que ali se encontravam imploram emocionadas e fazem promessas em nome de todos, uma calma a que já não estava habituada e uma certa tranquilidade repousante relaxa os membros da rapariga, por tal modo que parecia aos presentes que se movia de um lado para o outro bastante suavemente. De seguida, num repente, ela própria se agita com alguma veemência e, recobrando a acção dos membros, levanta-se perante a admiração de todos frente a acontecimento tão invulgar. A voz que, por castigo do pecado, estivera travada, de um momento para o outro, por acção do Senhor, fica solta e desembaraçada para O louvar a Ele e ao mártir santíssimo. Irrompe então num brado para confessar que enquanto estivera mecia a dormir lhe aparecera um homem vestido de branco; quando perguntara quem era alguém que se aproximava tão luminoso, ele respondera: sou Vicente, quem te restituiu a saúde. Pegando na mão da rapariga, tal como a ela se lhe afigurou, manteve-a suspensa e ordenou-lhe que se erguesse e falasse do que sentira haver-lhe sido concedido por mercê da bondade divina.

Que louvores, que expressões de exultação, que lágrimas de alegria, homens, mulheres, novos e velhos, enfim, toda a cidade que

exultationis, quas leticie lacrimas, signis undique ciuitatis sonantibus,  
 25 uir, mulier, etas omnis, ciuitas denique tota concurrans diuine uirtuti  
 deprompsit, eo minus sufficientibus nos constat effari quo dei  
 magnalia excellencius humanum pectus excedunt.

1.5. VI.m miraculum. Per idem tempus, quidam ecclesie nostre  
 canonicus ardore febrium iam multis diebus ita molestie cesserat et  
 debilitabatur ut uix ad ecclesiam spe trahente salutis ualeret accedere.  
 In qua dum pernoctasset, completis in oratione uigiliis, domum,  
 5 sanitate reddita, ualidus remeauit.

1.6. Septimum miraculum. Simili modo puerulus quidam  
 magistri operis antedicti filius per beatissimum martirem adeptus est.  
 Cuius facie lesa tanta in uultu deformitas apparebat quod et lesura  
 parentibus horrorem incuteret et salutis desperatio non minimum  
 10 contristaret. Mouit igitur deuocionem parentum filii dolor, et, sicut  
 moris est, cum desperatur humana, diuinam supplices opem  
 implorant. Veniunt itaque ad sanctum Vincentium, lumen tam fide  
 quam manibus ferentes, triennem puerum ante sacras reliquias  
 statuunt, uerba quibus Vincentium salutem exposcat puerulum docent.  
 15 Posses animo flecti, posses utique mente compungi uidendo elinguem  
 et balbulum flexis genibus lacrimis fuis astantem et hec dicta cum  
 parentibus iterantem: o sancte Vincenti, da mihi salutem et tuus dum  
 uixerero seruus existam. Huiusmodi uerbulis aliquociens repetitis,  
 sana quidem et formosa facies puero redditur: nec ulterius uultus tener  
 20 ulla morbi notula maculatur.

1.5 3 debilitari

1.6 1 septimum: septem

acordia, tenham manifestado ao poder divino, enquanto os sinos iam repicando por toda a parte, tanto menos nos será possível declará-lo por palavras bastantes quanto as maravilhas de Deus ultrapassam pela sua excelência o coração do homem.

1.5. Por essa mesma altura, um dos cônegos da nossa igreja, devido a intensidade dos acessos de febre, havia muitos dias que ficara alquebrado pela doença e estava tão enfraquecido que a custo conseguia ir à igreja na esperança de ser curado. Passou nela a noite em vigília de oração e voltou a casa curado e cheio de saúde.

1.6. De igual modo, uma criança, filho do mencionado<sup>20</sup> mestre de obras, recobrou a saúde por intervenção do mártir santíssimo. A doença provocara-lhe no rosto tal deformação que os próprios pais se sentiam horrorizados e viviam na maior tristeza sem esperança de salvá-lo. A dor que sentiam pelo filho incitou, porém, a devoção dos pais, e, como é frequente, ao desesperarem dos recursos humanos, imploram humildemente o auxílio divino. Dirigem-se, pois, a S. Vicente. A chama da fé iguala a outra que trazem nas mãos. Colocam a criança de três anos frente às relíquias do santo e ensinam-lhe as palavras para pedir a saúde a S. Vicente. Seria ocasião para ficar emocionado, seria ocasião, sim, para se sentir compungido ver alguém ainda sem domínio da fala a balbuciar, ajoelhado ou levantado, derramando lágrimas enquanto repete com os pais as seguintes palavras: S. Vicente, dai-me saúde e eu serei vosso servo enquanto for vivo. Repetiu ele algumas vezes estas palavras e as faces da criança retomaram a saúde e a formosura de tal modo que nunca depois a delicadeza do rosto ficou maculada por qualquer traço da doença.

---

<sup>20</sup> Esta remissão não se ajusta ao texto conservado. D. Rodrigo da Cunha, que também aqui traduz livremente, omite-a, certamente por considerá-la inadequada e não tanto por faltar no original que teria diante. O mestre de obras da catedral aparece referido mais abaixo num outro milagre com que ele próprio foi beneficiado e por isso teremos de admitir que o texto primitivo tinha pelo menos uma ordem diferente dos milagres que nos foram conservados.

Quanto à data da construção da Sé de Lisboa faltam elementos seguros. Parece provável a construção do templo por D. Afonso Henriques, embora o cruzado Osberno fale já de uma igreja com cinco naves. Apenas uma pedra lavrada em estilo bizantino no primeiro botaréu da fachada norte poderá sugerir a hipótese de uma construção mais antiga. Isso não invalida obviamente a existência de comunidades cristãs com o respectivo culto durante a ocupação muçulmana, como, de resto, está comprovada pelo convento de Sto. Adrião de Chelas e pela existência de um bispo moçárabe na cidade aquando da reconquista por D. Afonso Henriques. Sobre a construção da Sé, cf. NORBERTO DE ARAÚJO, *Inventário de Lisboa*, Lisboa, 1943, pp. 25 ss. JÚLIO DE CASTILHO, *Lisboa Antiga — Bairros Orientais*, Lisboa, 1970 (3.ª ed.), com as rectificações de A. Vieira da Silva.

1.7. VIII.m miraculum. Quedam mulier sane fidelis et timorata uicina prenominate moratur ecclesie. Que multis annis fluxu sanguinis et magna molestia laborabat. Postquam in impericia medicorum consumpta pecunia nichil opis esse didicerat, fide et prece  
 5 Vincentium adiit, sanitatem poposcit et hoc modo recepit. Siquidem post factam orationem sibi quidem dormienti sanctus Vincentius apparuit precipiens ut uestes ablutas et mundas indueret nichil ulterius mali quod per decennium passa fuerat habitura. Que uerba promisse salutis effectus secutus est. Nam deinde mulier ab antedicta miseria  
 10 liberata clemenciam dei et Vincentii beneficium grato sermone glorificat, se sanam esse populo confitetur, celestem misericordiam predicat et gratiam hodie date sanitatis extolit.

1.8. IX.m miraculum. In hisdem etiam diebus puellula quedam, octo sicut dicebatur annorum, ut a demonio liberaretur, ad gloriosissimi martiris suffragium parentibus comitata peruenit. Huic inerat hostis adeo molestus et grauis ut eam ter aut quater in die in  
 5 tantum laborioso uexaret incursu quod egra membra uix proprius spiritus sustentaret. [...] Huius dolentis angustias post aliquot uigilias noctium et orationes illum intuitum fuisse credibile est qui corruentes eleuat et erigit omnes elisos, hostisque opprimentis uiolentia et improbitate depulsa, per beatissimi martiris preces, puellam saluti  
 10 restituit securamque de cetero atque incolumem conseruauit.

Sed et de duobus coruis qui iam a multis uisi sunt sepius alacri uolatu sub arcus et testudinem anterioris ecclesie peruenisse quidam irrisores et diuine pietatis ingrati subsannant. At ego quidem illud  
 15 estimo multo fuisse incredibilius, sane incredibilius, quia mirabilius, et tamen uerissimum est, quod inexplete auis edacitatis et gule dedita, nature oblita uoracis potuit carnem sanctissimi martiris ferro, flamma,

1.7 7 ulterius *al. man. em. ex uterius: uterius PMH*

1.8 6 *lac. susp. / doletis*

6 aliquod *PMH*

12 arc': arcum *PMH*

16 in explete *PMH*

1.7. Certa mulher, pessoa verdadeiramente de fé e timorata, que vivia perto da igreja já referida, sofria há muitos anos de fluxo sanguíneo e de grande indisposição. Depois de ter gasto o seu dinheiro com os médicos sem resultado e ter reconhecido que não havia remédio, acorreu humildemente a rezar a Vicente. Pediu-lhe que a curasse e obteve a cura do seguinte modo: depois de rezar, encontrando-se já a dormir, apareceu-lhe S. Vicente e mandou-lhe que se vestisse de lavado e asseado e que nunca mais haveria de ter o mal de que sofrera durante dez anos. Palavras ditas, imediatamente se lhe seguiu o efeito prometido, pois logo a mulher ficou livre daquela doença. Com palavras agradecidas passa a engrandecer a clemência de Deus e a acção de Vicente, declara a toda a gente que está curada, proclama a misericórdia celestial e ainda hoje<sup>21</sup> exalta a graça da saúde que lhe foi dada.

1.8. Por esses mesmos dias, uma menina de oito anos, ao que diziam, veio em companhia dos pais rezar ao gloriosíssimo mártir para se ver livre do demónio. Entrara nela um inimigo tão molesto e ruim que de tal maneira a atormentava com suas investidas três ou quatro vezes ao dia que a custo o seu espírito conseguia aguentar os membros doloridos. [Trouxeram-na seus pais ao sepulcro do santo mártir]. É bem de crer que Aquele que levanta os abatidos e dá forças a todos os alquebrados, depois de algumas vigílias nocturnas e actos de oração tenha afugentado o inimigo que a oprimia de forma violenta e iníqua e, mediante as preces do mártir santíssimo, tenha restituído a saúde àquela menina e a tenha conservado sã e salva no resto da vida.

Acrescente-se também que existem dois corvos que muitos viram frequentes vezes chegar em voo chilreante por sob os arcos e a abóbada da parte anterior da igreja. Há quem escarneça e ingratos que se põem a troçar. Eu, por minha parte, julgaria que isso era absolutamente inacreditável, verdadeiramente inacreditável porque fora do normal; todavia, é totalmente verdade que um pássaro de voracidade insaciável e dado a comer foi capaz de esquecer a sua natureza voraz e não só manter-se distante das carnes do mártir santíssimo passadas pelo ferro, pela chama e pelos maus tratos, mas até guardá-las ilesas de outras aves e (o que é mais ainda para admirar) também de feras selvagens. Acaso por indicação de Deus poderia uma

---

<sup>21</sup> A tradução que damos tem em conta as frequentes interversões apresentadas pelo texto. Não será, porém, de excluir outra possibilidade, como seja a de considerar *hodie* como equivalente de 'nos seus dias'.

penaque multiplici tritam non solum non attingere, uerum illesam a ceteris auibus et, quod magis mirandum est, a feris bestiis custodire. Potuitne nutu dei hec auis etiam ieiuna sanctum prophetam dies  
 20 quadraginta cibare et non potuit ad prefatam ecclesiam uel propter testimonium sancti corporis aduolare? Vnde ut apertiore dementia diuinis uirtutibus inuidentes aberrent propositae narrationis ordinem exequatur oratio et quos nec res auditu uel uisu mirabiles ad laudem diuine maiestatis inclinant, de multiplicatis miraculis maior incre-  
 25 dulitatis culpa confundat.

1.9. Decimum miraculum. Erat igitur Vlixbone septennis puella paralitica que uultum habebat tanta deformitate distractum ut, amisso spiramine uie naturalis, os ad aurium unam ui morbi retortum atracti aeris uix flatum fere iuxta tempus emitteret. Vnde parentes illius audito quod multos huiusmodi prefatus martyr gloriosus a suis  
 5 languoribus alleuaret puellam ad ecclesiam spe dictam adducunt oblationesque suas ad sacras reliquias in gemitu multo et cordis contricione deponunt et, ne sermonem diutius quam opus sit teneam, puellam diuine clementie et beatissimo Vincentio monitam ut simplex in quantum posset oraret exponunt. Nec mora, quasi stupefacta et uisu  
 10 nouo conterrita, officioque reuera non suo consurgens, hilaris tamen e sana ore reddito et suo loco restituto, profatur populoque qui presens aderat admirante confitetur ex ordine qualiter beatus Vincentius sibi apparuit et proprie manus contractu egre maxille appposito faciem  
 15 puelle restituit et salutem. Fit igitur in urbe tota letus ad sidera clamor et in excelsis domino gloriam et laudes uociferacionis cum populo clerus extollunt, dum et dominum Israel benedicunt qui plebem suam per tanta miracula uisitat et tam admirabilem genti facit in martire glorioso misericordiam. Miratur et predicat populus faciem puelle beatam que tanta et tam sacra manu contingi meruit et habere tam  
 20 felici contactu salutem. Heret animus et dum pre oculis plurima

25 confundat: confuerat

1.9 6 ablationesque

7 teneat *PMH*

11 profatur *cor.* ex proferatur

19 contingi *cor.* ex contingit

ave sem comer alimentar um santo profeta durante quarenta dias e não poderia voar para esta igreja ao menos como testemunho de um corpo santo? Por isso, para que vivam longe na loucura mais completa aqueles que vêem com maus olhos os milagres de Deus, ponhamos termo ao fio da nossa exposição e aqueles que nem ouvindo nem vendo coisas admiráveis se dispõem a louvar a majestade divina confunda-os a responsabilidade de continuarem a não acreditar quando os milagres se multiplicam.

1.9. Ora, havia em Lisboa, uma menina parálitica de sete anos, com o rosto de tal maneira contorcido e deformado que ficara incapaz de respirar pelas vias naturais, e por força da enfermidade a boca se retorcera para uma das orelhas e a custo e quase a intervalos executava a respiração.

Por isso os seus pais, tendo ouvido dizer que o dito glorioso mártir aliviava muita gente de enfermidades deste jaz, conduzem a menina à já mencionada igreja. Com lágrimas abundantes e arrependimento de coração depõem as suas ofertas junto das relíquias do santo e (não vá eu demorar-me a discorrer mais do que o necessário) depois de recomendarem à menina que rezasse deixam-na ficar a suplicar o mais que pudesse à clemência divina e ao beatíssimo Vicente.

Logo de seguida, como que estupefacta e aterrada por uma aparição inesperada, levanta-se, não certamente por seus próprios meios, e já cheia de alegria e com a boca curada e restituída à sua posição pôs-se a falar e perante a admiração da gente que ali se encontrava presente conta em pormenor como o bem-aventurado Vicente lhe aparecera e lhe tocara com a mão no maxilar doente e lhe restituira a saúde e o seu rosto de menina.

Levanta-se por isso em toda a cidade um clamor de alegria que sobe até aos céus. O clero com o povo entoam hinos de glória nas alturas ao Senhor e louvam-no em altas vozes, ao mesmo tempo que bendizem o Senhor de Israel que vem ao encontro do seu povo com tão grandes milagres e tem gestos de misericórdia tão admiráveis para com todos no seu glorioso mártir. O povo admira e louva o ditoso rosto da menina que teve a felicidade de ser tocado por mão tão digna e tão santa e de receber a saúde por toque tão maravilhoso.

Fica-me o espírito perplexo e enquanto perante meus olhos ocorrem muitos factos dignos de memória e grandemente admiráveis, de muitos fico realmente sem saber qual deles deva ser posto especialmente à frente dos outros.

memoria digna et ualde miranda concurrunt de multis nimirum ignoro quod horum specialius debeat aliis anteponi. Quantum enim ad presens multis fortasse uidebitur esse superfluum litteris commendare quam plurima que recenti memoria per omnium ora  
25 notissima celebrantur.

Satis enim esse communi noticie potest quod operis ecclesie prefate magister gaudet et per se quanta post eloquencia predicat qualiter a beato Vincentio salute donatus est. Verumtamen quia non solum magistro sed et operi prenominato martir gloriosus consuluisse  
30 credendum est. Iccirco uideor homini datum diuine debere clemencie donum latius explicare.

1.10. Undecimum miraculum. Iste cum esset ex regio mandato profectus, ut locum exquireret, unde facilius ad construendam ecclesiam lapides erui possent, difficillime siquidem et multis impensis quadratos lapides Vlixbone contigit habere. Hoc, inquam, animo dum  
5 loca lapidum circuit aptiora, mula qua uectabatur per aspera montis et decliua gradiens ita casu subito lapsa est ut onus impositum a se longe deiiceret et excessum hominem inter lapides aggrauando sua mole desuper aduolente comprimeret. Accurrunt igitur qui propius aderant et hominem eleuantes semiuiuum expediunt et utrum integer  
10 uiuat nomen iterando magistri requirunt. Is uero dum dubitat et de se miratur an uiuat respondet tandem querentibus se nescium esse quam partem lesi corporis maior angustia molestaret. Equali quippe dolore quasi lesio una corpus attriuerat, magis tamen de costarum compage soluta conqueritur. Post biduum igitur Vlixbonam eger admodum  
15 quoquo modo reuectus adducitur et desperata medicorum peritia alienis manibus beatissimo martiri presentatur. Vbi dum suppliciter

22 horum *cor. ex hortum* / specialius *cor. ex. specialius* / debeat *cor. ex* debeant

1.10 6 honus  
8 propriu  
9 homine  
10 interando

Pelo que se refere ao presente, a muitos talvez pareça supérfluo pôr tantos por escrito, já que, por serem recentes, são conhecidíssimos e andam na boca de todos. Poderá bastar para público conhecimento aquele de que beneficiou o mestre de obras da mencionada igreja. Tem ele por si divulgado em termos bem eloquentes como recebeu a saúde do bem-aventurado Vicente. Em boa verdade, há-de ter-se em conta que o glorioso mártir não só valeu ao mestre mas também à obra em si mesma e por isso parece-me que devo à divina clemência<sup>22</sup> explicar mais desenvoldidamente a graça concedida àquele homem.

1.10. Tendo ele, por ordem do rei, saído à procura de lugar onde com alguma facilidade pudessem extrair pedras para a construção da igreja, aconteceu que só com extrema dificuldade e com grandes dispêndios conseguiam em Lisboa pedras de cantaria. É assim que, andando nessa intenção a dar volta aos lugares mais adequados, a mula em que ia, ao atravessar penedias e ladeiras, calhou de escorregar de repente, atirou para longe de si a carga que transportava e, para molestar ainda mais o cavaleiro que havia atirado sobre as pedras, caiu-lhe em cima a revolver-se com o peso do corpo. Acorrem logo os que se encontravam perto e tiraram em braços aquele homem já quase sem vida. Para saberem se ainda está vivo chamam repetidamente pelo nome do mestre. Ele, porém, sem dar conta de si, e sem saber bem se está vivo, responde por fim aos outros que nem sabe que parte do corpo ferido lhe magoava mais. Na verdade, a dor atingira por igual o corpo todo, mas ele queixa-se mais das costas por ruptura de coluna.

Dois dias depois levantam como podem o ferido e levam-no para Lisboa. Sem esperança nos cuidados dos médicos, conduzem-no em braços ao mártir santíssimo. Fica aí deitado uma noite em oração e logo de manhã recupera os movimento, desaparece a dor e ele volta são e salvo para casa por seu pé e, agradecido de coração, narra cheio de alegria a sua mulher e à família também exultante de contentamento a grande mercê que recebera da bondade divina.

---

<sup>22</sup> Pelo contexto geral, esperaríamos um ablativo e não um dativo; todavia, a própria inclusão de *debere* entre o sintagma nominal obriga-nos a respeitar o caso dado pelo ms e a traduzir da maneira que damos no texto.

excubans noctem unam peregisset, mane facto, redditis membris,  
depulsa molestia, sanus et incolumis domum gradu firmo reuertitur et  
quantam ex diuina bonitate receperit gratiam grato corde et sermone  
20 letifico sue uxori et letanti familie protestatur.

1.11. XII miraculum. Fuit eodem tempore iuuenis quidam de  
Wimerannis quartanis febribus adeo multo tempore tanta debilitate  
confectus quod nichil proficientibus medicis extremo defectui cederet  
horamque qua diem clauderet trepidus expectaret. Auditis tamen dei  
5 et beati Vincentii mirabilibus, spem animo colligit et martirem  
gloriosum adendum proponit et uouet et dum uiam accelerat  
antequam ad locum optatum perueniat febrium longa molestia  
liberatur. Iter autem promissum mente grata persoluit et, misse  
oblationis donis expositis, quid sibi martir beatissimus egerit hodie  
10 coram populo dominum glorificando declarat.

1.12. XIII miraculum. Tunc quoque temporis adolescentula  
paucis ante diebus marito tradita neruorum dissolutionem incurrit et,  
parte lateris unius amissa, parentum obsequio ad ecclesiam portatur et  
ante sacras reliquias spe salutis habende prosternitur. Pro qua dum  
5 parentes orationem et lacrimas faciunt, puella se paulatim recolligit et  
membra de loco quo iacuerat forcius eleuat et manu, que prius inutilis  
actui fuerat, collapsum mantellum humero superponit ceterisque  
membris usui solito restitutis querenti matri se per beatum Vincentium  
hilarem esse respondet et sanam manum in argumentum salutis  
10 extendit pedibusque reddito gradu consurgit, dicens se esse sanatam et  
uelle domum, turba presentium admirante, redire. Monetur tamen a

20 familia *PMH*

1.11 6 ad eundem *PMH* / uouit *Brandão*  
8 mente: matre *Brandão*  
9 martir *cor. ex martiri*  
10 glorificandi *PMH*

1.12 1 adholescentula  
6 locis *Brandão*  
7 fueret

1.11. Havia na mesma altura um jovem de Guimarães tão enfraquecido por ataques de febres quartãs durante um tempo tão longo que, desenganado dos médicos, caíra em desânimo e tremia ao ver chegar a hora em que terminariam os seus dias. Tendo, no entanto, ouvido falar das maravilhas de Deus e do bem-aventurado Vicente, recobra esperança no seu espírito e formula o propósito de ir em romaria ao mártir glorioso. Quando leva a caminhada quase no fim, já prestes a chegar ao lugar pretendido, sente-se livre das febres que o atormentavam há muito. Leva todavia até final a romagem que prometera em espírito de agradecimento<sup>23</sup>. Apresenta as suas ofertas para uma missa e ainda hoje glorifica ao Senhor, contando publicamente o que lhe fez o mártir santíssimo.

1.12. Também por esse tempo, uma rapariga casada de poucos dias teve uma ruptura de tendões e perdeu o movimento de um dos lados. Com o auxílio dos pais é conduzida à igreja e prostra-se perante as relíquias do santo, na esperança de ficar curada. Enquanto os pais rezam até às lágrimas, a moça vai-se erguendo a pouco e pouco, num ímpeto de energia levanta os membros do lugar em que estava deitada e, com a mão que antes estivera sem acção, compõe nos ombros a mantilha que lhe havia caído. Recupera a acção dos outros membros e às perguntas da mãe responde que por intermédio do bem-aventurado Vicente se encontra bem e já sarada. Estende a mão para comprovar a cura, põe-se a andar com passo normal, e, perante a admiração da multidão que ali se encontra presente, diz que está curada e quer voltar a casa. É contudo aconselhada pelos clérigos ali presentes a manter-se abstinente durante três dias e é intimada a evitar intimidades com o marido enquanto em vigílias de oração não agradecesse convenientemente a Deus e ao glorioso mártir a recuperação da saúde. Não lhes deu ela ouvidos e, enquanto os pais preparam com enorme alegria uma festa, entrega-se a demonstrações afectivas proibidas com o marido. Por isso, fica privada da saúde pouco antes recebida, e sobretudo, tanto quanto julgo, por manifesta desobediência, perde também a fala porque lhe fica travada a língua. Com grande tristeza, pois, é levada de novo ao lugar de onde viera já curada, promete levar vida melhor e pouquinho tempo depois repete-se a graça da bondade divina e regressa com saúde.

---

<sup>23</sup> A variante de Brandão é suposta pela tradução de D. Rodrigo.

clericis qui aderant abstinere per triduum et indicitur ne uelit  
 amplexibus uti mariti donec uigiliis et orationibus dignam faciat deo et  
 glorioso martiri de date salutis recordatione memoriam. Quos audire  
 15 recusans, dum a parentibus imani leticia conuiuuium apparatus, uetitis  
 osculis et marito miscetur. Vnde collate paulo ante sanitatis dono  
 fraudata, nimirum ut estimo ad euentiam inobedientie eciam lingua  
 prepedita loquelam amisit. Tristior igitur unde cum salute uenerat  
 20 ducitur et post moram paruulam, uoto uite melioris effecto, iterato  
 diuine bonitatis dono, facta sana reuersa est.

Sed et certe cum sit martir beatissimus in dandarum sanitatum  
 miraculis ualde beneficis, pauperum tamen est oppressorum in rebus  
 furto seu aliis modis ablati tam mirabilis consolator quam rei perditae  
 utilis restitutor.

1.13. XIII miraculum. Quidam namque in uicinia nostra  
 moratur homo sine querela, dei timidus et amicus, diues ante aliquos  
 dies et inter sui similes Extremature milites rerum necessariorum  
 habundans. Sed, ut plerosque mortalium sors uite presentis obuoluit,  
 5 huius quoque dies ultimos, rebus sinistre cedentibus, paupertas  
 occupauerat et senectus. Viri tamen prudentis modestia pauperiem  
 efficit dum patienter sustinet mitiorem. Sed hominis miseria successu  
 temporis eo processit ut bouem unam totius possessiuncule particulam  
 optimam dum sine custodia montibus oberraret amitteret. Quam  
 10 dum per aliquot dies homo prefatus per uiam et inuium anxius terram  
 lustrando quesisset, rerum malarum tedio tactus, hieme, ieiunio et  
 inutuli fractus erratu, positus genibus ita lacrimis et gemitu uerba  
 prepediente profatur: o martir gloriose Vicenti, si constans et  
 indubitabile uerum est sanctissimas corporis tui reliquias esse Vlixbone,

15 a parentibus: aperentibus *PMH*: apparatus *Brandão*

21 certo *Brandão* / dandorum *Brandão*

22 beneficiis *PMH*

1.13 10 inuium: inuicem *Brandão*

12 inutuli: mutuli *PMH*

13 propediente *Brandão*

14 post Vlixbone eras. miseri

Ora, se o mártir santíssimo é extremamente magnânimo em milagres de curas é igualmente extraordinário em socorrer os pobres quando do roubo das suas coisas pela violência ou por outros modos e ajuda-os a recuperar as coisas perdidas.

1.13. Vive, com efeito, próximo de nós um homem de bem temente a Deus e honrando sua amizade, com riquezas noutros tempos e abundância de bens necessários à sua condição de cavaleiro que era da Estremadura. Ora, como para a maior parte dos homens a sorte da vida presente se inverte, também os seus últimos dias deram para torto e ele ficou a braços com a miséria e a velhice. Só a sua compostura de homem ponderado torna a pobreza menos dura e o leva a suportá-la pacientemente. Mas, com o andar do tempo, a penúria daquele homem chegou a tal estado que uma vaca era a melhor coisa que lhe restava de tudo quanto possuía e ela desapareceu nos montes por onde andava sozinha sem guardador. Procurou-a aquele homem durante alguns dias por caminhos conhecidos e desconhecidos, passando revista à terra cheio de solicitude. Tocado pelo abatimento de tanta desgraça, alquebrado pelo mau tempo, pela fome e por caminhadas inúteis<sup>24</sup>, ajoelha e, lágrimas nos olhos e voz embargada, solta estas palavras: ó mártir glorioso S. Vicente, se é realmente verdade incontestável que as sacrossantas relíquias do teu corpo se encontram em Lisboa, peço-te que olhes para a minha miséria e me faças recuperar o que procuro.

Mal tinha acabado estas palavras logo se apercebe de um mugido de bovino que vem dali perto. Um nevoeiro espesso impede-lhe de ver, mas os mugidos repetem-se e pelo ouvido orienta os seus passos e acaba por dar com a vaca mesmo à frente dos olhos. No meio da maior alegria e contentamento, dá graças a Deus e ao mártir glorioso e regressa a casa com ela.

---

<sup>24</sup> O editor dos *PMH* lê «mutili». O ms., no entanto, parece-nos não oferecer dúvidas

- 15 meam miseriam intuendo, mihi, obsecro, quod quero restitue. Quo  
 dicto statim mugitum bouis quasi de prope uenientis attendit et nebulis  
 admodum spissis uisum eripientibus sonos audiens iteratos gressu  
 meliore procedit uaccamque oculis presentatam gauisus plurimum et  
 letabundus agnoscit secumque gratias referens deo et martiri glorioso  
 20 domum reducit.

1.14. XV miraculum. Sed non minus mirabile pietatis extitit  
 argumentum quod quidam Vlixbone habitans in iisdem diebus  
 expertus est. Hic ab amico depositam pecuniam quatuor aurcorum  
 conseruandam receperat. Erat autem homo rerum exilis sed morum et  
 5 uite fidelis habundans. Is et uxor manuum labore communi liberis  
 uictum et sibi parabant, nichil preter domum qua se recipere  
 possidentes. Contigit autem ut quidam familiariter noscens ad locum  
 in quo predicta pecunia posita fuerat iam cognitum et prenotatum  
 accederet aureisque furtiue sublati fugam tenuit et se Almade  
 10 transmisso Tago recepit. Is autem qui pecuniam custodie sicut putabat  
 fideli commiserat, post paucos dies, aurum exigente necessitate,  
 requirit. Quod dum in promptu custos antedictus habere putaret et  
 quesitum reperiret, exanguis uultu, linguaque pre dolore deficiente,  
 respondet sibi pecuniam furto esse sublatam. Vxor illico ciulatu flebili  
 15 mota uiciniam uertit in lacrimas et miserabili uoce conclamat se  
 miseriam non amplius a paupertatis incommodis emersuram. Ducitur  
 igitur ante pretorem homo miser in causam et quia cum amissa pecunia  
 rei proprie nichil amiserat ipsam reddere iuxta terre consuetudinem  
 iudicatur. Tantis itaque malis anxius petit inducias. Domum tristis  
 20 reuertitur cum uxore quid facere debeat parum consilii habiturus.

17 interatos

18 gauisus: grauidus *Brandão*

1.14 2 iisdem *Brandão*: hisdem

4 exilis: cilium

7 noscens *al. man ex nocens*

10 custodie *cor. ex. custodiet*

12 custos: caeteros *Brandão*

13 quaesitam *Brandão*

14 uxore

15 motam: motum *Brandão* / uiciniam *PMH*: uiciniam

17 igitur: ergo *Brandão*

17 amissa: omisa *Brandão*

18 consuetudinem *Brandão*: consuetudine

1.14. Prova não menos extraordinária de favor divino é o que um morador de Lisboa experimentou na mesma altura. Reccebera ele de um amigo um depósito em dinheiro no valor de quatro moedas de ouro. Tratava-se de um homem sem grandes recursos materiais, mas recomendável por costumes e palavra. Com sua mulher ganhava por suas mãos o sustento para si e para seus filhos, não lhe cabendo a propriedade do que quer que fosse além da casa em que moravam. Aconteceu, porém, que o lugar em que ficara guardado o dinheiro era já bem conhecido e um outro habituado a fazer mal foi lá, roubou as moedas e fugiu com elas para Almada, na outra margem do Tejo.

Ora o homem que dera o dinheiro a guardar, confiado nas qualidades do outro, alguns dias depois, precisou do ouro e foi à procura dele. Pensava o depositário que o tinha logo ali, mas procurou e não o encontrou. De rosto esvanecido e abatido pela angústia, não conseguiu responder mais do que dizer que os ladrões lhe tinham tirado o dinheiro. Logo a mulher prorrompe aos gritos e a chorar, e a chorar põe ela a vizinhança que fica comovida; a soluçar, clama que nunca mais vai sair do estado de miséria.

Aquele pobre homem é levado a tribunal para ser julgado e, como embora tivesse ficado sem o dinheiro nada tinha perdido dos seus bens, é condenado a entregá-los segundo o costume do lugar. Affito com tal castigo, pede ele algum tempo de mora. Cheio de tristeza e sem atinar bem no que deva fazer, regressa a casa para tomar conselho com a esposa. Esta consulta uma bruxa a qual lhe indica que o dinheiro já fora levado para Trancoso, um castelo situado a sete jornadas de Lisboa. Dada a distância, perdem logo a esperança de apanhar o ladrão e propõem-se vender a casa por qualquer preço, passarem a morar nalgum tugúrio e procurarem sustento de porta em porta, na mais extrema das misérias.

Volta-se, no entanto, o marido para a esposa, todo affito e desfeito em lágrimas e diz-lhe: «Olha, mulher, S. Vicente costuma socorrer os pobres que lhe vão pedir; tanto quanto nós temos visto, ninguém se aproxima das suas relíquias de coração humilde e espírito purificado que não consiga o remédio desejado. Levantemo-nos pois e tanto quanto o permitem as nossas possibilidades, ou antes, pondo-lhe diante o nosso coração, ofereçamos-lhe as lágrimas dos nossos queixumes e se a esperança não nos engana o espírito, em breve, por sua benevolência, nos trará o remédio para as nossas dores».

Concordaram ambos com o que ele dizia e foram apresentar as ofertas que conseguiram arranjar. Quando ainda não tinham acabado

Que consultis sortilegiis dicit pecuniam iam ad Troncosum usque fore  
 delatum. Quod oppidum VII. tem distat Vlixbona dietis. Latronem  
 itaque de uie magnitudine persequi desperantes domum suam quo  
 possent pretio uendere proponebant, sub aliqua postmodum spelunca  
 25 mansuri, uictum panemque hostiatim ultima miseria petitori. Redit  
 tamen maritus ad coniugem et obortis lacrimis ita miserandam affatur:  
 o mulier, inquit, ecce sanctus Vincentius petentibus miseris solacia  
 confert et, nobis uidentibus, nemo, corde supplici et animo mundo, ad  
 presentiam reliquiarum eius accedit, qui secum optata remedia non  
 30 reportet; surgamus itaque et prout nostra facultas expetit munus et  
 animum potius offerentes coram ipso lacrimas nostre querele ponamus  
 et, nisi animum fallit, nostro dolori uelox aderit sua pietate remedium.  
 Placuit hic sermo duobus et expositis que oblationi parauerant donis  
 uigilias celebrant et parte noctis in crando peracta certam noticiam de  
 35 rebus amissis accipiunt. Quidam enim marito per uisum apparens,  
 uade, inquit, Almadam et qui tibi de castello ueniens primus  
 occurrerit, is de tua pecunia te certum efficiet. Nauigat igitur mane  
 facto et citus ad locum premonstratum adueniens statim hominem  
 aureos habentem obuiam habuit et ab ipso prius amico more saluere  
 40 iubetur. Scio, inquit qui furtum commiserat, quod tuos aureos queris,  
 sed si tacitum semper de nomine meo et secretum habueris quod inde  
 fuero tibi confessus, ego cum pecunia reddita tue te letum uxori  
 remittam. Data itaque fide et rei male geste taciturnitate promissa,  
 partem quoque pecunie se daturum animo libenti spondit. Sed et  
 45 alius: nequaquam, inquit, diutius inde quicquam michi retinebo,  
 quoniam ut hos male tuli, semper animus duris horroribus actus, quasi  
 alienatione noua, remota quiete, uehementer obstupui. Recepit igitur  
 aurum homo gaudens et ualde letissimus domum regreditur,  
 secumque sua solatia defert ad uxorem de piissimi martiris tanto  
 50 beneficio gausuram.

- 21 sortilegis
- 25 petitori *al. man. ad. s. l.*
- 29 remidia
- 31 offerentis *Brandão*
- 33 parauerat *PMH*
- 34 in orando: morando *PMH*
- 38 statim *al. man. cor. ex statum*
- 40 commiserat: amiserat
- 46 semper: super *PMH*
- 47 obstupuit
- 49 piissimi: piis piissimi

a noite em oração recebem uma indicação de que vão receber o que tinham perdido. Com efeito, alguém aparece em visão ao marido e lhe diz: «Vai a Almada e aquele que primeiro vier ao teu encontro do castelo é esse que te informará com verdade do teu dinheiro».

Sai, pois, ele de barco, de manhãzinha, e logo se dirige ao lugar indicado. Imediatamente teve pela frente o homem com as moedas de ouro. É ele o primeiro a dirigir-lhe a salvação como se fosse um amigo. «Tenho conhecimento, diz-lhe o que cometera o roubo, que procuras o teu dinheiro; ora, na condição de nada dizeres alguma vez quanto à minha pessoa e de guardares sobre aquilo que seguidamente te disser, eu devolver-te-ei o dinheiro e far-te-ei voltar para junto de tua mulher cheio de alegria». Dá ele então a palavra de honra e compromete-se a nada dizer da acção mal feita e, sem que o outro lho peça, dispõe-se também a dar-lhe uma parte do dinheiro. O outro, no entanto, responde: «De forma alguma, não vou ficar por mais tempo com qualquer coisa daí, pois desde que peguei nele nunca mais o meu espírito deixou de ser atormentado por profundos remorsos e tenho andado como que pasmado, sempre fora de mim, sem conseguir descansar».

Recebeu pois aquele homem o dinheiro, cheio de alegria e, fora de si de contentamento, volta a casa levando consigo o alívio para a sua esposa que vai ficar cheia de alegria com tão grande benefício do bondosíssimo mártir.

1.15. XVI miraculum. Simili pietatis gratia quedam muliercula ualde pauperrima pannos ad lauandum susceptos dum furto sublatos minime reperiret ab exorato martire rediens domi positos et ad plenum restitutos inuenit. Alia quoque que in suburbio habitat Vlixbone  
 5 misera ualde decem aureos quos ad redimendum filium ex elemosine regis supradicti receperat et subtractos non inueniens fusa cum lacrimis oratione a beato Vincencio misericordiam petiit et domum reuersa nutritum a se porcellum obuiam habuit predictum aurum ore suo ad pedes domine sue presentantem.

10 Quidam autem eodem tempore pelliculas emerat cirogrillinas et ut in eis operaretur spe lucri quicquid habebat in illis emendis expenderat. Quibus conseruandis dum animum opere negligentiori impendit ipsas alio curam agente habendis alienis sollicitiorem amittit. Pro quibus urbe fere tota querendis euersa ad misericordiam beati  
 15 martiris implorandam consilio tandem meliore recurrit. Aderat tunc et suas agebat uigilias ecclesie prenominate magister scholarum et, sicut ab eodem confitente recepimus, ipse et sua societas presens prefati negociatoris uerba huiusmodi risit. Intendens enim oculos et faciem commouens ait: o sancte Vincenti, de tua presencia nequaquam  
 20 mouebor donec meas pelles michi reddi precipias. Prius igitur quam nox media fieret, propere surgens, socios excitat dicens se per beatum Vincentium certum effectum qua domo et apud quem debeat hominem pelliculas inuenire. Quas ea certitudine scimus hominem inuenisse, qua fidei constancia et certa fiducia martirem gloriosum rem  
 25 perditam precabatur.

Sed certe memoriter habendum est et ualde pensandum quam magni meriti apud dominum sit beatissimus huius martiris spiritus quantumque sua prece remittendis criminibus ualeat animarum in celo qui non solum corporibus a multiplici morbo sanandis sed et rebus  
 30 uictui necessariis tantum ualere monstratur in terris. Verum et maria nullatenus beneficiorum illius expertia, rerum euentu, mirabilium ostenduntur.

1.15 1 gratia *PMH*: gratiam

10 emere

13 amittat *Brandão*

14 urbe *om.* *PMH*

15 migliore

16 schorarum *Brandão*

18 enim *Brandão*: N.

1.15. Milagre semelhante da sua bondade ocorreu com uma mulherzinha muito pobre que não conseguia encontrar a roupa que levava a lavar e lhe haviam roubado. Ao voltar de rezar ao mártir encontrou-a posta em casa, sem que nada faltasse.

Uma outra moradora nos subúrbios de Lisboa, extremamente pobre, não dá com dez moedas de ouro que recebera de esmola do mencionado rei para resgatar um filho, por lhe terem sido tiradas. Lavada em lágrimas, pede em oração ao bem-aventurado Vicente que tenha compaixão. Regressa a casa e vem-lhe ao encontro um porquinho que ela ia criando e que lhe traz na boca o ouro referido e o deixa aos pés da sua dona.

Um outro, pela mesma altura, gastara tudo o que tinha a comprar peles de coelho com a finalidade de as transformar, na esperança de obter algum lucro. Guarda-as com menos cuidado do que devido, e fica sem elas porque um outro é mais solícito em apropriar-se das coisas alheias. Dá ele voltas a quase toda a cidade em busca delas e, finalmente, melhor aconselhado, corre a implorar a misericórdia do bem-aventurado Vicente. Estava então presente o mestre-escola da dita igreja em vigília. Ele próprio nos contou que ele e os que consigo estavam haviam sorrido das palavras do negociante. Dizia ele, com efeito, levantando o olhar e de rosto comovido: «S. Vicente, não me hei-de ir embora de ao pé de ti se não mandares restituir-me as minhas peles». Ora, antes de bater a meia noite, levantou-se a despertar os que estavam em sua companhia, dizendo-lhes que ficara a saber por S. Vicente em que casa e junto de quem se haviam de encontrar as peles. Sabemos que esse homem as encontrou com uma certeza igual à fé inabalável e à confiança indefectível com que pedia ao glorioso mártir a coisa perdida.

Por outro lado, há certamente que reter na memória e tomar bem em consideração os grandes merecimentos junto do Senhor da alma deste mártir santíssimo e o seu grande valor em perdoar os pecados da alma com a sua oração no céu, ele que na terra demonstra não só valer sarando o corpo de múltiplas doenças mas também socorrendo nas coisas necessárias à vida.

Por seu lado, também os mares não podem ser apontados como desprovidos das suas intervenções admiráveis em momento oportuno.

1.16. XVII miraculum. Quidam enim Vlixbone habitant  
 eorum hodie quos dicturi sumus minime testes existerent nisi data de  
 periculis tantis salute presentem uitam martiri glorioso debe[re]nt. Hii  
 cum iam ad maris et terre confinia litus aut portum sibi facili  
 5 nauigatione promitterent, uis irruens magna uentorum et uiolentium  
 estus undarum contrarius, ruptis anchore funibus miseros nautas in  
 altum a conspectu telluris longe frustra laborantibus remis inuoluit.  
 Geminat autem adueniens nox obscura procellas et duplicatis tenebris  
 quorsum tenere nauiculam debeat rector nimirum ignorat. Pars itaque  
 10 lacrimas fundit propter undas et nauem imbre marique grauata  
 euacuat; pars uero quod dulce domi reliquerat memorat et quem sui  
 defuncti agat curam exoptat. Tres igitur noctes et dies hyeme et  
 tenebris indiscretos, sine cibo potuque nequaquam mortis incerti,  
 uexantur. Enimuero etsi tempestate dilata certam tamen expectant  
 15 per longa ieiunia mortem. Tum denique sanctum Vincentium  
 miserandis uocibus iterant, unanimes uota Vincentio faciunt, statimque  
 auram prosperam mari reddito et aere clarificato recipiunt et preter  
 speratum mira celeritate in portus inferuntur optatos. Et quam ad suas  
 domos adeant ante beato Vincentio uota persoluunt, cuius se gratia et  
 20 ineffabili pietate testantur populo admirante de periculis immen-  
 sitate saluatos. Verum uxores et ut queque periclitantibus proximior  
 fuerat, uultu deformes et crine gentis sue ritu uenias egerant et missis  
 de more cantatis animas commendauerunt maritorum. Quibus uiuis  
 iterum apparentibus, omnem luctum in gaudia uertunt et quantum de  
 25 salute suorum deo et beatissimo martiri debeant multarum actionibus  
 gratiarum ostendunt.

1.17. X[V]III miraculum. Huius profecto martiris gloriosi  
 dignum est meritis imputari quod nauis Alkobacie de consimili  
 periculo naufragia maris euasit. Enimuero domnus abbas communi  
 prouidens usui fratrum nauem honerariam sale quo multum

- 1.16 2 quos: que  
 7 remus *PMH*  
 10 propter: et  
 11 quem: quod  
 14 dilatam  
 16 interant: intonant *Brandão*

- 1.17 4 quo: qui

1.16. Vivem, com efeito, ainda hoje em Lisboa alguns que nunca haveríamos de considerar como testemunhas se não desvessem a conservação da vida e a sua libertação de tantos perigos ao glorioso mártir. Uma vez em que já lhes sorria a praia do mar e o litoral ou o porto fácil de atracar, irrompeu uma forte ventania e uma fúria violenta de ondas contrárias que quebraram as amarras e fizeram voltar os infelizes navegantes para o alto, longe da terra, não obstante o esforço dos remos. Chega, entretanto, a noite escura que faz redobrar a tempestade e com a escuridão em aumento o piloto fica sem saber para onde dirigir a embarcação. Alguns prorrompem em lágrimas por causa das ondas e esvaziam o barco que vai ficando pesado com a chuva e a água do mar; outros, pelo contrário, passam em memória saudosa o que haviam deixado em casa e suspiram por quem deles se encarregue depois da morte.

Durante três dias e três noites, pois, encobertos pela tempestade e pela escuridão, vivem atormentados, sem comer nem beber, na iminência de uma morte certa. Na verdade, ainda que a tempestade se afastasse, ficariam na expectativa de uma morte certa por prolongada falta de comer. É então que finalmente repetem o nome de S. Vicente em vozes de aflição; fazem promessas à uma a Vicente e imediatamente recebem um vento favorável, o mar apazigua-se, o céu fica limpo, e, contra toda a expectativa, a uma velocidade de espantar, são introduzidos no porto desejado.

Antes de regressarem a suas casas vão cumprir os votos feitos ao bem-aventurado Vicente por cuja mercê e indizível compaixão foram salvos da imensidão dos perigos, como eles dão testemunho perante a multidão do povo. Por seu lado, as suas mulheres e qualquer outra que fosse mais chegada dos que tinham estado em perigo haviam também implorado auxílio, desfigurando o rosto e soltando os cabelos, segundo os costumes da sua gente, e haviam encomendado as almas dos maridos com as habituais missas cantadas. Ao verem-nos aparecer de novo com vida, todo o luto se converte em alegria e na maneira como agradecem dão mostras de quanto são devedoras a Deus e ao bem-aventurado mártir do salvamento de seus maridos.

1.17. Há-de atribuir-se certamente aos merecimentos do glorioso mártir o facto de um navio de Alcobça ter escapado de naufrágio em perigo semelhante. Com efeito, o D. Abade que preside à comunidade dos monges, mandara encher um navio de carga com

5 habundans est Alcobacie repleti preceperat et ad portum alium ubi  
carius emitur apportari.

Nauis igitur aura fallaci fauente portus exierat et dum in altum a  
terra longius agitur subito uehemens irruit uentus in uela contrarius et  
turbine nauem tanto percussam inuoluit ut horrendo undarum incursu  
10 nauis ad scopulorum anfractus et loca de quibus nullus euaderet  
preceps inferretur. Tunc uero uiri religiosi qui aderant presente  
periculo territi uno clamore uociferantes ad sanctum Vincentium  
preces emittunt et ut eos de presentia mortis eripiat eiulatu magno  
conclamant. Miro igitur modo oratione finita statim procella cessante,  
15 uentus in auram suauissimam uertitur et nauis in portum ubi beatus  
Vincentius honoratur cum magna tranquillitate deuehitur. Vbi de  
tanto metu securi ad beati martiris presenciam festinant et multas illi de  
periculorum emersione grates exsoluunt populoque quam presentem  
mortem per meritum illius euaserint gratis sermonibus eloquuntur.  
20 Sed et alii quam plures qui sibi uictum et uestitum piscando  
conquirunt uotis persepe beato Vincentio factis naues ab alto reducunt  
multitudine piscium admodum honoratas. Hiis et aliis multis uirtutum  
indiciis nauigantes Vincentium potentem maris appellant et minus  
marina pericula timent quicumque frequenti memoria reuocatum sibi  
25 propiciam martirem gloriosum efficiunt.

Verum ad ea que per illum dominus circa miseros operatur  
narrationem uertamus.

1.18. XVIII miraculum. Quidam autem multo tempore uisum  
oculorum amiserat et supplicanti deo et glorioso martiri sanitas oculis  
diu perdita restituta est. Quod ipse qui cecus fuerat coram domno  
5 Gunsaluo prefato tribuno milicie qui tunc suas uigilias ad beatum  
martirem celebrabat, confessus est.

1.19. XX miraculum. Ipsaque eadem nocte puellula quedam  
muta et demoniaca salute reddita sibi donata est.

7 exierat *al. man. cor. ex* exierant

12 ad: ad': adeo *PMH*

20 exsoluunt: s *al. man. ad. s. l.*

21 uotis: notis *PMH*

sal, que em Alcobça há em abundância, e levá-lo para outro porto onde se compra mais caro. Saía, pois, o navio com vento favorável, mas enganoso, do porto, e quando singra no alto, um pouco longe da terra, de repente, sobrevem uma forte ventania contrária à posição das velas e num turbilhão atinge e envolve de tal modo o navio que com a corrente temerosa das ondas o navio é atirado para os buracos dos rochedos e para os sítios de onde ninguém sairia porque cairia a pique.

É então que os homens de religião que ali se encontravam, aterrados com o perigo iminente, erguem em unísono um clamor e dirigem preces incessantes a S. Vicente e soltam altos brados para que os livre da morte que os espera. Como por encanto, ao acabarem a oração, a borrasca passa, o vento converte-se em brisa agradabilíssima e o navio dirige-se com toda a tranquilidade para o porto em que o bem-aventurado Vicente é venerado. Logo que se sentem livres de tanto perigo apressam-se a ir à presença do santo mártir e aí rendem múltiplas graças pela libertação do perigo e dão a conhecer ao povo, em palavras que traduzem a sua gratidão, como haviam ficado livres de uma morte iminente por seus méritos.

Também muitos outros que na pesca procuram ganhar de comer e de vestir fazem frequentemente promessas ao bem-aventurado Vicente para trazerem do alto mar as embarcações carregadas de peixe.

Por este e muitos outros milagres deste tipo os navegantes chamam a Vicente o protector do mar e todos aqueles que com frequência invocam a protecção do glorioso mártir temem menos os perigos marítimos.

Agora voltemos a narrar o que o Senhor por ele opera nos necessitados.

1.18. Certo homem perdera a vista havia muito tempo e depois de suplicar a Deus e ao glorioso mártir foi-lhe restituída a vista que perdera. Isto contou-o o próprio miraculado perante o já mencionado D. Gonçalo, comandante do exército que então se encontrava em vigília perante o bem-aventurado mártir.

1.19. Nessa mesma noite, uma menina muda e sujeita a ataques do demónio foi beneficiada com a cura.

- 1.20. XXI miraculum. Sed et post paucos dies alius quidam a demonio sepe uexatus mirabili gracia et memoria digna sanatus est. Iste ad petenda remedia nocte uenerat eadem forte qua dominus Galdinus procurator rerum et Magister milicie templi per regnum
- 5 Portugalie, uir utique graciosus et illustris, suas uigilias una cum aliis multis militibus animo magne deuocionis agebat. Contigit autem prefatum infirmum coram Magistro prenominato ante sacras reliquias sisti et solito morbi uenientis signo percepto cepit emissa uoce clamare et contra uiolenciam inuadentis hostis a consedentibus opem expetere.
- 10 Cui magister confidenter: ne timeas, inquit, uillane, sed bonam fiduciam habe et extendens manum arcam attinge. Dicebat enim eis qui a demonio uexabatur quod per dextre manus digitum minimum se solitus fuerat malignus spiritus occupare. Hanc itaque manum extendens tetigit arcam in qua reliquie sacre reponuntur et ab hoste
- 15 paululum respirauit. Ter igitur in ipsa nocte miserum hominem suus hostis exterruit et arche sancte per mandatum prefati Magistri tactu, data per martirem securitate, perniciem hostis deinde sanus euasit.

- 1.21. XXII miraculum. Alius quoque iuuenis a multis diebus inualidus ab umbilico inferius omnium usum membrorum amiserat et de sanitate medicis desperantibus ad presenciam martiris beatissimi meliore consilio per manus aliorum deductus est. Is cum suc
- 5 deuotionis lacrimas et orationes beatissimo martiri sepius obtulisset ita sanus restitutus membris abscessit acsi nunquam fuisset prius aliqua molestia pregrauatus.

- 1.22. XXIII miraculum. Similiter alius a demonio frequenter in die correptus intolerabiliter laborabat et multis diebus et noctibus ad sanctum martirem excubans et cum uigiliis diutissime factis oracionibus tandem donec uiueret perpetuum corporis sui seruiicium
- 5 Vincentio glorioso promisit et nobiscum commorans ex toto prefata miseria liberatus est.

1.20 8 precepto  
17 tactum *Brandão*

1.21 2 inuallidus *exp.*

1.22 5 commorans: morans *Brandão*: commurans *PMH*

1.20. Por outro lado, alguns dias depois, foi curado por milagre da graça digno de registo um outro que múltiplas vezes era atormentado pelo demónio.

Viera ele pedir a cura uma noite em que casualmente D. Gualdim, procurador geral e Mestre dos Cavaleiros do Templo no reino de Portugal, varão sobremaneira nobre e ilustre, fazia vigília juntamente com muitos outros cavaleiros em espírito de grande devoção.

Aconteceu que o dito doente se colocou diante do mencionado Mestre frente às relíquias do santo. Apercebendo-se dos sinais das alterações habituais, começou a clamar e a pedir auxílio aos que ali estavam contra os ataques do inimigo agressor. O Mestre calmamente disse-lhe: «não temas, homem; tem confiança, estende a mão e toca no túmulo». Dizia-lhes efectivamente o que se sentia atormentado pelo demónio que o espírito maligno costumava entrar nele pelo dedo mínimo da mão direita. Estendeu, ele, pois, a mão, tocou no túmulo em que se encontram as relíquias do santo e sentiu-se livre do inimigo por algum tempo. Por três vezes nessa noite o inimigo deixou aterrado aquele pobre homem; ao tocar no túmulo do santo, a mandado do dito mestre, foi-lhe assegurada pelo mártir a derrota do inimigo e de seguida ficou curado.

1.21. Também um outro jovem que há muitos dias estava tolhido da cintura para baixo perdera o uso de todos os membros. Os médicos não tinham esperança na sua cura, mas ele, melhor aconselhado, por mãos de outros dirigiu-se à presença do mártir santíssimo. Entre lágrimas rezou ele devotamente as suas orações ao mártir beatíssimo por muitas vezes e recuperou de tal modo a saúde que se retirou por seu pé como se antes nunca tivesse sido atingido por mal algum.

1.22. O mesmo se passou com outro que atacado frequentes vezes ao dia pelo demónio sofria a não poder mais. Veio passar vários dias e noites junto do santo mártir em prolongadas vigílias e orações. Por fim, prometeu-se em corpo ao glorioso S. Vicente para o seu serviço no resto dos seus dias e vindo morar connosco ficou totalmente livre do dito tormento.

1.23. XXIII miraculum. Alius itidem apud Turres moratur in tantum spiritu uitali defecerat per longam febrilis morbi molestiam ut iam ultimum fatalis hore terminum trepidus expectaret. Quem dum ultimus ut timuit angeret dolor, uicinis presentibus se uouit ad sanctum  
 5 Vincentium si uiuere profecturum et statim facto uoto cunctis qui aderant admirantibus sanitati perfectissime redditus est. Cuius beneficii gratiam ipse postmodum et alii quibus martiris beatissimi donum notum extiterat cum Vlixbonam peruenissent debita gratiarum actione diuulgare postmodum beati martiris merita [celebrantes]  
 10 brantes] non cessarunt.

Accedit ad hec et aliud non minoris uirtutis indicium.

1.24. XXV miraculum. Armiger nempe quidam utriusque parentis nobilitate pollens inter uarios uiris et equitatis excessus fuerat grauissime cesus. Que quidem cesio auditus atque loquele causa ci priuacionis extiterat. Quippe cum ex ictibus illis tota corporis et  
 15 membrorum conciteretur compago illa pocius est discussa que ad ysofagum et primam partem (...).  
 (*imperfecte desinit*)

### Lisboa, B. N. Cx 21/X-3-14, n. 21

2.1. Vincencii martiris primum miraculum. Mirabile cer[te. Que]dam monachi Joh[annis...] ua nomine que tunc tenporis in ecclesia seruiebat percussit quadam uice eorum filium cum lapide. Incontinenti post percussione[m] omni membrorum fuit officio  
 5 destitutus, sed matris oracione et deuocione et candelarum cremacione de nocte ante corpus beati Vincencii suus filius recuperauit pristinam sanitatem.

1.23 4 uouit *cor. er. ex* uocauit: uocauit *PMH*

1.24 2 uiris: iuris *PMH*

3 que: quem *cor.*

2.1 2 qui

3 filium: illum

6 pristinam: pestina

1.23. Também um outro, morador em Torres, ficara de tal modo enfraquecido por longa doença e febre que só lhe faltava esperar o último momento da hora fatal que reccava. No meio da angústia pela dor dos últimos momentos que sempre temera, com os vizinhos presentes, fez voto de ir a S. Vicente se não morresse. Imediatamente após o voto, e perante a admiração de quantos estavam junto, recuperou a saúde por completo.

A graça desta cura ele e os outros, a quem a mercê do mártir santíssimo fora dada a conhecer, não cessaram de, logo que chegaram a Lisboa, a divulgarem imediatamente, e deram a devida acção de graças, [celebrando] os méritos do bem-aventurado mártir.

Além destes há ainda um outro testemunho de um milagre nada menor.

1.24. Um homem de armas de ascendência nobre por parte de seus pais ficara gravemente ferido entre vários desmandos de força e de contendas. Os golpes tinham-lhe causado a perda do ouvido e da fala. E a verdade é que, se toda a articulação do corpo com os membros sofreu, a que mais abalada ficou foi a do esófago com a parte superior do corpo (...)<sup>25</sup>.

### Colecção anónima

2.1. Primeiro milagre do mártir Vicente. Milagre evidente! Uma (...) do monge João (...) chamada (...) que nesse tempo prestava serviço na igreja, deu certa vez com uma pedra no filho<sup>26</sup> e, acto contínuo, após o golpe, ficou ele privado de acção nos seus membros.

Ora, sua mãe acendeu velas e orou fervorosamente durante a noite perante o corpo de S. Vicente e o filho recuperou a vitalidade de antes.

---

<sup>25</sup> O texto do manuscrito alcobacense encontra-se interrompido; se o fragmento final existiu no manuscrito da catedral de Lisboa de que se serviu D. Rodrigo da Cunha, este não o teve em conta para a sua tradução.

<sup>26</sup> Devido a manchas de humidade, no manuscrito (caderno isolado da B. N. Lisboa) o canto do fundo à direita torna-se ilegível nalgumas palavras. Se nos ativermos à forma *coruni* que aqui nos é dada, teremos de pressupor que o texto fazia referência também ao pai da criança. Eventualmente poder-se-á pensar que seria o próprio monge referido no texto, mas nessa hipótese teria obviamente de ser considerado como um mero minorista que prestava serviço na igreja.

2.2. Vincencii martiris miraculum secundum. Tempore quo delate fuerunt reliquie beati Vincencii et posite in ecclesia sancte Iuste Vlixbone accessit quidam bonus homo de uilla, Rogerius nomine, deuocione ad arcam ubi ipse reliquie iacebant, et furatus fuit inde os  
 5 unum digiti manus sancti Vincencii quod reposuit in quodam folio uitis uiridi et postea in archa sua bene custodiuit et tenuit per XXX annos. Qui cum infirmaretur ad mortem, furtum quod fecerat uoluit res[ti]tuere. Et uenientibus canonicis processionaliter domum predicti Rogerii inucnerunt illud os gloriosum sancti, et illud honorifice ad  
 10 ecclesiam maiorem ubi erat corpus eius portauerunt. Mirabile certe. Folium uittis in quo inuolutatum fuerat et reconditum per XXX annos ita uiride erat et recens acsi tunc auferetur de uite. Sed tempore quodam cum esset illud os reconditum in archa predi[c]ti Rogerii contigit quod ignis conbussit domum et ea que ibi erant uicina domui  
 15 Rogerii; et erat ita magnus ignis quod credebant homines quod tota uilla esset tunc conbusta. Sed dum ignis accederet ad tabulatum domus Rogerii ubi erant reliquie gloriose ita ignis in se ipso consumptus est et extinctus quod nec tabula nec aliquid aliud de domo eius tangeret ubi ipse reliquie era[n]t. Mirabile dictu. Iacebat quidam malleus in  
 20 domo illa ubi erant reliquie, set medietas manubri eius erat trans tabulatum in alia domo uicina sibi, et tunc fuit conbusta medietas que erat in domo alia et alia medietas remansit incombusta que iacebat in domo ubi reliquie sancte erant.

2.3. Vincencii martiris miraculum tercium. De quodam claudio curato. Quidam puer iam grandisculus cum asportaretur ad ecclesiam Vlixbone in qua iacebat corpus beati Vi[n]cencii martiris, et prostratus ante sepulcrum ipse puer, qui per tres annos claudus fuerat ita quod  
 5 non poterat ambulare nisi super manus suas et genua, subito erectus supra pedes suos per uirtutem sancti Vi[n]cencii cepit pedibus suis ambulare.

- 2.2 2 ponite  
 5 folio: filio  
 6 artha  
 14 Regerii  
 14 conbussit... ignis *ad. marg.*  
 19 dictum

2.3 3 Vlixbonem

2.2. Segundo milagre do mártir Vicente. Na altura em que as relíquias de S. Vicente foram transportadas para a igreja de Santa Justa e aí depositadas, certo homem bom da cidade chamado Rogério acercou-se devotamente do sarcófago em que se encontravam as relíquias e roubou daí um osso da mão de S. Vicente. Meteu-o numa folha verde de videira e depois guardou-o bem numa arca sua e conservou-o uns trinta anos.

Estando doente, às portas da morte, quis restituir o furto que praticara. Foram os cônegos em procissão a casa do dito Rogério e tomando consigo o osso glorioso do santo, levaram-no com todas as honras para a igreja principal onde estava o seu corpo. Milagre evidente! A folha de videira em que estivera envolta e guardado durante trinta anos mantinha-se tão verde e fresca como se então tivesse sido retirada da videira.

Ora, em certo momento, quando aquele osso estava ainda escondido na arca do dito Rogério, aconteceu que o fogo queimou a casa de Rogério e o que se encontrava nas suas imediações. Era tão grande o fogo que se acreditava que toda a cidade ficaria então abrasada. Mas quando o fogo chegou ao sobrado da casa de Rogério onde se encontrava a gloriosa relíquia, extinguiu-se por si e apagou-se sem que tivesse tocado nem na madeira nem em qualquer outra coisa da casa em que estava a relíquia. Coisa de espantar: havia um malho nessa casa em que estava a relíquia; metade do cabo estava além do sobrado em outra casa vizinha; queimou-se a metade que estava na outra casa e ficou intacta a que ficava na casa em que se conservava a relíquia do santo.

2.3. Terceiro milagre do mártir Vicente. Cura de um coxo. Certa criança já de alguma idade foi levada à igreja de Lisboa em que ficara depositado o corpo do mártir S. Vicente. Prostrado diante do sepulcro, essa criança que durante três anos estivera de tal maneira sem andar que não podia caminhar sem ser sobre as mãos e os joelhos, de súbito, por milagre de S. Vicente, ergueu-se sobre os pés e começou a caminhar por seu pé.

2.4. Vincencii miraculum quartum. [De] alio claudio curato. Quidam homo Iohannes nomine qui uias et calzadas faciebat et per VII annos duo menses et decem dies claudus fuerat, quem fere omnes de ciuitate Vlixbone tam christiani quam iudei et sarraceni nouerant et  
 5 sepe et sepius uiderant quod non poterat ambulare nisi super manus suas et genua, cum pernoctaret tenens uigilias noctis ad sepulcrum beati Vincencii in ecclesia Vlixbone sanus factus est, et per uirtutem sancti Vincencii surrexit super pedes suos et cepit ambulare qui ante non poterat nisi super manus et genua ambulare.

2.5. Vi[n]cencii martiris miraculum quintum. [De] quodam ceco illuminato. Quidam homo Vi[n]cencius Auricula nomine qui cecus solebat sedere cum aliis extra ciuitatem Vlixbonem secus uiam que ibat ad Luminare elemosinam a transeuntibus me[n]dicando et per  
 5 annos circiter X fuerat cecus, sicut a quibusdam pluribus uiris et mulieribus fide dignis audiuius qui super hoc testimonium peribebant, uenit ad ecclesiam Vlixbone in mane et ante sepulcrum beati Vi[n]cencii martiris in oracione se prostrauit humiliter, et cum ibi iaceret in oracione diucius perseuerans contigit quod quidam  
 10 presbiter in altari sancti Vincencii missam de quodam anniuersario celebraret. Quippe cum ipse presbiter in consecrando peruenisset, uiri et mulieres instantes dixerunt isti ceco ut surgeret ad uidendum corpus Christi ignorantes ipsum esse cecum et putantes quod uideret, ipso ad eos dicente quod erat cecus et non uidebat. Surrexit tamen a  
 15 pauimento ubi in oracione iacuerat et erectis brachiis et manibus cepit clamare et dicere: uideo corpus Christi, uideo corpus Christi. Omnes autem uiri et mulieres qui tunc ibi aderant et alii multi decurrentes ad hoc miraculum Deo et beato Vi[n]cencio gratias reddiderunt.

2.6. Vi[n]cencii martiris miraculum VI.m. De monacho a captiuitate sarracenorum liberato. Defuncto abbate monasterii de

2.4 3 fuerant *exp.* / quem: quando

2.5 2 illuminato: illuminacio

11 quippe: quia

12 surgeret: surgent

15 ubi: ut

17 decurrentibus (*x ad. s. l.*)

2.4. Quarto milagre de S. Vicente. Cura de outro coxo. Certo homem, João Anes de seu nome, calceteiro, ficou sem poder andar por espaço de sete anos, dois meses e dez dias. Quase toda a gente da cidade de Lisboa, tanto cristãos como judeus e sarracenos, o conheciam e, uma e muitas vezes, tinham reparado que não podia andar sem ser sobre as mãos e os joelhos. Foi passar algumas vigílias nocturnas junto do sepulcro de S. Vicente, levantou-se na planta dos pés e começou a andar ele que antes não era capaz de fazê-lo sem ser sobre as mãos e os joelhos.

2.5. Quinto milagre do mártir Vicente. Restituição da vista a um cego. Certo homem, Vicente Orelha de seu nome, era um cego que costumava encontrar-se sentado com outros às portas da cidade de Lisboa, à beira do caminho que dava para o Lumiar, a pedir esmola a quem passava. Não via há uns dez anos, como nos foi referido por muitas e variadas pessoas, homens e mulheres dignas de crédito que disso são testemunhas.

Veio ele à igreja de Lisboa, uma manhã, e prostrou-se humildemente em oração perante o sepulcro do mártir S. Vicente. Prolongando essa oração por bastante tempo, aconteceu que se encontrava ainda aí enquanto um sacerdote celebrava missa de aniversário<sup>27</sup> no altar de S. Vicente.

Tanto que o sacerdote chegou à consagração, homens e mulheres instavam com o cego dizendo-lhe que se erguesse para olhar para o corpo de Cristo. Não sabiam eles que era cego e julgavam que podia olhar, enquanto que ele ia dizendo que era cego e não via. Ergueu-se contudo do pavimento onde permanecera em oração, estendeu os braços e as mãos e começou a clamar e a dizer: 'Vejo o corpo de Cristo, vejo o corpo de Cristo'. Todos os homens e mulheres que então aí se encontravam e muitos outros que acorreram a este milagre renderam acções de graças a Deus e a S. Vicente.

2.6. Sexto milagre do mártir Vicente. Libertação de um monge do cativoiro dos sarracenos. Tendo falecido o Abade do mosteiro de Poblet de Maiorca<sup>28</sup>, foram enviados dois dos monges desse mosteiro ao de Poblet da Catalunha do qual este depende, a fim de o Abade e a

<sup>27</sup> Entendemos que se trata de missa de aniversário pelos defuntos.

<sup>28</sup> O mosteiro cisterciense de Maiorca é La Real, em Palma de Maiorca, fundado em 1236. Compreende-se a atribuição do nome de Poblet em razão da dependência criada pela fundação. Os Abades de Poblet da Catalunha são, para o período em causa: Ramón de Siscal, (1237-1328), Ramón Donat (1238-1241); cf. *Gran Enciclopèdia Catalana*, XI, Barcelona, 1978,

Poblete de Maiorca missi fuerunt duo de monachis ei[us]dem  
 5 monasterii ad monasterium de Poblete de Cathelonia cui illud  
 monasterium de Maior[is] est subiectum ut eis prouiderent abbas et  
 conuentus monasterii de Poblete de Cathelonia aliquem de suis  
 monachis in abbatem. Tunc magistrum Reymondum quo[n]dam  
 primarium in Romanaque licet inuitum et nolente[m], sed factum  
 postea uolente[m] propter bonum obediencie, dederunt eis in  
 10 abbatem. Qui iter arripiens cum duobus monachis monasterii de  
 Maiorga qui missi fuerant ad ipsum postulandum, ueniunt ad  
 ciuitatem Valencie in qua martirizatus fuit beatus Vincencius et  
 episcopus eiusdem ciuitatis benedixit illum in abbatem.

Qui cum de Valencia ad suum monasterium quod erat in Maiorga  
 15 nauigarent, capti in mari a sarracenis ad Malaga[m] sunt adu[er]si.  
 Ibi inuenientes quendam diachonum de Corduba qui apostatauerat  
 et se fecerat sarracenum, abbas cepit ei predicare ut ad fidem Christi  
 redderet et sciturus pro certo quod nulla fides est nisi fides Christi, et  
 omnes alie infidelitates non saluant sed condempnant. Quippe ipse  
 20 apostata uerba salutaria abbatis ferre non potens, sed inde factus  
 deterior et offensus, cucurrit ad regem de Malaga et subiessit ei multa  
 de abbate: et quod sarraceni fidem non habebant sed infidelitatem, que  
 saluare non poterat sed da[m]pnare, et eos uituperabat et legem  
 eorum. Vnde iratus rex fecit abbatem cum monachis suis ante se adduci  
 25 et fragellis, que ipsi sarraceni azoutes uocant, publice [cedi] per  
 medium. Et in fine tandiu et tam fortiter fecit abbatem azoutari seu  
 uerberari quod sanguis de toto corpore currebat in terra et carnes ita  
 aperte fuerunt quod interiora omnia uidebantur et inclinato capite  
 inuius de monachis suis emisit spiritum, inter flagella et in recessu  
 30 anime a corpore Ave Maria dicendo.

- 2.6 3 Pblete  
 4 Cha Cathelonia  
 8 inuitum: inuicum  
 10 qui iter: quunter  
 14 qui: quia  
 18 nullam  
 19 quippe: quia  
 22 infidelitate  
 23 uituperabat: incuperabat  
 25 publice: publates  
 29 inuius: unius

comunidade do mosteiro de Poblet da Catalunha lhes destinarem algum dos seus monges para Abade. Designaram-lhes então como Abade a Mestre Raimundo, em tempos homem de governo em Romanac<sup>29</sup>, embora contra a sua vontade expressa que depois alterou por virtude de obediência.

Pondo-se ele a caminho com os dois monges do mosteiro de Maiorca que haviam sido enviados para o postular, chegam à cidade de Valência, onde fora martirizado S. Vicente, e o bispo dessa cidade deu-lhe a bênção de Abade<sup>30</sup>.

Iam já de barco, de Valência para o seu mosteiro de Maiorca, quando foram capturados no mar pelos sarracenos e conduzidos a Málaga. Encontram aí um diácono de Córdova que havia apostatado e se fizera sarraceno. O Abade começou a pregar-lhe que regressasse à fé de Cristo e a fazer-lhe saber com clareza que não há outra fé senão a de Cristo e que todas as demais são falsas doutrinas que não levam à salvação mas à condenação.

Não podendo o apóstata suportar as salutares palavras do Abade, e ficando com elas mais endurecido e agastado, apressou-se a ir ter com o rei de Málaga e fez-lhe muitas acusações sobre o Abade: que, segundo ele, os sarracenos não tinham fé verdadeira mas viviam no erro, o qual não podia salvar mas condenar, e que os insultava a eles e à sua lei. Com isso, o rei ficou indignado e mandou trazer à sua presença o Abade com os seus monges e vergastá-los em público com azorragues que os sarracenos chamam açoites. Tanto tempo e com tanta força fez açoitar, ou seja vergastar, o Abade que no fim o sangue corria de todo o corpo por terra e as carnes de tal modo ficaram golpeadas que se viam todas as vísceras. Inacessível aos seus monges, sucumbiu e rendeu o espírito no meio dos açoites, enquanto ia dizendo Ave Maria até a alma se retirar do corpo.

Ora uns genoveses que haviam presenciado todo o martírio, ao verem o Abade já morto e julgando firmemente que estavam perante

716-719; MAUR COCHÉRIÉL, *Études sur le monachisme en Espagne et au Portugal*, Paris-Lisboa, 1966, cap. V, 'Implantation et localisation des Abbayes dans la Péninsule Ibérique', pp. 323-376; LOUIS J. LEKAI, *The cistercians. Ideals and Reality*, Kent, 1977, p. 41.

<sup>29</sup> O título de 'primarius' não é usual, sobretudo para as funções monásticas. É de admitir que se trate de funções seculares, por hipótese, as de governador de uma região. A não ser que tenhamos de entender tratar-se de um dos fundadores de algum mosteiro que não conseguimos identificar (o termo aparece efectivamente com esse sentido na *Vita Theotonii*). Nem é também líquido o nome do local referido. Poderemos estar eventualmente perante uma forma deturpada de Armanyac. Cf. *Gran Enciclopèdia Catalana*, II, Barcelona, 1970, 461-462.

<sup>30</sup> A reconquista definitiva de Valência dá-se em 1238, no reinado de Jaime I de Aragão. Nesta mesma data é aí fundado o mosteiro cisterciense de La Roqueta, sob invocação de S. Vicente, justamente para salientar que aí fora ele martirizado e aí se encontra o seu túmulo.

Quidam autem Ianuenses qui toto martirio presentes fuerant uidentes abbatem iam mortuum et firmiter credentes eum esse martirem supplicauerunt regi ut corpus eius iam exanime eis traderet et ab eis reciperet CCC.as duplas auri. Sed rex noluit et mandauit ut intus  
 35 quodam loco circa murum ciuitatis corpus sepeliretur. Abbate autem sepulto, duo fratres eius adducti sunt ad locum ubi captiui uendi consueuerant et unus de ipsis monachis ibi remansis uen[di]tus captiuus ibidem, sed alter monachus, nomine Sancius, uenditus sed en[p]tus ut mitte[re]tur in Ceptam.

40 Sarraceni qui eum emerant adduxerunt eum ad suam carracam, eciam in fundum carrace eum proiecerunt. Et inde preces fundens cum lacrimis ad beatum Vincencium ut eum non permitteret in Ceptam adduci et a captiuitate liberaret, sequenti nocte apparuit ei beatus Vincencius cum ingenti lumine, aliis qui erant carraca  
 45 dormientibus. Et ipsum lumine pertingebat a sursum usque deorsum. Et cum ipse [se] subleuasset, monachum Sancium super solium carreice leuauit et mox [de] pedibus eius, de manibus et collo cathene ceciderunt. Et miratus est ipse monachus quod ad sonum cathenarum non fuerunt excitati qui ibi erant, nec ad sonitum cuiusdam tabule que  
 50 cecidit in mare, in quam splendor in quo sanctus Vincencius ambulabat descendit et frater Sancius sumens suas cathenas descendit cum eo in ea[n]dem. Et cum tanta uelocitate trahebatur quod uidebatur monacho ut ad littus per cordam aliquam traheretur. Et dimissa tabula splendor ignis cepit ascendere per quendam locum qui nec ascendi nec  
 55 descendi poterat nisi per altas scalas uel nisi Deus illa loca tam aspera conuerteret in uias planas. Et tantum quantum uertuntur oculi frater Sancius sensit se stantem in loco planissimo [circa] mesquitam sarracenorum quando ipsi ab oratione exhibant et idem monachus ualde fuit perterritus timens ne a sarracenis capere[tur] et redum-  
 60 da[re]tur in captiuitatem, sed ipsi eum non uiderunt. Ipse autem splendorem, qui eum precedebat, uidens ante se ire, cepit post illum

32 abbate

34 ccc. as: ecclesia

36 ubi: nisi

42 permittent

43 captiuitatem

49 nec: et

55 deus: deius

57 mesquitam: methquintam

um mártir, suplicaram ao rei que lhes confiasse o corpo já sem vida em troca de trezentas dobras de ouro. O rei, porém, não anuiu e mandou sepultar o corpo em certo recinto próximo do muro da cidade.

Sepultado o Abade, foram os dois monges levados a um local onde os cativos costumavam ser vendidos. Um deles foi logo vendido como cativo, enquanto o outro, Sancho de seu nome, foi vendido e comprado para ser enviado para Ceuta. Os sarracenos que o haviam comprado conduziram-no à sua carraca e logo o lançaram no fundo dela. Aí dirigia ele súplicas entre lágrimas ao bem-aventurado Vicente para que não permitisse que o levassem para Ceuta e o libertasse do cativoiro.

Na noite seguinte, apareceu-lhe o bem-aventurado Vicente numa luminosidade imensa, enquanto os outros que estavam na carraca dormiam. Com a luminosidade envolvia-o de cima abaixo. Logo que ele se movimentou, ergueu o monge Sancho de cima do banco da carraca e imediatamente lhe caíram as cadeias dos pés, das mãos e do pescoço. Ficou de si admirado o monge de que com o barulho das cadeias não tivessem acordado os que ali se encontravam nem com o barulho de uma prancha que tombou no mar. Para esta desceu o esplendor em que S. Vicente caminhava e Fr. Sancho pegando nas suas cadeias desceu com ele para aí. Era levado com tanta rapidez que parecia ao monge que estava a ser puxado para a praia por alguma corda. Logo que abandonaram a tábua, o esplendor de fogo começou a subir para um local que não podia trepar-se nem descer-se sem ser por altas escadas ou a não ser que Deus convertesse tal local escarpado em caminho plano.

Tanto quanto os olhos podem avistar em torno, Fr. Sancho percebeu que estava num local extremamente plano junto de uma mesquita de sarracenos no momento em que eles saíam da oração. O monge ficou deveras aterrado por temer ser apanhado e voltar a ser posto em cativoiro, mas eles não o viram. Ao reparar, porém, que o esplendor que o precedia avançava à sua frente começou a segui-lo. Caminhava por um espaço bastante desimpedido, e eis que os sarracenos vinham atrás deles com uns cães, mas o esplendor de fogo entrou numa gruta <sup>31</sup> e Fr. Sancho com ele.

---

<sup>31</sup> A correcção de *spacium* para *specum* parece suficientemente justificada pela ocorrência deste mesmo termo mais abaixo no texto e exigida pela sequência narrativa.

ire. Et cum perambularent per unum spacium satis peruium, ecce sarraceni post eos cum canibus ueniebant, sed splendor ignis in quendam specum intrauit et frater Sancius cum eo.

65 Tunc sarraceni accedentes ad locum dicebant ad se ipsos: hoc queramus eos quia hic introierunt et latitant. Et intrabantur canes ut possint eos cum canibus inuenire. Sed canes usque ad pedes monachi uenientes recedebant nullum quidem latratum emitentes. Sarraceni autem quia in loco illo uiderant ignem mirabantur quod nec ignis  
70 uestigium inueniebant, et crediderunt esse uerum quod sarraceni qui exiuerant de mesquita illis dixerant, quod illum quem querebant non uiderant nec [iuxta] illos transitum fecerat, et si fecisset cum uidere et capere potuissent.

Et huc et illuc eum querentes et non inuenientes reddierunt ad  
75 propria. Et sic solitudo ipsorum querencium est deliberatio Sancii. Tunc splendor ignis exiuit de specu, et frater Sancius exiuit cum eo. Et uenerunt fere iam mane ad ortos de Granada ubi iacebant multi christiani cum multis anctibus et ouibus et bobus et uacis que  
80 duxerant ut uenderent sarracenis.

Et hic splendor dimissit Sancium monachum et recessit. Et Sancius remansit cum christianis illis. Tunc ipsi christiani ipsum interrogantes, ille cepit eis dicere per ordinem que sanctus Vi[n]centius fecerat circa eum. Ipsi uero christiani timentes ne sarraceni qui uenturi  
85 erant ad emendum inuenirent eum et interficerent uel in captiuitatem reducere[n]t, [ponunt], super, habitum secularem ut eius habitum transformarent et, eum super, unum gozinum possuerunt et uni homini qui cum eo ibat preceptum preceperunt quod poneret eum a facie cuiusdam castelli fratrum ordinis de Calatrava et conzinnum  
90 acciperet et rediret. Et ita factum est.

- 62 peruium: per unum
- 64 specum: spacium
- 67 possint: preposint
- 68 lacratum
- 71 quem: quod
- 74 illuc: illud
- 75 deliberacio Sancii: de basam
- 76 exiuit cum eo: est deo
- 79 que: qui
- 85 et: ut
- 87 possuerunt: possunt
- 88 eo ibat: cohibat
- 88 poneret: ponent

Então os sarracenos aproximaram-se do local e diziam entre si: «procuremo-los neste local porque entraram para aqui e estão escondidos». Meteram os cães para poderem encontrá-los, mas os cães vinham até aos pés do monge e retrocediam sem lançarem qualquer latido. Os sarracenos, porém, uma vez que nesse lugar tinham visto fogo, admiravam-se de que nem vestígio de fogo encontrassem e acreditaram que era verdade o que os sarracenos que haviam saído da mesquita lhes haviam dito que aquele a quem procuravam não o tinham visto nem por eles passara e que se o tivesse feito teriam podido dar por ele e prendê-lo. Procuraram-no por um lado e por outro e não o encontrando regressaram a casa. E assim o abandono dos que o procuravam permite a libertação de Sancho <sup>32</sup>.

Então o esplendor de fogo saiu da gruta e Fr. Sancho saiu com ele. Chegaram quase já de manhã aos campos de Granada onde se encontravam muitos cristãos com grande quantidade de patos, ovelhas, bois e vacas que traziam para venderem aos sarracenos. Aqui, o esplendor deixou o monge Sancho e retirou-se.

Sancho ficou com esses cristãos. Estes fizeram-lhe então perguntas e ele foi-lhes contando uma após outra as coisas que S. Vicente fizera em seu favor. Os cristãos, no entanto, temendo que os sarracenos que haviam chegado para negociar o identificassem, e o matassem ou o levassem cativo, põem-lhe em cima um hábito secular para dissimularem o hábito que trazia e em cima põem-lhe uma túnica grosseira <sup>33</sup> e dão ordens a um homem que fosse com ele e o deixasse frente a um castelo de Freires da Ordem de Calatrava, onde retomaria a túnica e de onde voltaria. Assim foi feito.

Ora os guardas das muralhas e do castelo, vendo que ele ficara abandonado sozinho no descampado, foram ter com ele e perguntaram-lhe o que se passava. Inteirados de tudo, levaram-no cheios de alegria para o castelo e com a mesma alegria o apresentaram ao Mestre. Este, depois de ouvir uma a uma todas as coisas que o bem-aventurado Vicente fizera em seu favor, mandou repicar os sinos e, tendo-se juntado toda a gente do castelo, com eles e com a comunidade mandou-lhe fazer profissão para honra de Deus e do bem-aventurado Vicente, e, vestindo Fr. Sancho com o hábito monástico, deu-lhe provisões e quem o conduzisse à cidade de Sevilla e

<sup>32</sup> A correcção que propomos para este passo constitui apenas uma tentativa de superação das dificuldades que a lição do manuscrito suscita.

<sup>33</sup> O termo 'gozinum' não se encontra registado nos nossos instrumentos de trabalho, mas podemos aproximá-lo de 'gossilia' que Du Cange dá como correspondendo a 'túnica grosseira'.

Sed custodes murorum et castelli [uidentes] qualiter demissus fuerat et quod solus astaret in campo, uenerunt ad ipsum querentes ab  
 95 eo de omnibus ueritatem. Et audita ueritate cum gaudio, cum gaudio presentauerunt magistro. Qui cum per ordinem ab eo audisset que circa eum fecerat beatus Vincencius, fecit pulssari canpanas, et, omnibus de castello conuenientibus, ipse cum eis et conuentu suo fecit fieri professionem ad honorem dei et beati Vincencii, et induens  
 100 fratrem Sancium uestibus monachalibus dedit ei expensas et qui eum duceret ad Hyspalem ciuitatem et inde ad Vlixbone[m] [ubi] referret omnia per ordinem que sanctus Vincencius sibi fecerat.

Pulssatis uero canpanis omnibus et populis concurrentibus ad ecclesiam cathedralem ubi iacebat corpus beati Vincencii, canonici ad  
 105 honorem dei et beati Vincencii 'Te deum laudamus' deuotissime cantauerunt et in sequenti die fecerunt uenire fratres minores ad predicandum et hoc miraculum populo nunciandum. Et [dum] predicacio fiebat, frater Sancius stetit in manicis ferreis et cathena collo iniecta ut uiderent et scirent quod sic a sarracenis fuerat ligatus et ab  
 110 istis uinculis per sanctum Vincencium absolutus.

Et facto sermone populi cum eo ecclesiam introeuntes cathenas in signum et memoriam tanti miraculi ante sepulcrum sancti Vincencii suspenderunt. Post aliquantos uero dies canonici, in suis domibus deficientes ad ultimum, expensas facientes in uia[m] sufficientes ei  
 115 contulerunt et cum litteris sui capituli monasterio Maiorge de Cathelonia, eiusdem abbati [et] conuentui commendauerunt.

2.7. Vincencii martiris miraculum VII.[m]. De ceca uisum recipiente. Quedam mulier de balneo Alafones, Tarasia Iohannis nomine, ueniens Vlixbonam et stans ad sepulcrum beati Vincencii cepit clamare et dicere: o beatissime et sanctissime Vincenti, per illum  
 5 te deprecor quis te fecit sanctum ut facias me uidere. Set astantes ibi

- 93 demisso
- 98 conuentus
- 101 ducent / Hyspaleum
- 104 ubi: uiri / iacebant
- 109 uiderunt
- 113 domibus: dominibus
- 115 Maiorga

daí a Lisboa onde referisse uma a uma todas as coisas que S. Vicente lhe fizera<sup>34</sup>.

Repicam todos os sinos e acorre toda a gente à igreja catedral onde se encontrava o corpo do bem-aventurado Vicente. Os cónegos cantaram com a maior devoção o 'Te Deum laudamus' em honra de Deus e do bem-aventurado Vicente e, no dia seguinte, mandaram vir os Frades Menores<sup>35</sup> para pregarem e anunciarem ao povo este milagre.

Enquanto se fazia a pregação, Fr. Sancho permanecia com algemas de ferro e com uma cadeia dependurada do pescoço para verem e se certificarem de que assim estivera preso pelos sarracenos e fora libertado por S. Vicente dessas cadeias. Acabado o sermão, a multidão do povo entrou com ele na igreja e em frente do sepulcro de S. Vicente suspendeu as cadeias para sinal e memória de tão grande milagre.

Alguns dias depois, porém, os cónegos que nas suas casas passavam necessidades extremas, fizeram-lhe provisões suficientes para o caminho e entregaram-lhas com cartas do seu capítulo com as quais o enviaram ao mosteiro de Maiorca da Catalunha<sup>36</sup>, ao seu Abade e à sua comunidade.

2.7. Sétimo milagre do mártir Vicente. Uma cega recupera a vista. Certa mulher das Caldas de Lafões, Teresa Anes de nome, veio a Lisboa e indo junto do sepulcro do bem-aventurado Vicente começou a clamar e a dizer: «O' mais que bem-aventurado Vicente, rogo-te, por Aquele que te fez santo, que me faças ver».

Ora, os que aí se encontravam ficaram agastados com os gritos e começaram a increpá-la para que se calasse. Mas ela mais e mais gritava: «S. Vicente, faz que eu veja», de tal maneira que te pareceria imitar o cego que gritava para o Senhor Jesus: «Tem piedade de mim, Filho de David», pois quanto mais a multidão o increpava para se calar tanto mais ele gritava, e assim também essa pobre mulher.

Não se passou muito tempo e logo de seguida, depois dos clamores, S. Vicente a fez ver e ela começou a louvar o nome do Senhor e a S. Vicente, por cujas preces recebera a vista e o uso dos olhos.

<sup>34</sup> Aceitando que Sevilha não era ainda lugar seguro para o monge, deveremos admitir que o milagre é anterior à conquista da cidade por S. Fernando, em 1248.

<sup>35</sup> Os Frades Menores encontravam-se em Lisboa desde inícios do séc. XIII, provavelmente já em 1217. Apenas se poderá deduzir daqui a importância da sua actividade apostólica exercida através da pregação.

<sup>36</sup> Menos que confusão há que admitir aqui simplificação na designação.

cum essent tedio effecti propter clamorem eius ceperunt eam increpare ut taceret, sed ipsa magis ac magis clamabat: 'sancte Vincenti, fac me uidere', ita ut uideretur tibi illum cecum inimitari qui ad dominum Ihesum clamabat 'miserere mei fili Dauid', quia turba quanto magis  
 10 eum increpabat ut taceret tanto magis ipse clamabat; sic et ista misera mulier. Nec mora intercessit, set mox post clamores sanctus Vincencius fecit eam uidere et illa cepit laudare nomen domini et sanctum Vincencium cuius precibus et lumen et uisum receperat oculorum.

2.8. Vincencii martiris miraculum VIII.m. De muliere surda et muta curata. Quaedam mulier Maria Ferdinandiz nomine que surda erat et muta cum egrederetur cum uiro suo de terra sua uidelicet de Villa Franca de Valcarcer et perambulasset multa loca sanctorum in  
 5 regno Legionis et Castelle ut sicut liberata fuerat a demonio per sanctum Bartolomeum de Cipidi sic per alios sanctos liberaretur a suis infirmitatibus et curaretur.

Et cum curari non potuisset, uenit tandem ad ciuitatem Vlixbone et hospitata est cum quadam muliere que cum intellexisset quod surda  
 10 et muta dixit uiro suo ut duceret ad monasterium de Achellis et ibi cum monialibus oraret et si forte deo placeret ibi a sancto Adriano curaretur.

Cum autem ad locum de Achellis peruenissent et portas monasterii clausas cum lapide fortiter percussissent, uenit quedam  
 15 monialis et interrogauit eos quid quererent. Et cum more mutorum cepisset dicta muta in ore boare monialis cepit ridere, sed maritus mute dixit moniali: 'domina, nolle ridere de nobis miseris, sed miserere mei et intromitte nos ad sanctum Adrianum ut precibus eius si deo placu[er]it possit ista miser[a] mulier de suis infirmitatibus ab eo  
 20 curari'.

Et introduxit eos monialis per ecclesiam usque ad altare, et ambo, uir et uxor, prostrauerunt sic in terra orando ante altare, uir corde et

10 increpabant / tacerent / miseri

2.8 8 tandem: tandere

9 qui

11 oraret: come

22 uir: uiri

2.8. Oitavo milagre do mártir Vicente. Cura de uma mulher surda e muda. Certa mulher, Maria Fernandes de nome, que era surda e muda, saiu com seu marido da terra que era Vila Franca de Valcarcer<sup>37</sup> e percorria muitos santuários do reino de Leão e Castela a fim de, como ficara livre do demónio por S. Bartolomeu de Cipide<sup>38</sup>, ser livre por outros santos das suas doenças e curada. Como não encontrava cura, foi finalmente à cidade de Lisboa e ficou hospedada em casa de uma mulher que ao perceber que ela era surda e muda disse ao marido para a levar ao mosteiro de Chelas<sup>39</sup> e aí rezassem com as monjas e se acaso fosse do agrado de Deus aí seria curada por Sto. Adrião.

Chegados ao lugar de Chelas e havendo batido com força, com uma pedra, às portas do mosteiro que estavam fechadas, veio uma monja perguntar-lhes o que queriam. Começou a muda a mugir com a boca à maneira dos mudos e a monja começou a rir, mas o marido da muda disse à monja: «Senhora, não te rias da nossa infelicidade, mas tem piedade de mim e deixa-nos entrar até junto de Sto. Adrião para que por sua intercessão, se for da vontade de Deus, esta pobre mulher possa ficar curada das suas enfermidades».

Levou-os a monja através da igreja até junto do altar e ambos, marido e mulher, se prostraram por terra a rezar perante o altar, o marido com o coração e a boca, a mulher apenas com o coração porque com a boca não podia. Enquanto ficam em oração, aquela pobre ergueu os olhos e viu um homem de porte extremamente nobre, de pé, à direita do altar. Tocou-lhe ele num e noutra dos ouvidos e imediatamente, naquele preciso momento, sentiu ela que recebera audição e ouvia aquele homem dizer-lhe: 'Vai a S. Vicente e perante o seu sepulcro dá graças a Deus pela tua saúde'.

Enquanto ia a caminho, sentiu que uma gota de água deslizava bastas vezes da boca pela garganta e pelo peito até ao umbigo.

<sup>37</sup> No limite da província de Leão com Lugo há uma povoação com o nome de Vila Franca del Bierzo; a curta distância passa o rio Valcarce ou Valcárce. Tal povoação está sobejamente registada em documentos do séc. XII, cf. PILAR LOSCERTALES DE C. DE VALDEAVELLANO, *Tumbos del Monasterio de Sobrado de los Monjes*, vol. II, Madrid, 1976, docs. 285, 288, 296, 301, respectivamente dos anos 1175, 1167, 1170, 1174. Agradeço à Dr.ª Manuela Domínguez, de Santiago de Compostela, a ajuda para a identificação destes elementos.

<sup>38</sup> Não nos foi possível identificar este topónimo.

<sup>39</sup> O convento de Chelas terá sido o claustro mais antigo de Lisboa e seus arredores, datando do séc. VII alguns dos seus elementos arqueológicos, e tendo por invocação S. Félix e Sto. Adrião. Foi objecto de sucessivas reconstruções, logo a começar por D. Afonso Henriques, ca. 1147, D. Sancho I, 1220-1226.

ore et uxor corde tantum quia ore non poterat. Et dum in oratione iacent, dicta misera erexit oculos et uidit unum hominem nimis  
 25 procere stature a dextris stantem altaris, qui ad utramque [auriculam] eam percussit, et incontinenti [ad] unum et idem momentum sensit se recepisse auditum et se audisse illum hominem dicentem sibi: 'uade ad sanctum Vincencium et ante sepulcrum eius refer deo gratias pro sanitate tua'.

30 Et dum iret, sensit in uia quod guttam aque diut[i]us ex ore defluere per gulam et pectus suum usque ad u[m]bilicum. Et cepit clamare et dicere: 'gracias deo et beato Vincencio, quia per eum loqui ualeo et audire'.

Et eadem die ueniens ad ecclesiam cathedralem in qua iacebat  
 35 corpus beati Vincencii, cepit narrare quibusdam ibi astantibus quod, cum fuisset surda et muta, sanctus Vincencius fecerat ea[m] loqui et audire et magnas gracias pro beneficiis que ei fecerat cepit referre et in sequenti die uenit ad missam que in honore sancti Vincencii solet cantari cotidie summo mane, et cepit in hominibus stantibus publicare  
 40 miraculum quod sanctus Vincencius circa eam [fecerat]. Et omnes qui ibi aderant et ipsa mulier quam plurimas gracias deo et beato Vincencio reddiderunt. Postea uero canonici scientes rei ueritatem per mulierem et per alios multos qui eam sciuerant surdam et mutam esse ceperunt ire cum processione ad sepulcrum beati Vincencii cantando  
 45 'Te deum laudamus etc.' qui per sanctos suos mirabilia operatur.

2.9. Vincencii martiris miraculum IX. [m]. De quodam [ceco] qui habebat caput tremulum. Quidam homo de Lugo, Iohannes Petri nomine, habebat duos filios, unum presbiterum et alterum diaconum. Sed presbiter cum fuisset in ecclesia sancti Petri de Frendeyros  
 5 Lugoniensis diosciscis per episcopum institutus, quidam miles Fernandus Fernandi nomine ius habebat in dicta ecclesia presentandi, ratione presentacionis a dicto presbitero et patre ipsius seruicium mille solidorum legionensium exi[ge]bat. Sed cum episcopus prohiberet ne ei pecunia dicta solueretur quia erat symonia, prefatus miles de nocte  
 10 consurgens ignem supponit, domum incendit in qua predicti duo fratres, presbiter et diachonus, dormiebant et ipsos in domo simul conbussit.

26 sensit: fuit et

2.9 2 tremulum cato

10 quam

Começou a clamar e a dizer: «Graças a Deus e ao bem-aventurado Vicente porque por ele consigo falar e ouvir».

Nesse mesmo dia foi à igreja catedral onde estava o corpo do bem-aventurado Vicente e começou a narrar a alguns que aí se encontravam que havia sido surda e muda e S. Vicente a fizera falar e ouvir. Começou a dar imensas graças pelos benefícios que lhe fizera e no dia seguinte veio à missa que em honra de S. Vicente se costuma cantar todos os dias ao romper da manhã e pôs-se a dar a conhecer às pessoas presentes o milagre que S. Vicente fizera em seu favor. Todos os que aí se encontravam e a própria mulher deram imensas graças a Deus e a S. Vicente. Depois também os cónegos, ao tomarem conhecimento da realidade dos factos pela mulher e por muitos outros que a tinham conhecido surda e muda, organizaram uma procissão ao sepulcro de S. Vicente, entoando o 'Te Deum Laudamus' a esse Deus que opera maravilhas pelos seus santos.

2.9. Nono milagre do mártir Vicente. Um cego que sofria de tremuras de cabeça. Certo homem de Lugo, João Peres de nome, tinha dois filhos, um sacerdote e outro diácono. Ora o sacerdote fora provido pelo bispo na igreja de S. Pedro de Frendeiros<sup>40</sup> da diocese de Lugo, mas um certo cavaleiro, Fernando Fernandes de nome, tinha o direito de apresentação nessa igreja. Em razão disso exigia do sacerdote e de seu pai a prestação de mil soldos leoneses, enquanto que o bispo proibia o pagamento desse dinheiro por ser simonia.

Certa noite o cavaleiro ergueu-se e foi atear fogo à casa onde aqueles dois irmãos, o sacerdote e o diácono, se encontravam a dormir e queimou-os a ambos dentro de casa. De manhã, enquanto os corpos dos mortos eram retirados todos queimados do incêndio, o pai ficou ali sentado e assim permaneceu durante cinco dias e cinco noites, sem comer nem beber, por extrema dor pelos filhos. Por isso lhe sobrevieram vertigens de cabeça com tremuras em todos os membros e cegucira nos olhos. Atingido de paralisia, ficou com tais tremuras em todos os membros e com tal instabilidade e perturbação que uma cana agitada pelo vento não podia oscilar com mais vibração.

---

<sup>40</sup> Encontra-se o nome deste topónimo num documento do séc. XI, falsamente datado de 745, sob a designação de S. Petro de Franatarios, numa doação, post obitum, feita pelo bispo Odoário à igreja de Lugo: in ripa Minei in Elebron ecclesia S. Romani ecclesia de S. Pedro de Franatarios. Cf. ANTONIO C. FLORIANO, *Diplomática Española del Período Astur--Estudios de las fuentes documentales del Reino de Asturias (718-910)*, Oviedo, 1949, doc. 5, p. 50.

Mane autem facto, cum corpora eorum combusta ab in[cen]dio  
 mortua trah[er]entur, pater eorum sedit per V.e dies et V.e noctes non  
 15 manducans nec bibens pre dolore nimio filiorum et ex hoc incurrens  
 uertiginem capitis et tremulacionem in omnibus menbris et cecitatem  
 in oculis; percussus paralisi ita factus est tremulus in omnibus menbris  
 suis et tanta uolubilitate et tremulacione agitabatur quod arundo uentis  
 agitata non poterat agitari anplius in tremore.

20 Qua de causa, consultum ei fuit ut iret ad Sanctam Mariam de  
 Vissuvin. Et cum in eadem ecclesia uigilia[m] noctis ageret, ipse  
 nesciens que [uel] qui oculos eius tetigisset, et statim in anbobus  
 oculis suis uissum recepit et ex parte lateris sinistra qua paralyticus erat  
 recuperauit sanitatem. Et in eadem nocte quedam domina in  
 25 so[m]pnis ei apparens pulcra nimis et decora, dixit ut iret in  
 Purtugalia[m] ad ciuitatem Vlixbone et sanctus Vincencius [eum]  
 curaret totaliter.

Cum autem ille peruenisset Vlixbonam et in ecclesia uigilaret per  
 III noctes ante sepulcrum beati Vincencii et in circuitu stridore nimio  
 30 commoueri [sentiret] et intus sepulcrum reuoluciones fieri, quesiu  
 quis interius reuolueretur. Et ad hoc caput et oculos attolens et  
 sciens se sanum factum, cepit clamare: 'surgite qui dormitis et uidete  
 quia sanus factus sum et sanctus Vincencius me sanauit'. Et illi qui tunc  
 ibi aderant ceperunt dominum et sanctum Vincencium collaudare.

35 Mane autem factō, rex Portugaliae et omnes fere de ciuitate  
 Vlixbone qui eum uiderant morbidum ultra quam dici posset  
 mirabantur de sanitate eius. Istius enim hominis morbus tam horribilis  
 erat cernentibus et tam intolerabilis aspicientibus quod aspicientes, ab  
 eo faciem auertentes et oculos, fugiebant. Caput enim eius tremore  
 40 continuo concuciebatur, agitabatur et uoluebatur. Nunquam enim

16 *post* menbris *repet.* et cecitatem in oculis percussus paralisi ita factus  
 est tremulus in omnibus menbris et cecitatem in oculis percussus paralisi  
 ita factus est tremulus in omnibus menbris suis et...

18 uentus

20 Sancta Maria

21 agent

23 que

26 ad: ac / sancte

30 commouit

33 sanus: uanus

37 sanitate: sanctitate

Por tal motivo, aconselharam-no a ir a Santa Maria de Vissuvint<sup>41</sup>. Tendo feito nessa igreja a vigília nocturna, sem ele saber quem lhe tocava nos olhos, imediatamente passou a ver em ambos eles e recuperou a saúde do lado esquerdo em que estava paralítico. Nessa mesma noite, uma senhora de extrema beleza e rica apresentação apareceu-lhe em sonhos e disse-lhe que fosse a Portugal à cidade de Lisboa e S. Vicente o curaria completamente.

Tendo ele chegado a Lisboa e estando em vigília na igreja já pela terceira noite perante o sepulcro do bem-aventurado Vicente, sentiu agitação em redor com enorme ruído e movimentos dentro do sepulcro. Quis saber quem se movimentava lá dentro. Para isso levantou a cabeça e o olhar e sentiu que estava curado e começou a bradar: «Levantai-vos do sono e vede que estou curado e S. Vicente me curou». Os que então aí se encontravam começaram a louvar o Senhor e a S. Vicente.

Já de manhã, o rei de Portugal e grande parte da cidade de Lisboa por quem fora visto mais doente do que se pode relatar, ficavam admirados com a sua cura. Com efeito, a doença deste homem era tão repelente ao olhar e tão insuportável às pessoas que com ele encaravam que estas desviavam dele o rosto e o olhar e fugiam dele. É que a sua cabeça, com as tremuras contínuas, batia os dentes, tremia e andava às voltas. Realmente a cabeça não parava de estremecer senão quando era posta sobre uma pedra ou sobre uma tábua ou em terra; nem ele podia comer ou beber senão quando ficava com a cabeça presa em algum lugar.

Este milagre foi feito por S. Vicente na igreja de Lisboa. Demos graças a Deus. Amen<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> Nas Cantigas de Santa Maria, n.º 352, refere-se o santuário de Santa Maria de Viso, que se situa perto de Redondela (Pontevedra), e onde o culto mariano é seguramente anterior a 1308, pois com essa data se conserva uma inscrição pertencente à parede românica de uma primitiva ermida (cf. DHEE, s. u. «santuários — Viso»). A admitir a equivalência haveria que explicar a deformação do nome; não vemos, porém, a relação que isso poderia ter com uma eventual tradição de 'Viso grande' em Maio, ou 'Viso pequeno' em Setembro.

<sup>42</sup> Esta doxologia pode traduzir o encerramento de uma colectânea primitiva de milagres. A introdução de L, de resto, apresenta-a também e ela voltará a surgir no final do milagre a seguir acrescentado.

caput a tremore cessabat nisi cum illud super lapidem uel lignum uel in terra ponebat; nec poterat comedere uel bibere nisi cum caput super aliquem locum fixum haberet.

Hoc miraculum factum fuit a sancto Vincencio in ecclesia  
45 Vlixbone. Deo gracias. Amen.

3.0. Vincencii martiris et sanctarum Sabine ac Cristete sororum eius sacrum martirium describentes primo agemus de ipsius sancta conuersacione et captione sororumque ipsius tribulacione, secundo de ipsorum fuga et fugientium comprehensione et felici consumacione,  
5 tercio de miraculosa per serpentem corporum ipsorum protectione ac iudei conuersione.

Virulentus Dacyanus cum post multas martirum cedes ciuitatem quandam Hispanie nuncupatam Elboram peruenisset inuenit ibidem quandam iuuenem christianum Vincencium nominatum, cuius sorores  
10 erant Sabina beatissima et Cristeta.

Conperiens igitur Dacianus illum iuuenem esse christianum, dedit sententiam contra eum ut aut sacrificaret deo Ioui aut in eodem loco si sacrificare contempne[re]t morte turpissima deperiret.

Cunque duceretur ut Ioui sacrificaret ueniente eo ad ianuam  
15 platearum subito lapis qui plante subiacebat eius diuinitus ita demolitus est ut puluerem ex se reddiret et uelut impressio cuiuslibet figure metalli in cera ita sigillum pedis lapis ille demonstrauit; quod prodigium usque hodie sic habetur.

Territi tanto miraculo milites inquirunt: nichil tale deorum  
20 cultores nostrorum faciunt; illum uerum deum esse connoscimus quem collit Vincencius, [cuius] imperio lapides uim suam amittunt. Pro qua re, cum domi custodiendum reducunt.

Sabina uero et Cristeta sorores eius, que Christum eciam colebant, domum custodie eius in silencio ingredientes, occasione reperta et

41 in terra: intra

42 nisi cum: non

43 habent

3.0 3 tribulacionem

5 ac: ad

6 conuersacione

12 Ioui: uoui / si: sic

15 Ioui et / ianuam: iauam

17 quod: quam

3.0. Para narrarmos o santo martírio do mártir Vicente e das suas irmãs Santas Sabina e Cristeta, em primeiro lugar trataremos da sua vida santa e da sua prisão bem como da aflicção de suas irmãs; em segundo lugar, da fuga deles, da captura após a fuga e do seu santo martírio; em terceiro lugar, da protecção miraculosa dos seus corpos por uma serpente e da conversão de um judeu <sup>43</sup>.

O virulento Daciano, após múltiplas execuções de mártires, chegou a uma certa cidade de Espanha chamada Évora, onde encontrou um cristão de pouca idade chamado Vicente que tinha duas irmãs, as bem-aventuradas Sabina e Cristeta. Dando-se, pois, conta de que esse jovem era cristão, lavrou contra ele a sentença de que ou sacrificaria a Júpiter ou, se se recusasse a sacrificar, morreria da forma mais ignóbil.

Levam-no a sacrificar a Júpiter, mas, chegando ao limiar das praças, de repente, a pedra que lhe ficava por debaixo da planta dos pés desfez-se de tal modo que se transformou em pó e, como se fosse o cunho de qualquer sinete de metal na cera, assim aquela pedra ficou com a marca do pé gravada. Tal prodígio conserva-se ali até hoje.

Aterrados por tamanho milagre, os soldados dizem: 'Nada de semelhante fazem os que prestam culto aos nossos deuses; ficamos a saber que o Deus verdadeiro é aquele que Vicente adora, pois às suas ordens as pedras perdem consistência'.

Levam-no por esse motivo para casa e aí o guardam. Ora, as duas irmãs, Sabina e Cristeta que também adoravam a Cristo, sem que ninguém desse por isso, entram na casa em que ele estava a ser guardado e, numa ocasião em que ninguém ali se encontrava, por entre lágrimas, dirigem-lhe estas palavras: «Tem pena de nós, irmão mais velho, tem pena de nós; estamos já orfãs de pai e de mãe, tu eras quem tomava conta de nós, tu eras o nosso pai, a nossa mãe; a quem nos deixas que vão dar-nos a morte? Ponhamo-nos em fuga e, se entretanto voltarmos a ser apanhados pelos perseguidores, entreguemos juntos as almas à Trindade divina».

---

<sup>43</sup> A fonte desta narrativa é o *Passionário Hispânico*, onde, no entanto, falta o prólogo que aqui figura e que não deixa de ser elemento característico pela planificação que introduz; cf. *Passionario Hispánico*, ed. 'Angel Fábrega Grau, Madrid, 1955, II, p. 358 ss.. O desconhecimento do contexto codicológico de onde possa provir o caderno manuscrito que transmite esta versão impossibilita-nos fazer um juízo plenamente definido acerca de uma hipotética confusão na mente do compilador quanto à identificação entre S. Vicente de Valência e S. Vicente de Avila. Por parte do redactor, pelo menos, a distinção parece assegurada. É não apenas a toponímia que não se confunde, mas também as doxologias finais que aparecem como elemento separador e distintivo.

25 nullo astante, tales cum fletu dabant uoces: parce nobis, domine, parce nobis, iam a patre matreque orbate, tu nobis dominus, tu pater, tu eras ut mater; cui nos perituras relinquis? simul fugam arripiamus et si fugientes a persecutoribus preoccupati fuerimus, simul Trinitati deo animas trademus.

30 Victus tandem precibus earum Vincencius sanctus cessit. Simulque fugam arripietes, Abulam confugiunt, Hispanie ciuitatem statimque eos uelociori equitatu crudelissimi persecutores assecuntur. Quos in memorata urbe repertos spoliantes crudelissime uinxerunt et extra portam educentes in loco qui nunc Vestigia uocatur, post eculi  
35 suspensionem ac membrorum diuaricationem, colla lapidibus superponentes et fuste desuper cerebro illiso tali martirio coronati pariter animas deo rediderunt. Inhumata corpora milites relinquentes, et ne sepelirentur cominantes, ad Dacianum leticiam nunciare regrediuntur.

Verum subito nutu dei e cauernis serpenium egressa belua, que  
40 uiuentes consueuerat deglutire, cepit sinuoso sui corporis flexu capite sublimato Christi martires custodire.

Quidam uero iudeus [cum] causa curiositatis per locum transsiret uoluit uidere corpora martirum illorum. Serpens uero ille, scamea colla subleuata, facto inpetu uolubiliter circumdatum uinculis corporis  
45 sui astrinxit. Stetitque unius fere [h]ore spacio immobilis, [et] deo inspirante sursum erigens oculos, hec uerba produxit: Christe, tuorum defensor seruorum, libera me ab hac mali [g]na bestia ut in te credens signaculum accipiam tuum et corpora dominorum meorum, amicorum tuorum honorifice sepeliam ac basilicam [h]onore eorum  
50 meo sumptu efficiam.

Hec ut dixit, [serpens] ille tortuosa uincula soluens, rapidissimo ictu effugiens, nunquam conperuit. Iudeus uero quidquid promiserat totum postea compleuit et christianus effectus basilicam de sumptu suo miro opere decoratam construxit ad laudem almiffui Iesu Christi cui  
55 est honor et gloria per secula. Amen.

- 25 et parce
- 27 parituras
- 28 a: si
- 36 cerebro: celebros
- 38 coninantes
- 45 stetitque: statimque
- 51 soluens: soluentes

Vencido, finalmente, pelas súplicas, S. Vicente anuiu e juntos empreendem a fuga e encaminham-se para Ávila, cidade de Espanha<sup>44</sup>. Sem demora os perseguidores cruéis os alcançam em cavalgada mais rápida. Dão com eles na dita cidade e aí os prendem sem piedade. Levam-nos para fora de portas a um local que agora chamam Vestígios. Suspendem-nos do cavalete, despedaçam-lhes os membros e depois calcam-lhes o pescoço com pedras e esmagam-lhes a cabeça à paulada. Coroados com tal martírio, juntos entregam a alma a Deus. Os soldados deixam os corpos insepultos e, proferindo ameaças contra quem pretendesse dar-lhes sepultura, regressam a dar notícias a Daciano.

Porém, de súbito, por vontade de Deus, de um esconderijo de serpentes sai um monstro que costumava engolir os vivos; com o corpo enroscado em anéis e a cabeça no ar, põe-se a guardar os mártires de Cristo.

Ora, certo judeu passava por mera curiosidade por aquele local e quis ver os corpos daqueles mártires. A serpente levanta o pescoço escamoso, forma um ímpeto, enrosca-o nas espirais e aperta-o nos anéis do seu corpo. Ficou ele imóvel por espaço de quase uma hora e levantando os olhos para o alto, sob inspiração divina, pronunciou estas palavras: «Cristo, defensor dos teus servos, livra-me deste animal maligno, para que eu acredite em Ti, receba o teu sacramento, dê sepultura condigna aos meus senhores e teus amigos e construa a expensas minhas uma basílica em sua honra».

Mal acabou estas palavras, a serpente desata as espirais dos anéis, foge numa batida rapidíssima e nunca mais apareceu.

O judeu, por seu lado, cumpriu depois tudo quanto prometera; feito cristão, construiu, a expensas próprias, uma basílica de traça admirável em louvor de Jesus Cristo Deus, a quem seja dada honra e glória pelos séculos. Amen.

---

<sup>44</sup> Esta especificação não aparece no texto do *Passionário Hispânico*. Repare-se, todavia, que ela não concorre para determinar o lugar de origem dos mártires e situar o processo judicial, já que a mesma indicação é dada para Évora. Não se levantará ainda então a questão do local (Talavera, segundo uns, Évora, segundo outros — mais concretamente, neste caso, na versão de André de Resende para o *Breviário de Évora*); cf. C. GARCIA RODRIGUEZ, *El culto de los santos en la España romana y Visigoda*, Madrid, 1966, pp. 281 ss..